

# EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA



*Ações conjuntas da escola e comunidade*

# EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

AÇÕES CONJUNTAS DA  
ESCOLA E COMUNIDADE

Essa publicação pertence à equipe  
EDUCAÇÃO e COMUNIDADE  
CENPEC

OK

Seminário "Educação para a Cidadania: Ações Conjuntas da Escola e Comunidade"  
31 de maio a 3 de junho de 1998  
Universidade do Professor de Faxinal do Céu, Paraná



**Realização:**

Secretaria de Estado da Educação do Paraná  
Universidade do Professor de Faxinal do Céu  
Avenida Água Verde, 1.682  
80240-900 – Curitiba - PR  
Tel: (041) 340-1525

**Promoção:**

Unicef, Unesco, MEC, Embaixada dos Estados Unidos, Consed,  
Undime, SEED-Paraná, Sebrae, Gife, Fundação Roberto Marinho/Canal Futura,  
Fundação Vitor Civita, Banco Itaú, Andi e Cenpec.

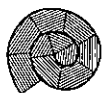
**Comissão Organizadora do Evento:**

Ambar de Barros, Alice Quadrado Avanço, Carlos Steven Bakota,  
Catherine Jarvis, Célio Cunha, Corina Costa Ramos, Edson Charavara, Eva Tamara,  
Flávia Schilling, Garren Lumpkin, Geraldinho Vieira, Josecler Gomes Moreira,  
Leda Lúcia Cordeiro, Luiz Eduardo Junqueira, Neide Nogueira, Neroaldo Pontes,  
Og Roberto Dória, Ramiro Wahrhaftig, Roberto Amaral, Vilma Guimarães, Udo Bock  
e Zita Porto Pimentel

**EDUCAÇÃO  
PARA A  
CIDADANIA**  
**AÇÕES CONJUNTAS DA  
ESCOLA E COMUNIDADE**



Educação para a Cidadania: Ações Conjuntas da Escola e Comunidade



**CENPEC**

*CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA*

Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 2.045 – Jardim América

01441-001 – São Paulo - SP

Tel: (011) 3068-9871 Fax: (011)3068-9874

info@cenpec.org.br

http://www.cenpec.org.br

Supervisão Editorial	Denise Carreira
Edição de Textos	Alexandre Hubner
Tradução	Maria Carbajal
Revisão	Sandra A. Miguel
Apoio Administrativo	Ivani Gil Zakzuk Márcia Marques
Editoração Eletrônica	AC&R
Capa e Ilustração	Sandra Kaffka

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação para a Cidadania: Ações Conjuntas da  
Escola e Comunidade. — São Paulo :  
CENPEC

Realização : Secretaria de Estado da  
Educação do Paraná.

Apoio : UNICEF e UNESCO

98-5435

CDD-370.1150981

**Índices para catálogo sistemático:**

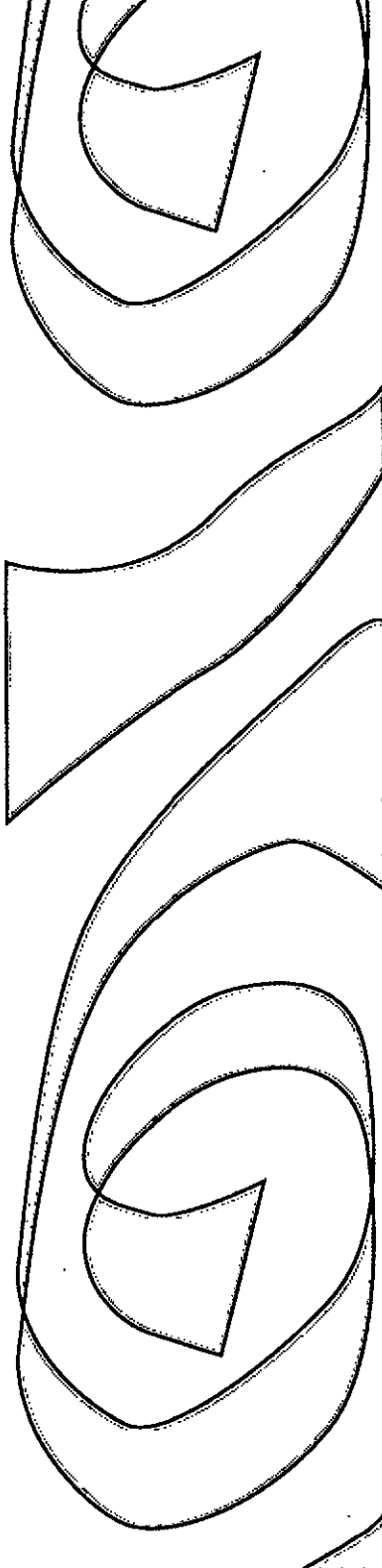
1. Brasil : Educação  
370.1150981

Estes Anais foram publicados em janeiro de 1999 com o apoio financeiro do



Texto poético "PESSOAS SÃO MÚSICAS"

© JOSÉ OLIVA (041). 352.6284 \* TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.



*Pessoas são músicas,  
você já percebeu? Elas entram na  
vida da gente e deixam sinais. Como  
a sonoridade do vento ao final da  
tarde. Como os ataques de guitarras  
e metais presentes em cada clarão  
da manhã. Olhe a pessoa que está ao  
seu lado e você vai descobrir,  
olhando fundo, que há uma melodia  
brilhando no disco do olhar. Procure  
escutar. Pessoas foram compostas  
para serem ouvidas, sentidas,  
compreendidas, interpretadas. Para  
tocarem nossas vidas com a mesma  
força do instante em que foram  
criadas, para tocarem suas próprias  
vidas com toda essa magia de serem  
músicas. E de poderem alçar todos  
os vãos, de poderem vibrar com  
todas as notas, de poderem cumprir,  
afinal, todo o sentido que a elas foi  
dado pelo Compositor. Pessoas são  
músicas como você. Está ouvindo?  
Como você. Pessoas têm que  
fazer sucesso. Mesmo que não  
estejam nas paradas. Mesmo que  
não toquem no rádio.*

José Oliva

## Apresentação

No ano em que se comemoram os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o seminário “Educação para a Cidadania: Ações Conjuntas da Escola e Comunidade” reuniu representantes do poder público, da sociedade civil organizada e formadores de opinião, com o objetivo de promover uma reflexão sobre as ações que vêm sendo realizadas na busca de um ensino público de melhor qualidade.

As experiências relatadas durante o seminário revelaram a existência de instituições decididas a investir na formação dos jovens e de suas famílias, comprometidas que estão com a melhoria da educação e com a luta por uma sociedade mais igualitária e mais justa, em que as relações entre as pessoas sejam pautadas pelos princípios básicos dos direitos humanos. Neste sentido, percebe-se uma grande preocupação com a promoção da auto-estima como chave do crescimento individual, com o desenvolvimento de valores éticos e da cultura universal, bem como com o respeito à diversidade das manifestações culturais e do conhecimento preexistente das crianças e jovens que frequentam nossas escolas.

A melhoria da qualidade do ensino está sendo constantemente buscada, por meio de iniciativas de democratização do acesso e de garantia da permanência do aluno na escola. Ao mesmo tempo, experiências inovadoras vêm sendo realizadas, tendo como objetivo a prevenção e recuperação dos prejuízos da exclusão social, através, por exemplo, de propostas dirigidas a crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, oferecendo-lhes

oportunidades diversas de profissionalização. Não menos importantes são os programas de capacitação contínua, os quais possibilitam o rompimento de paradigmas estagnantes, com a conseqüente disseminação de tecnologias, além de abrir possibilidades na aprendizagem de novos ofícios.

Por outro lado, as propostas apresentadas durante o seminário mostraram que a sociedade brasileira chegou a um consenso de que a responsabilidade pela educação não é única e exclusivamente da escola. Há inúmeras experiências de integração com a comunidade em que as pessoas passam a contribuir com a gestão da escola e, desse modo, redescobrem a importância dessa instituição como um patrimônio cultural que deve ser cuidado e respeitado. Nessa mesma direção, percebe-se um número cada vez maior de empresas e organizações da sociedade civil que acreditam que a educação é um compromisso a ser assumido por todos os segmentos sociais.

Há também políticas de gestão destinadas a priorizar a escola enquanto agente mobilizador da sociedade, destacando-se experiências que procuram estimular os jovens a participar dos grêmios estudantis. Tal participação, combinada com o incentivo às ações comunitárias, ajuda a criar um comprometimento com os princípios éticos de justiça social e respeito mútuo entre os indivíduos. Dentre os inúmeros aspectos que essa mobilização vem assumindo, destacam-se as experiências que tratam da violência nas escolas, levando os próprios jovens a discutir a violência e tomar consciência das implicações que ela traz para a escola e para a comunidade.



Dessa maneira, eles desenvolvem uma preocupação com a preservação do espaço físico da escola e com a integridade física das pessoas. Inúmeras iniciativas caminham nessa direção, incentivando aprendizagens através da afetividade, do compromisso e do envolvimento responsável.

Analisando as contribuições que o seminário ofereceu ao tema, fica a constatação muito clara de que as mensagens veiculadas têm poder de mobilizar, divulgar e contribuir com a discussão sobre os direitos humanos. Além disso, foram estabelecidas referências para a gestão pública e para a atuação da sociedade civil, incentivando a realização de ações compartilhadas entre escola e comunidade, bem como o fortalecimento de parcerias entre organismos nacionais e internacionais. Pode-se concluir, portanto, que o seminário representou um importante estímulo à prática de uma educação voltada para a cidadania.

*Ramiro Wahrhaftig*  
Secretário de Estado da Educação do Paraná

# Sumário

INTRODUÇÃO	13
PRIMEIRAS PALAVRAS	15
EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: DESAFIOS E CAMINHOS <i>Maria Alice Setubal</i>	16
OS DIREITOS HUMANOS DAS CRIANÇAS <i>Agop Kayayan</i>	20
PRIORIZANDO A EDUCAÇÃO PÚBLICA <i>Jaime Lerner</i>	22
MENSAGENS DE PESSOAS-SÍMBOLO	27
Aluno ENFRENTANDO A EVASÃO ESCOLAR: O PACTO DE LAGOA SANTA <i>Elói Marcelo de Oliveira Silva</i>	28
Professora POR UMA ESCOLA DE CIDADÃOS <i>Roseline de Jesus Pedroso</i>	31
Sociedade Civil UM JORNALISMO PELA CIDADANIA <i>Gilberto Dimenstein</i>	34
Sector Público DA RUA PARA A ESCOLA <i>Fani Lerner</i>	38
Entidade Empresarial ABRINDO CAMINHOS <i>Viviane Senna</i>	40
REFLEXÕES E CAMINHOS	43
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS: 50 ANOS <i>Oscar Vilhena Vieira</i>	44

MOBILIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ESCOLAS ORIENTADAS PARA A DIVERSIDADE E A INCLUSÃO SOCIAL	54
<i>Lorraine Monroe</i>	
A SEGURANÇA NAS ESCOLAS DO SÉCULO XXI	66
<i>Peter Lucas</i>	
AS CIDADES EDUCADORAS	83
<i>Pilar Figueiras</i>	
<b>MESA-REDONDA: PARCERIA EMPRESA- ESCOLA: Perspectivas e Compromissos</b>	89
A ATUAÇÃO DAS FUNDAÇÕES EMPRESARIAIS	90
<i>Flora Lovato</i>	
O DESAFIO DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO	95
<i>Marina das Graças Moraes</i>	
DEBATE	99
<b>RELATOS DE EXPERIÊNCIAS:</b>	
<b>Tecendo a Cidadania no Cotidiano</b>	109
PRÁTICA PEDAGÓGICA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIAL	110
FORMAÇÃO INTEGRAL PARA A CIDADANIA	126
PROGRAMAS DE APOIO A PERMANÊNCIA, RETORNO E SUCESSO DO ALUNO(A)	146
MOBILIZAÇÃO SOCIAL E COMUNICAÇÃO	157
<b>BALCÃO DE IDÉIAS:</b>	
<b>Criando e Expondo</b>	171
<b>ENDEREÇOS</b>	177

# Introdução

Esta publicação apresenta a edição dos principais momentos do Seminário “Educação para a Cidadania: Ações Conjuntas da Escola e Comunidade”, realizado de 31 de maio a 3 de junho de 1998 no Paraná, no Centro de Capacitação de Faxinal do Céu, Universidade do Professor.

Para proporcionar maior entendimento do processo vivido, aliado a uma consistência editorial, organizamos o volume em seis blocos. *Primeiras Palavras* reúne os textos apresentados na abertura do evento. Os artigos abordam, com precisão, intenções, objetivos e o sentido ousado da iniciativa.

As *Mensagens de Pessoas-Símbolos* reúnem falas de homens e mulheres que, representando setores da sociedade civil, vêm se destacando na luta em prol da educação pública de qualidade. Para os organizadores do evento, tais pessoas contribuem com suas ações e atitudes para a promoção e defesa dos direitos humanos no Brasil

Nas *Reflexões e Caminhos*, quatro expositores discorrem sobre temas fundamentais do evento: a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Educação para a Diversidade e a Inclusão Social, a Violência e a Segurança nas Escolas e a concepção das Cidades Educadoras. Os conteúdos são referências centrais no debate sobre os desafios contemporâneos da educação pública brasileira.

A *Mesa-Redonda* “Parceria Empresa-Escola: Perspectivas e Compromissos” apresenta as experiências dos Institutos C&A e Iochpe e discute as condições para a ampliação das iniciativas relevantes das empresas junto ao sistema educacional público. A responsabilidade social do setor privado, a participação civil, o papel do Estado, a requalificação profissional, a globalização foram alguns dos temas discutidos.

Os *Relatos de Experiências: Tecendo a Cidadania no Cotidiano* apresentam de forma sintética a riqueza criativa das diversas experiências implementadas por organizações não governamentais e instituições públicas do país.

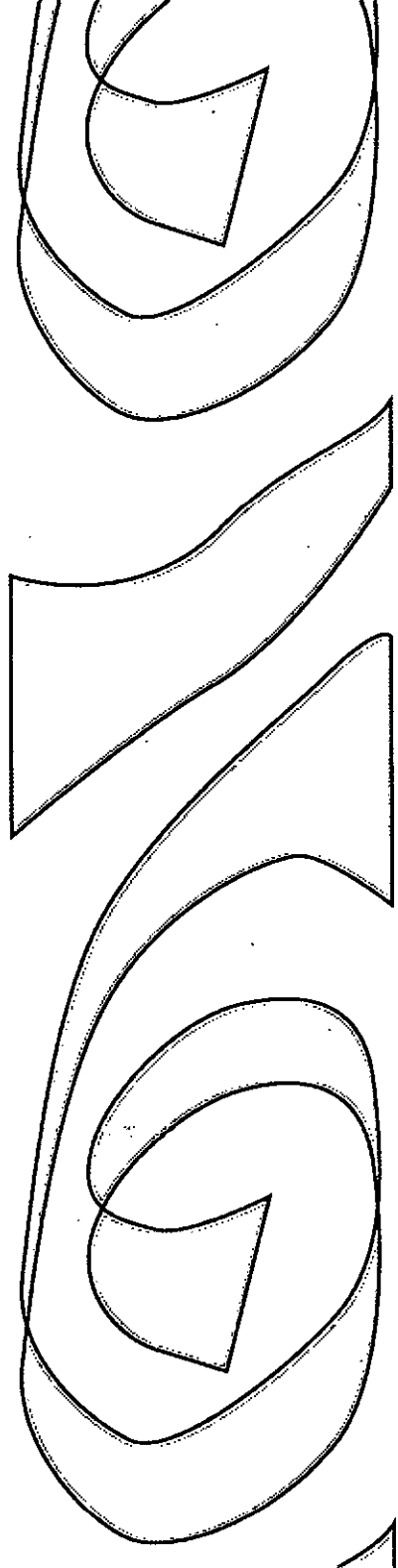
Na elaboração desta edição, optamos pela disposição dos relatos de acordo com quatro temas: 1) Prática Pedagógica, Diversidade e Inclusão Social; 2) Formação Integral para Crianças e Adolescentes; 3) Programas de Apoio a Permanência, Retorno e Sucesso do(a) Aluno(a); 4) Mobilização Social e Comunicação. É importante notar que tal organização não dá conta da complexidade e entrecruzamento temático presentes nas diversas experiências relatadas, mas constitui um referencial importante para orientação do leitor sobre aspectos de destaque que fazem parte dos projetos e programas.

Durante o Seminário, o *Balcão de Idéias* foi um espaço alternativo, criado com a finalidade de oferecer aos educadores a oportunidade de apresentar suas experiências, utilizando-se de espaço físico adequado para a exposição de produtos criados em seus projetos. O Balcão constituiu-se num ambiente vivo e criativo, onde expositores e público puderam partilhar experiências comuns e muitas vezes precursoras, fomentando iniciativas e enriquecendo propostas de trabalho que já estão em andamento. Apresentamos, na parte referente ao Balcão de Idéias, as instituições que participaram do espaço, com uma breve descrição dos projetos apresentados no evento.

Ao final da publicação, há um anexo, contendo endereços e telefones, para que os eventuais interessados possam entrar em contato com os responsáveis pelas experiências relatadas durante o seminário.

Esperamos que estes Anais contribuam para a divulgação das propostas em desenvolvimento e reflexões apresentadas durante o Seminário, possibilitando o intercâmbio e o surgimento de novas parcerias entre as instituições e grupos comprometidos com a construção da cidadania brasileira.

PRIMEIRAS  
PALAVRAS



# Educação para a Cidadania: Desafios e Caminhos

*Maria Alice Setubal*<sup>1</sup>

Agradeço a honra de estar aqui falando em nome de todos os parceiros das áreas pública, privada e do terceiro setor que, mantendo suas especificidades e diferenças, uniram-se na organização desse nosso Encontro<sup>2</sup>.

Tal esforço coletivo tem por objetivo visibilizar, discutir e intercambiar experiências educacionais inovadoras, desenvolvidas tanto por instituições governamentais como por organizações da sociedade civil. Experiências que possuem um compromisso profundo com uma educação de qualidade e a construção da cidadania no Brasil.

Nesse contexto, podemos afirmar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos constitui um marco fundamental para situarmos os desafios envolvidos na busca de uma educação de qualidade. Uma educação destinada a formar sujeitos de direitos, cidadãos e cidadãs ativos que contribuam crítica e criativamente para a construção de uma sociedade justa e democrática.

Esse processo demanda a articulação entre o local, o regional, o nacional e o global, assim como entre os tempos cotidiano e histórico. Exige que se levem em conta as dimensões subjetiva e social dos indivíduos. Lembrando Bernardo Toro, podemos dizer que um cidadão é uma pessoa capaz, em cooperação com outros, de construir e proteger a dignidade de todos. Nesse sentido, os direitos humanos constituem o norte ético de um projeto democrático.

A educação para a cidadania social, entendida como a habilitação para o exercício dos direitos humanos, supõe o desenvolvimento de ca-

---

1 Diretora-presidente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), consultora do UNICEF sobre educação para América Latina e Caribe. Socióloga, mestre em Ciência Política e doutora em Psicologia da Educação. Autora de diversos livros e artigos.

2 Texto apresentado, em nome das instituições promotoras, na abertura oficial do Encontro "Educação para a Cidadania: Ações Conjuntas da Escola e Comunidade".

pacidades para a conquista e a vivência plena e responsável desses direitos. O objetivo primordial a ser alcançado é a consolidação de uma sociedade inclusiva que habilite os cidadãos a conquistar a igualdade de condições e oportunidades.

Para isso, não é suficiente que as instituições públicas se ocupem apenas da oferta de serviços sociais. É necessário ir além, gerando condições concretas e promovendo valores e atitudes que efetivem a equidade no acesso ao conhecimento e na integração social. Uma equidade que reconheça a diversidade e supere as perversas desigualdades sociais existentes em nosso país.

A prática do ensino desempenha papel fundamental nesse processo, pois tem como grande desafio garantir a todas as crianças a aprendizagem dos conhecimentos, valores e habilidades escolhidos como significativos pela sociedade. Conhecimentos e valores que possibilitem o saber indispensável à inserção social.

A educação de qualidade, baseada nos preceitos mencionados, não pode ser tarefa apenas de um governo, nem tampouco apenas de uma política de Estado *stricto sensu*. Esse desafio exige a participação intensa da sociedade civil, de seus diferentes setores, na formação de suas crianças e jovens como cidadãos que possam ter acesso aos bens culturais e transformar a sociedade em que vivem.

Tal missão exige mudanças de mentalidade, a partir das quais as organizações do Estado e da sociedade civil se percebam como fontes criadoras de uma nova ordem social. Portanto, nós aqui juntos nesse Encontro, representando diversas instituições governamentais e não governamentais, temos de refletir sobre a importância de avançarmos no sentido de uma maior articulação de ações concretas. Esse esforço é fundamental para que superemos a dispersão e a fragmentação, possibilitando uma atuação mais estratégica, que costure talentos, otimize recursos e promova impactos positivos profundos na realidade social.

A escola é um dos espaços onde as relações entre o local, o nacional e o global, entre o cotidiano e o histórico, tornam-se possíveis, imprescindíveis. Ao mesmo tempo, é o espaço dos diferentes contextos de socialização, nos quais se constroem modos de sentir, pensar e agir entre:



## EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

- educadores
- educadores e alunos
- alunos
- escola e família
- escola e meios de comunicação
- escola e comunidade/ONGs

A educação é um processo contínuo de construção/reconstrução cultural. Alcançar uma educação de qualidade, norteadada pela promoção dos direitos humanos e da cidadania, implica a criação de uma **comunidade educativa**, tecida a partir de um pacto entre os diversos atores do campo educacional. Um pacto que tenha como compromisso o refundar da escola em uma base democrática e cidadã.

A existência de uma **comunidade educativa** permite que a escola pública se transforme em espaço de construção de um trabalho articulado entre diversas organizações. Um trabalho que possibilite o desenvolvimento de uma nova cultura cotidiana, fundada no sentimento de “fazer parte”, de “pertencimento” a uma família, a uma escola, a uma comunidade, a uma nação. Uma cultura que fortaleça laços e relações e promova valores como solidariedade, respeito, generosidade.

Para isso, é necessária a participação, baseada em posturas ativas e no protagonismo dos diversos atores sociais. O conceito e o estímulo à participação devem ter como objetivo primordial o desenvolvimento da institucionalidade, entendida como a criação e o fortalecimento de organizações da sociedade civil, tais como associações, clubes, grêmios, conselhos e outras. É preciso tecer vínculos, fortalecer interlocutores, avançar na institucionalização, a partir dos quais interesses particulares possam ser ampliados para propostas públicas e coletivas.

A construção cultural de uma nova mentalidade fundada e refundada na vida cotidiana deve ter por base a relação com o entorno, a atuação no espaço público e a construção de uma identidade individual desenvolvida a partir do autoconhecimento e da interação com outras pessoas e grupos. Tal identidade se constrói também a partir do reconhecimento das dimensões e especificidades raciais, étnicas, regionais e tantas outras que constituem a diversidade do tecido social.

A consolidação de uma **comunidade educativa** depende do aprofundamento das relações entre governo, escola, família e comunidade, entendidos enquanto espaços nos quais se “aprende a olhar o mundo” e se constroem identidades.

O desenvolvimento pleno dessa comunidade educativa exige que o Estado garanta as condições básicas de funcionamento da escola e que os educadores garantam a todos os alunos o acesso à aprendizagem do conhecimento. Um saber que responda aos problemas, necessidades e expectativas da sociedade e que possibilite a inserção social e a atuação na realidade. Como destaca a Unesco, um conhecimento baseado no aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser.

É fundamental que os estudantes tenham garantidos seus direitos a uma educação de qualidade, e que também se sintam participantes da construção da escola, percebendo-se parte dela. A criança e o jovem devem ser considerados como sujeitos de direitos, que contribuam na elaboração das regras e, por isso mesmo, se comprometam a cumpri-las.

Cabe à família participar desse processo não apenas enviando seus filhos à escola, mas discutindo problemas, necessidades, expectativas e influenciando o funcionamento da escola no cotidiano.

Através das organizações não governamentais, a comunidade pode trazer para a instituição escolar experiências e conhecimentos criativos e inovadores que vão do lúdico e estético ao desenvolvimento de práticas participativas e cidadãs. A comunidade tem o papel fundamental de estimular a escola a reconhecer e trabalhar com a diversidade social, sem reforçar desigualdades e discriminações negativas.

Acreditamos que a sociedade brasileira, como um todo, deve demandar e exigir que a educação de qualidade seja uma prioridade nacional. Nesse processo, cabe aos indivíduos e organizações participar ativamente da construção de uma educação universal, democrática e cidadã. Esse é o caminho para que enfrentemos a histórica e gigantesca dívida social do País e possamos, de fato, conquistar um Brasil mais justo, onde todos os cidadãos e cidadãs tenham uma vida digna.

# Os Direitos Humanos das Crianças

*Agop Kayayan*

Representante do Unicef no Brasil

**G**ostaria de falar a vocês sobre dois pequenos grandes princípios. Não pretendo filosofar sobre eles, não pretendo discuti-los. Vou apenas mencioná-los. O primeiro deles é que a cidadania e o gozo dos direitos humanos deve começar desde o período de gestação da criança. O segundo é que os direitos humanos são direitos que devem ser aplicados de maneira universal; caso contrário, deixam de ter qualquer sentido. Se há pessoas excluídas que não têm acesso a esses direitos, isso significa que temos problemas.

Venho notando aqui no Paraná um grande esforço no sentido de aplicar e estender esses direitos básicos a todas as crianças. Certa vez, estava em um hotel em Curitiba e, enquanto preenchia o registro de entrada, escutei uma conversa que se travava atrás de mim. Um secretário municipal contava ao secretário estadual da Saúde que, após muito esforço, conseguira localizar uma criança que havia morrido em seu município. Pensei comigo: “Mas que estranho! Em outros lugares morrem centenas, milhares de crianças e ninguém se dá conta, muitas vezes elas não têm nem mesmo registro de nascimento ou certidão de óbito, e aqui isso é tratado de uma maneira realmente séria, há toda uma mobilização para localizar a criança”. Aos poucos fui percebendo que esta atitude não era fruto apenas da ação de lideranças políticas ou de um pequeno grupo de pessoas. Ao contrário, é uma atitude generalizada em todo o Estado do Paraná.

Hoje o Brasil atingiu no ensino fundamental uma cobertura de 98%. Isto é, 98% das crianças brasileiras freqüentam as escolas de ensino fundamental. O que normalmente vemos por aí é que as pessoas se orgulham de terem alcançado este índice. Ora, aqui no Paraná o que se percebe é um enorme esforço para atingir esses 2% que estão faltando. Há toda uma mobilização — e o programa “Da Rua para a Escola” mostra isso — no sentido de localizar esses 2% de crianças e colocá-las na escola, o que representa uma verdadeira mudança no sistema ético. É justamente isso que o Unicef vem pregando há alguns anos. Para exemplificar, imaginemos um país onde existam casos de tortura. Mesmo que nesse país 98% da popula-

ção não seja torturada, isso significa que estamos diante de uma situação de grave desrespeito aos direitos humanos, pois 2% estão sendo torturados. É dessa maneira que devemos pensar a questão da educação.

O Unicef tem se preocupado muito com a questão do “controle de qualidade” dos direitos humanos, ou seja, precisamos estender os direitos humanos a todas as crianças e não podemos parar até que possamos oferecer o que há de melhor para elas. Portanto, ao olharmos para esse índice de 98% de crianças com acesso ao ensino fundamental, não nos podemos acomodar. Precisamos trabalhar intensamente para colocar todas as crianças na escola e é isso que vem sendo feito aqui no Estado do Paraná. Por outro lado, também não basta colocar todas elas na escola e não oferecer uma educação de boa qualidade. Por isso resolvi vir a este seminário: porque acredito que se trata de uma iniciativa muito importante para que possamos melhorar a qualidade da educação neste país.

Em relação a esse aspecto, gostaria de ressaltar o papel fundamental dos programas de capacitação de professores. Há excelentes programas de capacitação em quase todos os estados. O problema é que esses programas atingem 200, 300, no máximo 500 professores. E quanto ao resto? Da mesma maneira que é preciso colocar todos os alunos na escola, também precisamos oferecer capacitação para todos os professores. Além disso, a questão não é dizer de que maneira eles devem ensinar Matemática, como devem ensinar Português. Trata-se, isso sim, de abrir o horizonte do professor para que ele próprio possa fazer mudanças em sua prática pedagógica.

Para terminar, gostaria de fazer uma crítica ao governador. Na qualidade de representantes do Unicef, somos treinados para jamais criticar autoridades em público. Temos de nos conter e expressar nossas críticas em particular, em reuniões fechadas. Hoje, porém, vou cometer essa impropriedade porque acredito que a experiência que está sendo realizada no Paraná precisa ser conhecida em todo o Brasil. Alguns políticos mais responsáveis costumam ser muito modestos e não gostam de sair por aí, alardeando suas iniciativas. O fato, porém, é que vivemos um momento de escassez de recursos e não podemos gastar tempo e dinheiro inventando sempre coisas novas. Portanto, gostaria de criticar o governador do Paraná por sua modéstia, pois é preciso que o Brasil inteiro conheça a experiência do Paraná e é preciso que cada vez mais eventos como este sejam organizados.

# Priorizando a Educação Pública

*Jaime Lerner*

Governador do Estado do Paraná

Tenho quase 30 anos de vida pública, mas confesso que nunca me senti tão ansioso para falar como hoje. Há tempos venho combatendo um hábito muito difundido em nosso país, ao qual costumo chamar de “visão trágica das coisas”. É comum ouvirmos as pessoas dizendo que no ano 2020 teremos não sei quantas crianças na rua, mas como o País é muito grande, os problemas são tão complexos, devemos nos conformar com essa perspectiva trágica. As pessoas dizem que daqui a algum tempo a cidade de São Paulo vai ter 50 milhões de habitantes e é impossível resolver os problemas de uma metrópole deste tamanho.

Passei a vida toda por situações como essas. Desde o início do meu trabalho, convivi com pessoas dizendo que não era possível melhorar a vida em cidades tão populosas e tão problemáticas. Mas acredito que às vezes devemos nos perguntar: por que não é possível? Por que devemos nos conformar?

Assim, ao longo dos anos fui desenvolvendo uma espécie de vacina contra essa visão trágica, porque ela é uma maneira de ver que acaba nos deixando completamente desconsolados e nos impede de usar nossa energia no sentido de transformar as coisas. Nunca me esqueci da frase de um microbiologista, um humanista francês famoso, em que ele dizia que tendência não é destino. O momento em que uma sociedade detecta uma tendência indesejável é muito importante, pois é justamente aí que temos a oportunidade de fazer mudanças a fim de reverter o quadro desfavorável. Isso aconteceu, por exemplo, com a questão do meio ambiente. Em 1972, o mundo detectou uma tendência indesejável e começou a mudar. Por que o problema da densidade não atingiu a América Latina? Porque detectamos o problema e, embora ainda tenhamos alguns bolsões com altas taxas de crescimento, fomos capazes de reverter essa tendência, conseguimos corrigi-la.

Nunca me conformei com respostas muito simples. Nesta questão

do meio ambiente, por exemplo, somos bombardeados pela mídia com problemas como o da camada de ozônio, o aquecimento da Terra, e o resultado é que nos sentimos como se fôssemos pacientes terminais, como se não houvesse nada a fazer. Na verdade, porém, o problema ambiental pode começar a ser resolvido a partir de uma perspectiva local. Eu costumava dizer a meus alunos que se eles pretendiam fazer algo a respeito desse problema, podiam começar com duas atitudes muito simples. A primeira delas era usar menos seus carros e a segunda era separar o lixo. Se cada um de nós fizesse isso, haveria menos problemas ambientais; e se em todas as cidades essa fosse uma prática comum, a situação do meio ambiente modificar-se-ia sensivelmente em todo o mundo.

É muito difícil encontrar uma visão generosa sobre as cidades e por isso seus problemas permanecem sem solução. É preciso compreender que esses problemas não são meras conseqüências das dificuldades econômicas e que as cidades têm um grande potencial de transformação. Ao longo desses anos de trabalho, aprendi que não podemos ficar esperando por soluções, não podemos esperar que o problema do transporte se resolva com a linha de metrô que será construída em 2020, não podemos achar que o problema do lixo será resolvido comprando usinas de processamento cada vez mais caras. Precisamos encontrar soluções já, como, por exemplo, incentivando as pessoas a separar o lixo em suas próprias casas. No Paraná, iniciamos uma campanha dirigida às crianças e foram elas que ensinaram seus pais a fazer a separação do lixo em casa. Hoje, em Curitiba e várias outras cidades do Estado, 70% da população está fazendo a separação de lixo.

Gostaria agora de contar como surgiu a idéia de criar a “Universidade do Professor”. Sempre me preocupei com a questão da qualidade de ensino. Mas como fazer para melhorar o ensino sem antes melhorar o nível dos professores? Depois de muitas reuniões com especialistas, resolvemos organizar seminários de capacitação. O problema é que esses seminários atingem no máximo 200 ou 300 pessoas. Como seria possível atingir o universo de todos os professores do Paraná? Foi a partir deste problema que começamos a elaborar a idéia da “Universidade do Professor”.

Em primeiro lugar, resolvemos utilizar a infra-estrutura que havia sido instalada para viabilizar a construção de uma usina hidroelétrica pró-

xima a Faxinal do Céu. A usina já estava em funcionamento há muito tempo e não necessitava mais de todos esses equipamentos. Então, aproveitamos a estrutura, reciclamos o que já existia, construímos novas casas e fizemos tudo o que era necessário para transformar este lugar em um espaço destinado ao aperfeiçoamento dos professores. Foi assim que resolvemos a questão da escala. Como o Sr. Agop Kayayan disse, não basta atingir 98% dos professores. É preciso que todos eles tenham acesso a essa oportunidade de aperfeiçoamento de suas práticas pedagógicas. Assim, começamos com 200 professores, passamos para 400, depois para 600, e enquanto isso fomos reciclando esse espaço, construindo auditórios, e mais 300 casas. O fato é que, até agora, já passaram por aqui 50 mil professores e vamos continuar até que todos participem dessa experiência. Todos serão treinados, reciclados, todos terão essa oportunidade. Já estamos, inclusive, desenvolvendo novas fases do trabalho, que serão realizadas a partir do momento em que todos os professores tiverem passado pela etapa inicial.

Lado a lado com essa iniciativa, temos o programa “Da Rua para a Escola”, que hoje envolve todos os municípios do Paraná. Tirar uma criança da rua e colocá-la na escola é uma tarefa muito difícil, porque não basta oferecer cestas básicas para sua família. É preciso fazer todo um trabalho de esclarecimento com seus pais e, além disso, é muito importante preparar os professores para que eles recebam bem essa criança, pois ela requer um cuidado especial, ela já não está mais acostumada com a escola. Isso exige um esforço extraordinário, mas creio que em pouco tempo poderemos dizer com orgulho que no Paraná não existem mais crianças de rua.

Gostaria ainda de mencionar três outros programas que vêm contribuindo para a melhoria das condições sociais em nosso Estado. O primeiro deles diz respeito ao combate à mortalidade infantil. No Paraná tínhamos altas taxas de mortalidade infantil. Em média, a cada 1.000 crianças nascidas, 30 morriam (isto é, 3%) e em alguns municípios esse número subia para 100 mortes em cada 1.000 nascimentos — ou seja, 10% de mortalidade infantil, que é uma taxa similar à de alguns dos países mais atrasados do mundo. Pois bem, hoje temos 10 mil voluntários trabalhando para diminuir esse problema e já conseguimos reduzir a média do Estado para 2%.

O segundo programa foi elaborado a partir de uma preocupação que tínhamos com as condições de vida dos bóias-frias. A realidade desses trabalhadores volantes na agricultura é muito dura e precisávamos fazer alguma coisa a respeito. Criamos, então, o programa "Vilas Rurais". Nessas vilas, cada trabalhador tem um pedaço de terra onde ele pode plantar para seu próprio sustento. Além disso, oferecemos casa, assistência médica e educação para seus filhos. No momento, temos 350 vilas rurais, financiadas com recursos do governo do Estado e deveremos receber agora uma ajuda do Banco Mundial para consolidar esse projeto, construindo mais 200 vilas. Quando isso for concluído, estaremos atendendo a 17 mil famílias, ou seja, 80 mil pessoas, o que representa um dos maiores movimentos de terras no País, realizado de maneira pacífica e ordeira.

O terceiro programa chama-se "Florestas Municipais" e também está sendo implementado na área rural. Seu objetivo é envolver todas as crianças do Paraná, ajudando-as a plantar novas árvores e recuperar a cobertura vegetal do Estado. Cada criança fica responsável por um certo número de árvores, de 50 a 100 árvores, devendo cuidar delas até o início da vida adulta, isto é, quando tanto ela, criança, como as árvores tiverem amadurecido o suficiente para poderem viver por si mesmas. Já replantamos 14 milhões de árvores dessa maneira.

Citei essas iniciativas porque elas se baseiam no princípio de que é preciso encontrar causas coletivas, a partir das quais as pessoas sintam-se motivadas a contribuir para que todos possamos ter uma vida melhor. A palavra "faxinal", que dá nome a este lugar maravilhoso onde estamos hoje, Faxinal do Céu, vem da tradição polonesa ou ucraniana e quer dizer cultura comum, plantio comum, onde todos plantam juntos.

Gostaria de encerrar recordando uma situação ocorrida quando eu ainda era prefeito de Curitiba. Uma escola resolveu homenagear minha mãe, adotando-a como sua patrona. Embora muito emocionado, fiquei me perguntando o motivo dessa escolha, uma vez que minha mãe não havia sido educadora. Lembrei-me de sua vida e durante a cerimônia resolvi contar um pouco de sua história, pois cheguei à conclusão de que, de fato, ela merecia ser homenageada. Ela veio ao Brasil em uma época muito difícil. No país onde ela nasceu não havia respeito aos direitos humanos e isso valia inclusive para as crianças. Como era judia, ela não



foi autorizada a freqüentar a universidade. Além disso, enquanto esteve na escola, não podia sentar-se durante as aulas. Isso mesmo, ela era obrigada a assistir a todas as aulas de pé. E, no entanto, sua vontade de aprender era tão grande que ela passou dez anos de sua vida indo à escola nessas condições. Meu pai, embora fosse um homem de grande cultura, não havia podido freqüentar a escola e foi ela quem o alfabetizou. Por esse motivo, por eles terem vindo a um país como o nosso e aqui terem encontrado a esperança, eu me julgo no dever de trabalhar para que nossas crianças tenham a esperança de uma vida melhor.

Fico muito angustiado quando vejo pessoas que se entregam e acham que não podem transformar as coisas. Através do nosso esforço podemos, sim, transformar o mundo, podemos melhorar a educação, a saúde, o meio ambiente, podemos transformar a vida de nossas crianças. Para isso, basta que tenhamos vontade, e tenho certeza de que todos aqui compartilham desta vontade.

MENSAGENS  
DE PESSOAS-  
SÍMBOLO



## Enfrentando a Evasão Escolar: O Pacto de Lagoa Santa pela Educação

*Elói Marcelo de Oliveira Silva*

Coordenador do Pacto de Lagoa Santa

Sou responsável pela coordenação de uma organização não governamental chamada “Pacto de Lagoa Santa pela Educação”, cujo objetivo é colocar todas as crianças entre 7 e 15 anos na escola e ajudar aquelas que já estão estudando, mas enfrentam dificuldades. Atualmente, nós temos uma equipe de 250 adolescentes e contamos com aproximadamente 20 adultos para coordenar toda essa equipe. Enfrentamos muitas dificuldades até chegarmos a esse número de pessoas envolvidas. Minha história começou quando li alguns folhetos do “Pacto de Minas pela Educação”, onde havia dados sobre os índices de repetência e evasão escolar no Estado de Minas Gerais. Esses índices me assustaram muito, porque acredito que uma criança fora da escola compromete todo o futuro de um país e isso me levou a pensar que talvez eu pudesse fazer alguma coisa para ajudar a melhorar essa situação.

Meu primeiro passo foi elaborar um questionário e, em seguida, enviá-lo às escolas estaduais de Lagoa Santa, que é um município com aproximadamente 50 mil habitantes, localizado nas proximidades de Belo Horizonte. As perguntas eram basicamente sobre os índices de evasão. Das seis escolas para as quais enviei esse questionário, apenas duas responderam. Na época, eu tinha 14 anos de idade e por isso senti que ninguém estava me levando muito a sério. Assim, quando procurei a Secretaria Municipal de Educação, disseram que eu não devia me preocupar, pois o assunto não era da minha conta.

Apesar disso, não desisti. Pensei muito sobre o que fazer e cheguei à conclusão de que, como não tinha os números, o melhor seria procurar diretamente aquelas crianças. Chamei um vizinho, meu amigo, e fomos a um bairro carente de Lagoa Santa que se chama Morro do Cruzeiro. Localizamos 10 crianças fora da escola. Isso ocorreu no final de 1994. No ano seguinte, tentamos encaminhar essas 10 crianças, mas não conseguimos. Foi então que o promotor de justiça de Lagoa Santa ficou sabendo da

nossa iniciativa e propôs a criação de um Conselho Tutelar. A partir desse momento, passamos a obter mais respaldo e conseguimos colocar as crianças na escola. Pensamos em dar um nome a essa idéia de localizar crianças fora da escola e batizamos nossa iniciativa de “Arrastão Cívico”. Em 1995, localizamos 67 crianças em alguns bairros e encaminhamos 21 delas. Infelizmente era um número pequeno mas, mesmo assim, foi um grande passo para nós, pois nessa época nosso grupo contava com apenas 15 pessoas.

No final de 1995, foram feitas várias reportagens sobre nosso trabalho e uma delas chegou às mãos do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Através do Unicef, ele nos convidou para participar dos lançamentos da campanha “Acorda Brasil: Está na Hora da Escola”. Desde então, já tivemos 3 encontros com ele.

Ainda no final de 1995, criamos a “Sala do Entender”, que é uma sala de reforço escolar, com aulas ministradas por alunos de 2<sup>a</sup> Grau. Inicialmente, atendemos a 73 crianças e conseguimos ótimos resultados. Em 1996, realizamos outro “Arrastão Cívico”, desta vez em toda a cidade, e localizamos 120 crianças, das quais 103 foram encaminhadas às escolas. Das 17 restantes, algumas se mudaram da cidade e outras saíram da faixa etária com a qual trabalhamos. Além disso, recebemos mais 91 crianças para as aulas de reforço e continuamos obtendo excelentes resultados. Na verdade, todas essas crianças passaram de ano. Em 1997, já como resultado concreto de nosso trabalho, encontramos apenas 38 crianças fora da escola — uma redução significativa em relação ao número anterior de 120 crianças —, sendo que foram encaminhadas, se não me engano, 28.

A responsabilidade pela coordenação dessas crianças fora da escola é do Conselho Escolar que, no entanto, não estava cumprindo o seu dever — o que é de se lamentar. Por isso, no final de 1996, nós criamos um programa chamado “Anjos da Guarda”. São membros das comunidades de cada bairro, que ficam de olho para ver se as crianças estão mesmo indo à escola, se elas estão precisando de algum material. Conseguimos unir toda a cidade em torno desse programa, fazendo jus ao nome da nossa organização, o “Pacto de Lagoa Santa pela Educação”. Com essa união, o que passou a acontecer foi que se uma criança não tinha material para estudar, nós buscávamos junto às empresas, junto às lojas e conseguíamos o material de que ela necessitava. Não havia na cidade um siste-

ma de transporte escolar gratuito — com nossa mobilização junto às empresas de transporte coletivo, conseguimos a implantação desse sistema. Em 1998, vencemos nosso grande desafio. Para muitas pessoas isso pode ser banal, mas para nós que estamos lutando, trata-se de algo muito significativo: conseguimos zerar o índice de evasão escolar no município de Lagoa Santa. Em toda a cidade, encontramos apenas 9 crianças que não estavam freqüentando a escola e no início da semana retrasada encaminhamos a última delas.

Penso que em educação temos de fazer assim, lutando, sem perder tempo com muita falação. Falar dos problemas é muito fácil. Encontrar soluções para eles é um pouco mais difícil... Porém, se a gente lutar, se conseguirmos unir nossas forças, assim como fizemos em Lagoa Santa, então poderemos melhorar a situação da educação neste país. Sei que muitos de vocês devem estar pensando que nossa mobilização em Lagoa Santa foi uma coisa localizada, que não é assim que vamos conseguir mudar a educação no Brasil, pois a dimensão dos problemas é muito maior. No entanto, gostaria de contar a vocês uma pequena história:

Certa vez, uma criança estava na praia e viu aquele monte de estrelas-do-mar jogadas na areia. Então, com grande entusiasmo, ela começou a devolvê-las ao mar. Um sábio que passava por ali viu aquele afobamento todo da criança, e chegando mais perto, perguntou por que ela estava fazendo aquilo: “Existem quilômetros e mais quilômetros de praias cheias de estrelas-do-mar que estão nessa mesma situação. Você não vai conseguir salvar todas elas”. A criança virou-se para o sábio, pegou uma estrela e jogou-a de volta ao mar. Daí disse: “Está vendo aquela estrela que eu devolvi? Agora posso voltar para casa consciente, com a cabeça tranqüila, porque eu consegui salvar pelo menos uma”. É assim que nosso grupo pensa. Se conseguirmos mudar o pensamento de ao menos uma pessoa, então isso já é muito bom. Se ao término deste seminário, quando voltarmos para nossas cidades, estivermos preocupados em fazer alguma coisa para ajudar as crianças carentes que estão vivendo nas ruas, passando fome, acredito que poderemos realizar nosso objetivo. Afinal, aqui neste seminário temos a oportunidade de mudar o pensamento não apenas de uma, mas de várias pessoas.

## Por uma Escola de Cidadãos

*Roseline de Jesus Pedrosa*

Docente do Colégio Estadual Wolf Klabin

Segundo Nilma Lacerda, uma grande educadora e escritora carioca, só quem viveu o passado é que pode esperar o futuro. A querida Prof<sup>a</sup> Zélia Marochi disse certa vez, em um de nossos encontros, que ela era uma professora do chão da escola. Bom, eu sou uma professora que literalmente nasceu no chão da escola, pois minha mãe morava na zona rural e trabalhava numa escola multisseriada. Foi ela quem me alfabetizou e me ensinou tudo o que era preciso saber naquela época da minha vida. Infelizmente, ela não está aqui hoje, mas essa vivência na escola multisseriada, essa vivência junto às pessoas mais necessitadas e humildes influenciou muito minha vida.

Outra pessoa que me acompanhou nessa caminhada junto às crianças que freqüentam a escola de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série foi minha avó. Ela era uma grande contadora de histórias, e toda a minha vida está calcada sobre as histórias que ela contava, pois fui percebendo que, ao contar uma história a uma criança, podemos ajudá-la a elaborar seus conflitos e, desta maneira, contribuir para que ela tenha uma vida melhor.

Foi uma longa caminhada e não tive clareza disso no primeiro instante, é claro. Apenas percebia que as crianças gostavam das histórias que eu contava. Foi assim que trabalhei durante muitos anos, até ser obrigada a parar, pois precisava criar meus filhos. Depois, voltei novamente à escola para estudar e trabalhar. Reiniciei o curso de Magistério no Colégio Estadual Wolf Klabin, onde trabalho até hoje e, em seguida, cursei Pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde estou agora concluindo meu mestrado em Educação. Mas tudo isso é consequência daquilo que começou lá no chão da escola multisseriada onde minha mãe trabalhava.

Um belo dia fui ao núcleo, para ver se conseguia algumas aulas. Deparei-me, por acaso, com um folheto afixado ao mural que falava de um concurso organizado pelo MEC e que era destinado a professores interessados em relatar suas práticas de ensino, suas experiências do dia-a-dia na escola. Achei que poderia desenvolver esse trabalho e tentar fazer

alguma coisa, mesmo que não ganhasse nada, porque jamais esperei ganhar mesmo. Então, escrevi um trabalho para o prêmio “15 de Outubro – Uma Escola de Cidadãos”, e fui agraciada com o segundo lugar, concorrendo com outros professores de todo o Brasil. Meu trabalho chamava-se “Redimensionamento da *práxis* pedagógica: um desafio e uma necessidade permanente”. Nesse trabalho, apresento um relato da minha vida profissional, de como comecei, e explico o porquê da “contação de histórias” — é assim que eu falo, não é narrativa, é “contação” — e conto todo o efeito que aquelas histórias tinham sobre as crianças, de como eu trabalhava com o desenvolvimento da linguagem oral e escrita a partir dessas histórias.

Esse prêmio me animou para continuar e no ano seguinte tentei novamente, dessa vez com um trabalho intitulado “Literatura Infantil e a Arte na Constituição da Cidadania”, no qual eu narrava o trabalho feito com os alunos de 1ª a 4ª série do ciclo básico. Iniciando com a narrativa de histórias ou a “contação de histórias”, eu passava então para um trabalho mais elaborado, incluindo desenho, pintura, origami, teatro, música e dança. Enfim, atividades em que a criança podia desenvolver sua criatividade. Esse trabalho não foi premiado em Brasília, mas ficou em primeiro lugar aqui no Paraná.

Hoje, estou coordenando, no Colégio Estadual Wolf Klabin, um trabalho intitulado “Projeto para Dificuldades de Aprendizagem”, voltado para crianças que têm dificuldades de aprendizagem. Há várias pessoas envolvidas, pois todas as co-regentes das turmas estão participando. Nosso objetivo é utilizar a narrativa de história, baseando-nos na psicogênese de Henri Wallon, porque esse método privilegia a questão da afetividade, da emoção, dos movimentos e do saneamento da atmosfera de aprendizagem. A criança só aprende se ela estiver tranquila. Porém, em muitos casos, o trabalho com crianças nos deixa angustiados, pois queremos que elas aprendam de qualquer forma e essa angústia passa para a criança, tornando-se um obstáculo no processo de ensino/aprendizagem. Preocupamo-nos também com a valorização do Eu infantil porque sem o Eu valorizado, não se pode fazer nada. Partindo dessas premissas é que realizamos um atendimento individualizado com cada criança.

Além desse projeto, nós temos as “oficinas pedagógicas”, onde exploramos recursos como expressão corporal, poesia e música, sempre a partir da narrativa de histórias. Trabalhamos muito com a Cecília Meireles. As crianças aprendem sobre ela, aprendem a recitar as poesias e no final do ano preparamos uma apresentação grandiosa. Acho que é uma apresentação realmente grandiosa, pois as crianças elaboram os textos para o teatro, recitam poemas de Cecília e outros escritos por elas mesmas. Também fazemos muitos trabalhos de paráfrase com vários autores de literatura infantil.

Acredito que nós educadores temos uma tarefa urgente a realizar, e esta tarefa diz respeito à transformação de nossa *práxis* pedagógica. É preciso que nos dediquemos cada vez mais à reflexão e à pesquisa, a fim de não ficarmos limitados à mera reprodução e transmissão de saberes. Só assim poderemos dar conta dos imensos desafios que hoje se colocam para a educação. Precisamos abordar a dimensão ético-política da educação, a questão ambiental, a sexualidade, a interdisciplinaridade, a constituição da consciência de si e para si no mundo, pois o exercício da cidadania passa por todas essas dimensões. Mas passa também — e talvez não estejamos ainda suficientemente atentos para esta questão — pelo domínio da tecnologia. Ora, isso é muito angustiante, pois a tecnologia acaba beneficiando apenas a minoria que dispõe de conhecimento suficiente para dela se utilizar. Nós educadores temos uma contribuição para dar, a fim de tentar reverter essa situação. Precisamos dotar nossos alunos de instrumentos por meio dos quais eles possam se utilizar desses novos recursos tecnológicos. Este é o nosso trabalho e temos de fazê-lo.

Cecília Meireles dizia que a vida só é possível se for reinventada a cada instante; e apesar de muitas vezes a gente se ver às voltas com tanto desespero, tanto sofrimento e até com o desânimo, apesar de nossa solidão nesse trabalho, precisamos nos lembrar de que a vida é uma constante reinvenção e por isso nossa contribuição é necessária, pois ela é importante para a continuidade e recriação da vida — só assim haverá cidadania plena.



Além desse projeto, nós temos as “oficinas pedagógicas”, onde exploramos recursos como expressão corporal, poesia e música, sempre a partir da narrativa de histórias. Trabalhamos muito com a Cecília Meireles. As crianças aprendem sobre ela, aprendem a recitar as poesias e no final do ano preparamos uma apresentação grandiosa. Acho que é uma apresentação realmente grandiosa, pois as crianças elaboram os textos para o teatro, recitam poemas de Cecília e outros escritos por elas mesmas. Também fazemos muitos trabalhos de paráfrase com vários autores de literatura infantil.

Acredito que nós educadores temos uma tarefa urgente a realizar, e esta tarefa diz respeito à transformação de nossa *práxis* pedagógica. É preciso que nos dediquemos cada vez mais à reflexão e à pesquisa, a fim de não ficarmos limitados à mera reprodução e transmissão de saberes. Só assim poderemos dar conta dos imensos desafios que hoje se colocam para a educação. Precisamos abordar a dimensão ético-política da educação, a questão ambiental, a sexualidade, a interdisciplinaridade, a constituição da consciência de si e para si no mundo, pois o exercício da cidadania passa por todas essas dimensões. Mas passa também — e talvez não estejamos ainda suficientemente atentos para esta questão — pelo domínio da tecnologia. Ora, isso é muito angustiante, pois a tecnologia acaba beneficiando apenas a minoria que dispõe de conhecimento suficiente para dela se utilizar. Nós educadores temos uma contribuição para dar, a fim de tentar reverter essa situação. Precisamos dotar nossos alunos de instrumentos por meio dos quais eles possam se utilizar desses novos recursos tecnológicos. Este é o nosso trabalho e temos de fazê-lo.

Cecília Meireles dizia que a vida só é possível se for reinventada a cada instante; e apesar de muitas vezes a gente se ver às voltas com tanto desespero, tanto sofrimento e até com o desânimo, apesar de nossa solidão nesse trabalho, precisamos nos lembrar de que a vida é uma constante reinvenção e por isso nossa contribuição é necessária, pois ela é importante para a continuidade e recriação da vida — só assim haverá cidadania plena.

## Um Jornalismo pela Cidadania

*Gilberto Dimenstein*<sup>1</sup>

Jornalista e Fundador do Projeto Aprendiz do Futuro

**E**m breve estarei completando 42 anos de idade e 22 de profissão. Neste momento, porém, estou vivendo uma profunda crise de identidade e ela tem um pouco a ver com o que está acontecendo aqui hoje.

Minha profissão tem me dado muitas alegrias. Ganhei todos os prêmios existentes dentro do jornalismo — em certos casos, mais de uma vez. No entanto, comecei a desenvolver um sentimento dúbio em relação a essa profissão. A vida de uma redação pode parecer muito charmosa para quem está do lado de fora, mas aqueles que a conhecem de perto sabem que ela é vivida de cinismo, descompromisso e até de uma espécie de prazer com o conflito, uma satisfação com a desgraça. Se as pessoas soubessem como funciona uma redação por dentro, se ouvissem as conversas dos jornalistas quando ocorrem certas catástrofes, talvez sentissem uma certa dificuldade em ler seus jornais pela manhã.

Acabei desenvolvendo uma espécie de ojeriza a esse cinismo, não porque eu me considere superior a isso, mas porque acaba enfatizando o meu lado inferior, que é o lado da competição, do sucesso e nós jornalistas somos seres psicologicamente muito complexos. Nós trabalhamos com a notícia de jornal, que é uma coisa efêmera, que desaparece no dia seguinte. Temos uma varinha de condão a nossa disposição, com a qual podemos deixar as pessoas famosas, mas essa varinha não tem efeito sobre nós. Interferimos constantemente nos círculos do sucesso e do poder, mas não fazemos parte desses círculos, desempenhamos aí um papel de meros coadjuvantes.

Já vi muitas pessoas no meio jornalístico incomodadas com o fato de que o Brasil tenha começado a melhorar. Essas pessoas reclamam porque está ficando mais difícil de fazer manchetes, porque não há tantos

---

1 Durante o seminário "Educação para a Cidadania: Ações Conjuntas da Escola e da Comunidade", o jornalista foi homenageado pela estudante Beatriz Caetano da Silva, por sua contribuição ao processo de promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes brasileiros.

assuntos que despertem facilmente a atenção do público. Isso me deixa muito constrangido e, certa vez, eu disse a algumas delas: “quer dizer que vocês estão torcendo para ter uma situação que gere manchete?” Essa é a essência do prazer da catástrofe que existe na redação dos jornais.

Por outro lado, tenho grande admiração pelo poder da imprensa em gerar discussões, denunciar problemas, mobilizar as pessoas em torno de determinadas questões e, lado a lado com essa admiração, venho cultivando uma grande paixão pela educação, pela idéia de que na educação o ser humano cria suas asas. Sinto-me extremamente desconfortável quando vejo um professor que se preocupa em discutir questões salariais mas não se interessa por discutir a qualidade de ensino, ou quando vejo burocratas gastando toda sua energia em discussões políticas imensas, ou ainda, quando percebo que as faculdades de Educação no Brasil não estão comprometidas com a produção de um saber aplicável à realidade. Em função disso, coloquei-me em uma posição de meio-termo, entre o jornalismo e a educação, entre jornalista e educador, atuando como intermediário da informação. De certa maneira, há um aspecto comum tanto à atividade do jornalista, quanto à do educador, pois ambos têm como objetivo buscar a informação e traduzi-la para uma platéia — são platéias diferentes, é verdade, mas o processo de tradução é o mesmo. Por este motivo, concentrei-me na busca de um espaço de atuação que misturasse a questão jornalística com a questão educacional.

O mais importante, porém, é que o trabalho que venho realizando nos últimos anos está baseado na idéia de que nós brasileiros pagamos um preço muito alto pela inexistência de uma consciência sólida de direitos e deveres. Talvez isso pareça um pouco batido, pode parecer chavão, mas o fato é que estamos gastando bilhões e bilhões de dólares simplesmente porque muitos brasileiros não sabem ler, não sabem escrever, porque muitas mães não sabem que devem lavar as mãos antes de alimentar seus filhos. O custo disso fica evidente em um episódio como o da seca no Nordeste. Estamos no final do milênio, mas ainda não conseguimos resolver o problema da seca. Continuamos assistindo à incompetência municipal, estadual e federal em relação à seca. Quando estive nos Estados Unidos, aprendi uma frase de que nunca mais vou me esquecer. Ela

diz o seguinte: “Se você acha que gastamos muito dinheiro com educação, veja quanto custa a ignorância” — essa ignorância tão bem representada pela seca no Nordeste.

Há pouco, estávamos cantando o Hino Nacional, e lembrei-me de uma coisa óbvia. Daqui a alguns dias ouviremos novamente esse hino, pois a seleção brasileira estará disputando a Copa do Mundo. Sempre me pergunto se teríamos sido tantas vezes campeões do mundo se não houvesse tanta fiscalização em relação ao selecionado brasileiro. Este é o único momento em que os brasileiros realmente fiscalizam uma coisa pública. Todos nós discutimos a escalação da seleção, concordamos ou discordamos da lista de jogadores convocados. Mesmo as pessoas que não entendem nada de futebol — como é o meu caso — acabam se envolvendo nesse clima. Imaginem se conseguíssemos chegar a uma situação em que as pessoas fiscalizassem a educação da mesma maneira que fiscalizam a seleção brasileira. Não tenho dúvidas de que muitas mudanças iriam ocorrer no Brasil em pouquíssimo tempo. De certa maneira, eu diria que minha atuação profissional nesse espaço meio indefinido, nesse meio-termo entre o jornalismo e a educação, é movida pelo meu desejo de compartilhar conhecimentos e informações com as pessoas, a fim de que elas acompanhem o que acontece na educação da mesma maneira como acompanham a seleção brasileira.

Gostaria de encerrar lembrando uma lenda judaica que conta a história de um homem a quem foi concedido o direito de conhecer o céu e o inferno. Ao retornar de lá, todos reuniram-se à sua volta para saber o que ele tinha visto. “Como é o inferno?”, perguntaram. “O inferno é uma coisa terrível”, disse ele. “O inferno é um lugar onde as pessoas morrem de fome, embora estejam sentadas ao redor de uma mesa sobre a qual há muita comida”. Todos ficaram surpresos, não conseguiam entender. “Mas como assim? Por que elas têm fome se a comida está ali, ao alcance de suas mãos?” Então, o homem explicou: “Eles não conseguem colocar a comida na boca. Suas mãos são viradas para a frente e quando eles trazem a comida à boca não têm como desvirá-las e a comida cai no chão”. “E o céu”, perguntaram, “como é o céu”? E o homem lhes disse: “O céu é um lugar muito mais agradável. Lá também há mesas repletas de comida e as pessoas também têm as mãos viradas para a frente. A

diferença é que, ao invés de tentarem colocar a comida em suas próprias bocas, as pessoas alimentam-se umas às outras”.

Tenho certeza de que este nosso encontro é um passo muito importante para que no próximo milênio as pessoas no Brasil estejam fazendo esse mesmo gesto, alimentando-se umas às outras, umas com as palavras, outras com a escola, outras com a política.

## Da Rua para a Escola

*Fani Lerner*

Secretária de Estado da Criança e Assuntos da Família do Paraná

É com muito orgulho, e também com muita responsabilidade, que estou hoje aqui representando o setor público. Sempre me preocupei muito com a educação. Fui professora primária, pois sempre quis viver num país mais justo e sempre acreditei que a educação era um elemento fundamental para isso. Depois, como precisava cuidar de minha família, distanciei-me um pouco da vida de professora. Quando Jaime Lerner, meu marido, resolveu entrar para a vida pública, tive então uma segunda oportunidade de trabalhar nessa área que sempre foi minha paixão, pois acho que todo ser humano tem o direito de ser ator e autor de sua própria vida e isso só a educação nos garante.

No período em que o Jaime Lerner foi prefeito de Curitiba, organizei um trabalho com voluntários. Eram mais de 40 mulheres realizando um trabalho que depois, infelizmente, se perdeu, mas que com certeza vai ser recuperado. Posteriormente, ocupei as pastas da Secretaria da Criança e Assuntos da Família, e da Secretaria da Área Social. Um dos meus principais objetivos era oferecer às crianças carentes as mesmas oportunidades de que dispõem as crianças de famílias mais favorecidas. Pensei que um primeiro passo seria a construção de creches. Tenho uma paixão especial por creches, porque elas ajudam muito as mães de crianças carentes e acho que dentro da creche nós garantimos a alimentação de uma criança — algo que tantas vezes faz a diferença entre a vida e a morte —, garantimos o desenvolvimento pedagógico, psicológico e emocional dessas crianças. A partir daí, elas poderão ter um futuro mais feliz, poderão ir para a escola já com mais condições, estarão mais preparadas para as dificuldades que irão encontrar ao longo do processo de aprendizagem.

Hoje, o governo do Estado do Paraná já construiu 200 creches em vários municípios. Sou a primeira-dama deste Estado e fico muito feliz por estar podendo realizar este trabalho em favor da cidadania, da educação e da promoção do ser humano como um todo.

Juntamente com a Secretaria da Educação, temos realizado um grande esforço em favor da cidadania do nosso povo do Paraná. Um dos programas de que mais me orgulho tem o mesmo princípio que originou a experiência do "Pacto de Lagoa Santa pela Educação", sobre a qual o Elói Marcelo de Oliveira Silva nos falou, com a diferença de que aqui no Paraná estamos implementando-o em larga escala.

O objetivo desse programa, que se chama "Da Rua para a Escola", é encontrar as crianças que não estão na escola, seja porque os pais não puderam colocá-las na escola, seja porque não sabiam que deveriam fazê-lo. Uma vez identificadas, essas crianças são incluídas na escola e nós garantimos a sua permanência e oferecemos a elas condições para que tenham sucesso em seu processo de aprendizagem. Com nosso esforço, já conseguimos que 40 mil crianças voltassem para a escola. Oferecemos a elas aquilo que chamamos de "Cesta Básica e Pedagógica". Até pouco tempo atrás, nossa atuação se estendia por 206 municípios, mas neste momento já estamos atingindo todos os municípios do Paraná que precisam de nossa ajuda. Apenas 10 municípios não recebem a "Cesta Básica e Pedagógica", uma vez que eles não têm problemas com evasão escolar.

Nossa meta agora é atender a 65 mil crianças. As famílias dessas crianças receberão atenção especial do governo do Estado e terão prioridade no programa de habitação que está sendo implantado pela COAPAR. Um dos nossos principais objetivos é contribuir para a capacitação das mães dessas crianças. Estamos organizando um grande trabalho em conjunto, pois contamos com a participação importantíssima da comunidade. Todos os municípios, os conselhos da criança, o Ministério Público, a sociedade em geral, os professores, as associações de pais e mestres estão trabalhando nesse programa.

A "Cesta Básica e Pedagógica" vai direto para a escola e há uma seriedade muito grande em nosso trabalho. Nós nos orgulhamos e nos alegamos muito com isso, pois estamos conseguindo fazer com que as crianças carentes de nosso Estado tenham acesso à educação e não é possível construir a cidadania a não ser através da educação.

Por tudo isso, acredito que este seminário será extremamente importante e eu, pessoalmente, tenho certeza de que poderei enriquecer-me muito ao ouvir as experiências que vocês têm para contar.

## Abrindo Caminhos

*Viviane Senna*

Presidente do Instituto Ayrton Senna

Gostaria de começar dizendo que o Ayrton, mais do que segurar uma bandeira, queria retribuir um pouco daquilo que ele teve a oportunidade de conquistar. Acima de tudo, ele desejava contribuir para que todas as nossas crianças, todos os nossos adolescentes e jovens tivessem a oportunidade de estudar, ter saúde, trabalho, cultura, esperança e perspectiva de vida.

No início de 1994, quando Ayrton veio participar do Grande Prêmio Brasil daquela temporada, nós estávamos conversando e ele expressou esse sonho, esse desejo que ele tinha de fazer alguma coisa, de ajudar de alguma forma o país que ele amava tanto. Ele não sabia exatamente o que poderia ser feito, pois era um esportista. Como eu trabalhava na área de saúde mental havia mais de 15 anos, Ayrton pediu que eu pensasse um pouco sobre este assunto e, assim que ele voltasse ao Brasil, retomaríamos nossa conversa.

Infelizmente, ele nunca mais voltou e aquele desejo, aquele sonho, ficou como uma semente em nossas mãos. Minha família e eu decidimos que iríamos plantar essa semente e foi então que nasceu o Instituto Ayrton Senna, no Brasil, e a Fundação Ayrton Senna, na Inglaterra. Naquela conversa, Ayrton me disse que pretendia destinar uma porcentagem do faturamento com o Senninha — que ele havia acabado de lançar — para essa ação. Assim, o que fizemos foi justamente destinar o Senninha, bem como a marca Senna e todos os contratos de imagem do Ayrton, para esse objetivo de criar oportunidades de desenvolvimento para crianças e jovens no País.

Os recursos gerados por essas três áreas são extremamente importantes num país onde o investimento total em projetos sociais fica muito aquém do necessário. Além disso, eles são integralmente destinados aos nossos projetos, o que é o inverso do que costuma acontecer. Nós não somos uma empresa que possui uma fundação. Nós somos uma empresa



que está inteiramente voltada para esta instituição, cujo objetivo é contribuir para construir um país onde cada criança tenha o direito de ser criança, cada adolescente possa crescer e ter perspectivas de vida. Um país onde as pessoas possam desenvolver seus potenciais e descobrir seus talentos, contribuindo para construção de uma sociedade mais justa e melhor para todos.

Porém, ao lado desses recursos, nós temos algo muito mais importante, um patrimônio inatingível, isto é, a própria imagem do Ayrton. Essa é nossa maior riqueza e, juntamente com nossos recursos, é o que nós queremos destinar para o bem deste país. Temos tido experiências realmente importantes em que conseguimos reunir forças em benefício da linda causa que são nossas crianças e nossos jovens.

A oportunidade de estar realizando este trabalho é um grande privilégio. As pessoas costumam muitas vezes parabenizar o trabalho do Instituto ou nos agradecer e sempre digo que para mim, isso é um grande privilégio. Eu me sinto uma pessoa muito privilegiada por poder, além de realizar sonhos, saber que esses sonhos significam vidas, vidas em termos físicos, em termos sociais, em termos morais.

Acho que o Ayrton deixou um sonho que coincidiu com um sonho meu, um sonho que tive um dia também, sentada numa cadeira como vocês agora, só que assistindo a um filme. Estava com meu marido no cinema, na época nem éramos casados ainda, e antes de começar o filme foi exibido um *trailer* sobre a Fundação Bradesco. Lembro-me de que fiquei encantada com aquilo. Eu e meu marido ficamos realmente encantados e saímos do cinema com o desejo de fazer algo daquele tipo, mas não tínhamos a menor chance, pois éramos jovens e inexperientes, sem recursos, sem nada. Acho que não tivemos tanta garra quanto o Elói e aquilo ficou sendo apenas um sonho. É incrível como a vida acaba nos levando por caminhos tão inesperados. Ao realizar um sonho de meu irmão, pude realizar o meu próprio sonho.

A vida tem muitos momentos difíceis, mas acho que a gente sempre tem uma escolha. Mesmo diante de um mal, a gente sempre tem a escolha de um bem. Podemos vencer o mal com o bem, e penso que isso não é uma ingenuidade. Ao contrário, chamo isso de ética, de escolha ética. É

## EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

isso que meu irmão fez, é isso que quero fazer, e tenho certeza de que é isso que todos aqui estão fazendo. Diante do mal, diante do estrago que existe hoje na educação e em tantas outras áreas, temos escolhido o bem, temos vencido o mal com o bem através do esforço que cada um de nós realiza em seu dia-a-dia, em suas atividades específicas. Por isso, acho que estou aqui representando essas forças silenciosas que operam todos os dias em favor dessa causa.

REFLEXÕES E  
CAMINHOS



# Declaração Universal dos Direitos Humanos: 50 Anos

Oscar Vilbena Vieira<sup>1</sup>

Fui convidado pela organização deste seminário para falar sobre os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, este código ético que coloca como objetivo comum de todos nós a construção de uma sociedade mais justa. Antes de mais nada, creio ser útil discutir o significado da Declaração e sua importância para o mundo contemporâneo.

Essa idéia de direitos básicos, direitos que nos pertencem pelo simples fato de sermos humanos, não é nova. Ao contrário, ela existe desde a Antiguidade. Ao falar sobre direitos humanos, sempre gosto de começar contando a história de Antígona, uma mulher tremendamente forte que ousou falar de direitos humanos no período grego.

Antígona possuía dois irmãos que se mataram durante uma guerra. Um deles havia se contraposto ao rei de Tebas e como punição o rei determina que este irmão traidor deveria permanecer insepulto. Para os gregos, o sepultamento era muito importante, pois através dele as pessoas se religavam a seu passado e isso significava que poderiam vir a ter uma vida futura. Antígona não se conforma com o édito baixado pelo rei, segundo o qual seu irmão deveria ficar exposto aos cães e aos abutres, e resolve enterrá-lo. Sua violação à determinação real é descoberta e ela é levada à presença do rei, que lhe pergunta: "A senhora não sabia que eu havia determinado que seu irmão não deveria ser sepultado?" Ao que ela responde: "Sim, eu o sabia". "Mesmo assim a senhora ousou desrespeitar a lei?" Sem temer o poder do rei, Antígona responde-lhe: "Não tenho porque respeitar uma lei que contraria as leis dos céus, as leis da razão. E pergunto: como ousas tu, um reles mortal, escrever essa lei?"

---

1 Procurador do Estado, professor de Direito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, secretário executivo do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Crime e Tratamento do Delinqüente, autor de diversos trabalhos na área de Direito Constitucional, Direitos Humanos e Teoria Política.

Esta história mostra como é importante a idéia de que somos dotados de um conjunto de direitos que protege nossa dignidade e que esses direitos não podem ser sobrepujados por nenhuma forma de autoridade. O ato mais significativo da Revolução Francesa é justamente a decapitação do rei, uma vez que, diferentemente de inúmeras outras situações em que reis foram mortos, os revolucionários franceses puseram um fim à noção de que a soberania derivava da coroa. Quando o rei foi guilhotinado, rolou não apenas sua cabeça, mas todo o conceito segundo o qual a única autoridade legítima era a autoridade da coroa.

A partir desse momento, porém, deparamo-nos com uma grande dificuldade. Há um problema na fala de Antígona, pois é preciso saber de onde vêm as leis. Quando perguntam a ela de onde vêm as “verdadeiras leis”, isto é, aquelas que foram contrariadas pela decisão do rei, Antígona responde vagamente, afirmando que elas vêm dos “céus”, vêm da “razão”. Na modernidade, porém, temos uma resposta mais adequada a esta pergunta, pois sabemos que as leis vêm da nossa própria vontade. Do século XIX em diante, o homem passou a viver em um mundo essencialmente desencantado, um mundo que não acredita mais em Deus — ou, ao menos, um mundo que reconhece o direito à crença em diferentes deuses e que precisa aprender a respeitar essas diferenças. Neste contexto, as leis passaram a ser o único mecanismo em função do qual podemos organizar nossa vida em sociedade. Portanto, não concebemos mais as leis como resultado de uma razão divina, nem tampouco de uma razão humana transcendente. Sabemos que as leis são produzidas exclusivamente de acordo com nossa vontade.

Quando Adolf Hitler subiu ao poder, elegendo-se com a maioria dos votos do povo alemão, ele compreendeu que havia uma contradição nessa idéia. Como contava com o apoio da maioria do parlamento, ele pôde aprovar leis cruéis — muito mais cruéis do que a da história de Antígona. Seu primeiro ato foi decretar a desnacionalização dos judeus. Até aquele momento, para uma pessoa ter direitos era preciso que ela estivesse ligada a uma comunidade jurídica, a uma nação, era preciso que ela fosse alemã, francesa, brasileira etc. Assim, ao determinar a desnacionalização dos judeus, Hitler retirou-lhes os direitos que a Constituição alemã garantia aos cidadãos alemães, transformando-os em apátridas. Em outras

palavras, eles deixaram de ser sujeitos de direitos e, portanto, poderiam ser objeto de qualquer ato de perversão.

Durante a Segunda Guerra Mundial morreram aproximadamente 45 milhões de pessoas. O mais chocante, porém, é que a grande maioria desses 45 milhões não foi morta em combate. Ao contrário, a maior parte foi morta pelas forças de seus próprios países. Alemães judeus, comunistas e homossexuais foram mortos na Alemanha. Russos não-comunistas, homossexuais, judeus e ciganos foram mortos dentro da própria Rússia. A comunidade internacional ficou perplexa, pois esses fatos terríveis foram cometidos dentro da “legalidade”, isto é, os países que perpetraram tais atrocidades elaboraram leis que as respaldavam, embora violassem direitos humanos fundamentais. Foi assim que surgiu a necessidade de se repensar o conceito de lei. Chegou-se à conclusão de que as leis não poderiam respeitar apenas os desígnios da maioria parlamentar de um determinado país. Era preciso, antes de mais nada, que as leis fossem justas.

Neste sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948, representa a reconstrução da idéia de justiça. Se refletirmos sobre o que dizem seus artigos, perceberemos que eles buscam definir um paradigma em função do qual podemos examinar, por exemplo, as ações do governo da África do Sul. Se tais ações não estiverem de acordo com esse paradigma, dizemos que o governo é injusto, não é legítimo, e então a comunidade internacional pode adotar medidas no sentido de pressionar pela mudança de tal governo.

### Um instrumento de controle internacional

A grande novidade da Declaração de 1948, aquilo que a diferencia da Declaração produzida durante a Revolução Francesa, e de qualquer outro documento, é o fato de que os direitos humanos deixaram de depender de qualquer tipo de vínculo social ou político. Qualquer um de nós é sujeito desses direitos, seja qual for o Estado do qual fazemos parte, a classe ou o grupo social a que pertencamos, a crença religiosa a que nos filiamos. Sob quaisquer condições, mesmo no caso de uma guerra, seremos sempre sujeitos desses direitos. Isso significa uma verdadeira revolução em termos do pensamento ocidental, uma vez que o Estado não é

mais aquele que concede ou recusa direitos. Ao contrário, a partir de 1948, quem tem direitos os tem simplesmente porque é um ser humano. Portanto, a Declaração tornou-se um instrumento de controle internacional dos direitos humanos. Hoje, a violação desses direitos não diz respeito pura e simplesmente à esfera doméstica de cada país. Toda a comunidade internacional está atenta para as violações de direitos humanos e há mecanismos por meios dos quais se procura intervir em tais situações. Se há violação de direitos humanos na China, isso diz respeito a todos nós, porque trata-se de uma violação contra os direitos da comunidade de seres humanos.

Por outro lado, embora tenha exercido este papel positivo e hoje talvez seja o documento mais conhecido no mundo, a Declaração também nos causa grande frustração. Quando recebi o convite para falar sobre os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, perguntei-me se realmente havia algum motivo para comemorar. Será que, para além de todas estas questões filosóficas, ela teve algum impacto concreto na realidade mundial? Diversos aspectos apontam na direção contrária. Basta lembrarmos de alguns fatos conhecidos de todos nós: nos dias de hoje,  $\frac{1}{3}$  da população mundial passa fome; nos chamados “países em desenvolvimento”, 1 milhão e 300 mil pessoas dispõem de menos de 1 dólar por dia para garantir sua sobrevivência; nesses mesmos países, mais de 100 milhões não têm acesso à educação e há mais de 150 milhões de crianças clinicamente desnutridas. Será que temos algo a comemorar, eu pergunto, quando sabemos que a altíssima taxa de concentração de renda divide o mundo em dois blocos completamente distintos? Há um gráfico que mostra a distribuição de renda no mundo. Seu desenho se parece ao de uma taça de champanhe: a parte de cima, aquela parte bem larga, representa a riqueza dos países do hemisfério norte e a haste da taça, aquele pedaço mais estreito, representa a renda (ou a pobreza) que cabe aos países situados abaixo da linha do Equador. No caso do Brasil, a situação é ainda mais grave, pois somos o país com a segunda pior distribuição de renda no mundo. Ganhamos apenas de Botsuana. Os indicadores sociais das Nações Unidas, por sua vez, colocam-nos no 78º lugar em termos de qualidade de vida.

Obviamente, a pobreza não é um problema intrínseco à questão da violação dos direitos humanos. No entanto, ela provoca um tal esgarçamento das relações sociais que isto acaba levando, na maioria dos casos, a situações de desrespeito a esses direitos. Outro dia, eu passava por um dos lugares mais feios da cidade de São Paulo, um viaduto chamado “Minhocão”, e vi lá embaixo um desses mendigos que você não chega perto, porque estão cheirando mal, estão degradados, estão na rua há muito tempo. Ele agachara-se defronte a uma pequena poça de água suja e escovava os dentes. Apesar de sua situação deplorável, ele ainda reconhecia em si algum tipo de dignidade. Quer dizer, ele preocupava-se em manter este hábito de higiene, mesmo que a água provavelmente estivesse muito mais suja do que sua própria boca.

### A exclusão como violação de direitos

O fato, porém, é que pessoas como essa passam por um longo processo de exclusão social e deixam de ter qualquer tipo de ligação com as esferas do poder público ou mesmo com o mundo privado. Elas são alienadas do convívio social e encontram-se em um estado de degradação da vida humana: No momento em que permitimos que isso aconteça, nós colocamos essas pessoas no mesmo lugar que Hitler colocou os judeus, isto é, colocamo-las na condição de excluídos morais, pessoas que não são mais sujeitos de direitos, que não têm mais direito a ter direitos. Neste sentido, podemos dizer que a degradação econômica caminha lado a lado com a degradação moral.

Nosso país divide-se entre aqueles que estão acima da lei, os privilegiados, e aqueles que estão abaixo da lei, aos quais a lei também não atinge, mas por outras razões. A lei não atinge estes últimos porque eles não têm seus direitos resguardados. Seus direitos podem ser violados sem que nada aconteça, o próprio Estado pode violar esses direitos porque isso não nos causa indignação, não nos mobiliza no sentido de cobrar do Estado o respeito aos direitos humanos das pessoas excluídas. Não estou dizendo que a pobreza é a causa desta situação, mas a questão é que a pobreza e a exclusão aliviam a dor moral daqueles que violam os direitos humanos dessas pessoas.

Para não ficarmos apenas no caso brasileiro, vale a pena mencionar



duas outras situações recentes que mostram um flagrante desrespeito aos princípios contidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. A primeira delas é a guerra da Bósnia, onde ocorreram inúmeras atrocidades durante o processo de “limpeza étnica” promovido pelos sérvios, como, por exemplo, o estupro de mulheres muçulmanas e o assassinato em massa de civis. A segunda situação ocorreu em Ruanda, onde, em menos de uma semana, 500 mil pessoas foram mortas. Como se vê, embora a Declaração pregue um mundo irmanado, um mundo onde todos sejam sujeitos de direitos, assistimos constantemente a episódios onde tais direitos são absolutamente trucidados, seja embaixo do “Minhocão”, em São Paulo, seja em Ruanda, seja na Bósnia ou em inúmeros outros lugares.

No entanto, acredito que mesmo assim temos alguns motivos para comemorar. Nesses 50 anos, a pobreza diminuiu mais do que nos últimos 500 anos de história. O mundo mudou muito nesses 50 anos e um exemplo disso é o fato de que mais de  $\frac{1}{4}$  da população que nos anos 60 encontrava-se sem educação, hoje já ingressa regularmente na escola. Caso tenhamos a Declaração em nossas mentes, dentro dos nossos corações, nossa sociedade poderá proteger-se contra doenças sociais tão tenebrosas como a barbárie, o nazismo, o fascismo e a violência cotidiana a que todos nós somos submetidos. A Declaração funciona como um antídoto contra tais doenças e é preciso que nós nos esforcemos por aplicar esse antídoto em nossas crianças, pois só assim poderemos construir um futuro melhor para todos.

## Direitos Humanos e Educação

Na verdade, a Declaração também tem muito a dizer sobre a educação. Desde o preâmbulo, estabelece-se que a difusão dos princípios contidos na Declaração é uma tarefa fundamental a ser desempenhada pelos Estados Nacionais. Além disso, há dois artigos que mencionam especificamente a questão da educação, sobre os quais pretendo falar mais detalhadamente, a fim de que possamos compreender melhor o seu sentido. Vou basear-me em um livro de Piaget sobre a Declaração, pois é uma das melhores interpretações que conheço destes dois artigos.

Inicialmente, encontramos na Declaração as seguintes afirmações: “Toda pessoa tem direito a educação”; “A educação deve ser gratuita

pelo menos no que diz respeito ao ensino elementar e fundamental”; “O ensino elementar é obrigatório e o ensino técnico e profissional deve ser generalizado”. Isso significa que todos nós somos herdeiros do arcabouço de conhecimentos que a humanidade vem acumulando ao longo da história, e temos direito ao acesso a esses conhecimentos, a partir dos quais podemos elaborar uma compreensão sobre o mundo em que vivemos. Porém, e isso é ainda mais importante, a Declaração não se preocupa pura e simplesmente com a questão do ensino e da transferência de conhecimentos de uma geração a outra. Ela se preocupa também com o papel que a educação deve desempenhar no sentido de oferecer condições para o pleno desenvolvimento da personalidade humana.

Este segundo aspecto é bastante complexo, pois antes de mais nada devemos nos perguntar de que maneira um indivíduo desenvolve sua “personalidade humana”, isto é, como ele se transforma em “pessoa”. Todos sabemos que ao nascer e durante as primeiras fases de sua vida, o indivíduo é um bichinho monstruoso e egocêntrico. Somente a partir do momento em que passa aos cuidados dos educadores — como os senhores e as senhoras que aqui estão, participando deste seminário — é que ele deixa de se ver como o centro do universo e passa a reconhecer os outros. Inicialmente, os outros são vistos como meros coadjuvantes, mas, conforme se desenrola o processo educacional, o indivíduo começa a percebê-los como sujeitos tão importantes quanto ele próprio.

Segundo a Declaração, a fim de promover o desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa, a educação deve favorecer aspectos como a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais. Mais do que isso, ela deve favorecer o respeito pelos direitos e pelas liberdades fundamentais. Neste sentido, o processo de formação da personalidade humana está diretamente relacionado com o pleno reconhecimento do outro enquanto sujeito de direitos. Somente a partir do momento em que vejo no outro um ser como eu, em que reconheço nele os mesmos direitos que garantem a minha dignidade, é que passo a fazer parte do pacto pela construção de um Estado de Direito. O Estado de Direito exige essa relação de reciprocidade, esse reconhecimento recíproco de direitos e isso precisa ser ensinado desde os níveis mais elementares.

## Juventude e escola

Para terminar, gostaria de citar alguns dados de uma pesquisa realizada recentemente em São Paulo. A pesquisa partiu da seguinte indagação: Será que os jovens que estamos formando têm consciência da importância do processo de formação da personalidade? Para responder a esta indagação, os pesquisadores foram ouvir os próprios jovens, e as respostas que obtiveram são muito interessantes, sobretudo no que diz respeito à relação deles com a escola. De acordo com os dados da pesquisa, 99% desses jovens consideram que a escola é tremendamente importante, pois é através da educação que eles esperam conquistar melhores condições de vida. No entanto, esses mesmos 99% dizem que, se lhes fosse dada a oportunidade de mudar a escola, eles a reorganizariam de modo totalmente diferente do que ela é hoje.

Essa aparente contradição começa a se esclarecer quando examinamos a opinião dos jovens sobre o papel desempenhado pela escola na promoção de alguns princípios como participação, cidadania e valores éticos. Aqui os números despençam, pois eles sentem que a escola não está cumprindo seu papel no processo de formação da personalidade, não está contribuindo para a formação deles próprios enquanto seres morais. Mais grave ainda, o que parece realmente assustador é que apenas 56% desses jovens dizem que pretendem ou gostariam de votar nas eleições. Há, portanto, 44% de jovens que não sentem o menor interesse em exercer seu direito de voto. Além disso, aproximadamente 48% dizem que se sentem despreparados para o exercício da cidadania. Curiosamente, 51% consideram que essa função deveria ser desempenhada pela escola.

Outro dado interessante é que 92% dos meninos e meninas entrevistados acham que a lei deveria ser igual para todos. No entanto, 72% desses mesmos jovens acham que é muito difícil alguém vencer na vida respeitando as leis. Isso significa que eles têm uma enorme dificuldade de pensar ou agir coletivamente, pois não reconhecem o único mecanismo até hoje inventado para definir regras de convívio social em uma sociedade democrática. Se, por um lado, são dotados de uma boa intenção moral, na medida em que acreditam que a lei deva ser igual para todos, por

outro, não valorizam as ações em conformidade com a lei, pois consideram que elas não nos possibilitam conquistar aquilo que desejamos. De maneira semelhante, 67% dos jovens afirmam estar dispostos a perder duas horas de seus preciosos finais-de-semana para ajudar pessoas carentes, indicando, mais uma vez, que eles compartilham dos ideais de igualdade. O problema é que quase a totalidade dos entrevistados não sabe exatamente como fazer para prestar essa ajuda.

Deparamo-nos, em seguida, com um dado bastante preocupante: 45% dos entrevistados acham que mentir não é um problema, dizem que se for uma mentira pequena não há nenhum problema. Quando perguntamos se eles sabem discernir entre o certo e o errado, quase 80% dizem não saber o que é o certo e o que é o errado. Então o que temos diante de nós? Jovens com boas intenções, mas que não sabem agir coletivamente e não sabem tomar decisões de caráter ético — tenho algumas dúvidas sobre tais conclusões, mas o fato é que os dados da pesquisa são muito claros e caminham todos nessa direção.

Do meu ponto de vista, falando como advogado que sou, parece-me que esta situação é conseqüência de alguns problemas com que os jovens se defrontam tanto na escola, quanto no interior de suas famílias. O fato de que eles não reconheçam as leis como um instrumento de regulação das relações sociais é conseqüência de sua experiência na escola e na família, onde a autoridade é exercida de maneira arbitrária. Os jovens sentem-se freqüentemente traídos, pois professores e pais muitas vezes descumprem as regras que eles próprios estabelecem.

As leis são um pouco “traíçoeiras”, pois, ainda que sejam propostas de maneira autoritária, devem ser respeitadas por todos, inclusive por aqueles que as elaboram. Se determino que todo jovem deve ter direito à educação, fico automaticamente obrigado a criar as condições necessárias para que, de fato, todos os jovens possam freqüentar a escola. Por outro lado, quando o jovem entra na escola e percebe que a educação não é de boa qualidade, se a escola não lhe oferece aquilo que prometeu, ele passa a desconfiar profundamente dos professores, dos diretores e das autoridades responsáveis pela educação. Do mesmo modo, se seus pais — que têm o dever de educá-lo, impondo limites a seus atos, acompanhando seu processo de crescimento enquanto pessoa — não cum-

prem com suas obrigações básicas, o jovem passa a nutrir um profundo desrespeito pelas idéias de lei e autoridade.

Defrontamo-nos, portanto, com dois problemas intimamente relacionados. Em primeiro lugar, temos a apatia, tal como podemos perceber pelo reduzido número de jovens que se dizem interessados em participar do processo político. Afinal, por que razão eles se interessariam por este verdadeiro engodo que é nossa vida política, onde são criadas leis que não são obedecidas? Em segundo lugar, temos jovens que se comportam apenas de acordo com seus interesses, uma vez que eles percebem que em nossa sociedade as leis não são entendidas como limitações justificáveis aos interesses particulares de cada um. Vivemos em uma sociedade em que os interesses privados são sempre colocados na frente dos interesses públicos.

O que podemos fazer em relação a isso? Antes de mais nada, precisamos respeitar as regras que nós mesmos produzimos, seja na condição de pais, professores, orientadores de alunos ou qualquer outra. Além disso, é preciso que a educação oferecida aos jovens não se limite à mera transmissão de conhecimentos. A educação precisa transformar-se em um processo através do qual o jovem possa participar da construção do seu conhecimento. Somente assim ele poderá ter o instrumental necessário para julgar o que é certo e o que é errado.

Como podemos observar nos dados da pesquisa que mencionei, os jovens também compartilham do sonho de um mundo onde os direitos humanos sejam respeitados. Eles também desejam viver em um mundo onde a igualdade seja maior, onde as pessoas se respeitem umas às outras. Não creio que nossa geração tenha condições de construir esse mundo ideal, caso contrário já o teríamos feito. Portanto, precisamos concentrar nossos esforços no sentido de que os jovens tenham os instrumentos necessários à realização dessas mudanças e isso só irá acontecer na medida em que oferecermos a eles uma educação de qualidade, uma educação em que eles sejam também autores do seu próprio conhecimento. Tenho certeza de que se conseguirmos realizar isso, eles poderão ajudar-nos na tarefa de aproximar o mundo em que vivemos dos ideais expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

# Mobilização e Desenvolvimento de Escolas Orientadas para a Diversidade e a Inclusão Social

Lorraine Monroe<sup>1</sup>

Gostaria de falar a vocês sobre algumas de minhas opiniões a respeito da educação pública e de como fiz para colocá-las em prática. Também gostaria de falar um pouco sobre o que penso que irá acontecer no futuro com a educação. Estarei baseando-me em um livro que publiquei recentemente, em que falo sobre alguns momentos fundamentais da minha história de vida.

Foi o então presidente do Comitê de Educação de Nova York, Dr. Frank Macchiarola, quem me promoveu, alguns anos atrás, ao cargo de diretora de escola. Ele me disse que eu deveria tornar-me diretora e resolvi tomar suas palavras ao pé da letra.

Lembro-me de que em um de meus primeiros dias no novo cargo chovia muito. A chuva não parava e estava ficando cada vez pior. Algumas pessoas vieram me perguntar se eu iria fechar a escola, embora soubessem que o Comitê de Educação nunca fecha as escolas por motivo de mau tempo. Mesmo em casos em que há mais de um metro de neve no chão, o Comitê de Educação apenas sugere que a escola seja aberta um pouco mais tarde do que o normal. Portanto, respondi: “Não, não recebi nenhuma ordem nesse sentido”. Liguei para o meu superintendente e ele também me disse que o Comitê não havia transmitido qualquer orientação para que as escolas fossem fechadas.

Aqueles que conhecem nossas escolas sabem que em dias de mau tempo as crianças chegam normalmente à escola porque moram nas

---

1 Diretora executiva da School Leadership Academy, consultora educacional e doutora *honoris causa* de cinco universidades americanas. Atuou como diretora do Conselho de Educação da Cidade de Nova York. Foi membro da Comissão para os Estudos da Criminalidade Infantil e Reforma do Juizado de Menores. Recebeu diversos prêmios e condecorações por sua atuação na área educacional. É co-autora do Guia Curricular “Criando uma Sociedade mais Humana e sem Violência através da Escola: Compreendendo e Valorizando as Diferenças Culturais”.

redondezas e vêm a pé. Os professores, porém, nunca vêm nesses dias, pois geralmente moram em bairros distantes. Assim, as crianças chegam e logo começam a perguntar: “Mas, onde está todo mundo?”

Foi isso que aconteceu naquele dia, o que nos levou a improvisar algumas atividades. Fomos realmente pegos de surpresa, mas nos esforçamos ao máximo para manter as crianças ocupadas. Pouco tempo depois, vieram novamente me perguntar sobre o que fazer e eu disse: “Vamos segurá-las mais um pouco”. Inventamos outras atividades, passaram-se mais algumas horas e mais uma vez me perguntaram se não deveríamos mandar as crianças de volta para casa. Já passava das 13h30, e acabei concordando em dispensá-las sem mais demora.

Instantes depois, o superintendente telefonou para saber como estavam indo as coisas em minha escola. Uma boa diretora sempre sabe como mentir suavemente, então disse a ele: “A escola vai bem”. De fato, com a escola tudo estava bem. “Mas, há alguma criança aí?” “Ah, isso. Não, não há nenhuma criança por aqui”. “Por quê?”, ele perguntou. Expliquei-lhe que havíamos passado do horário da quinta aula e como as crianças já tinham se dado conta de que os professores não viriam mais, mandei-as de volta para casa. Segurci-as o máximo que pude. Se eu as prendesse por mais tempo, alguma confusão poderia acabar acontecendo.

Então, ele me disse que eu deveria escrever uma carta ao Dr. Macchiarola, explicando os motivos da minha decisão e foi isso que fiz. Escrevi ao Dr. Macchiarola, contando-lhe que quando ele me dissera que eu deveria tornar-me diretora resolvi tomar suas palavras ao pé da letra e, na condição de diretora, sabia muito bem quais eram os limites da minha autoridade e jamais gostaria de me ver em uma posição em que fosse forçada pelas crianças a fechar a escola. Como era *eu* quem estava no comando, fui *eu* que tomei a decisão de mandar as crianças para casa e fechar a escola. Enviei minha carta ao Dr. Macchiarola e — vejam a sabedoria do homem — jamais ouvi qualquer palavra dele sobre o assunto. Ele sabia qual era o significado da autoridade e compreendia o papel a ser desempenhado por uma diretora.

Alguns meses mais tarde, fui ao Comitê de Educação e estava des-

cendo as escadas do prédio, quando ouvi alguém, atrás de mim, falar em tom de brincadeira: “Ah, essa não é a tal Lorraine Monroe? Aquela que manda as crianças de volta para casa e fecha sua escola?”. E respondi: “Não sei do que o senhor está falando, Dr. Macchiarola”.

Meu livro está repleto de histórias como essa — algumas delas bem mais sérias. Histórias que mostram a maneira como penso que a escola deveria funcionar e como acho que as lideranças escolares deveriam agir. Baseio-me apenas nas experiências que tive como professora no Harlem Central e no Harlem Latino, como diretora escolar, funcionária administrativa de órgãos educacionais e consultora em várias partes do mundo.

### A escola deve transformar a vida dos alunos

Quando penso em minha experiência, o que mais me chama a atenção é o modo como as pessoas tendem a transformar coisas simples em problemas complexos. Cheguei à conclusão de que nós sabemos muito bem como uma boa escola deve funcionar e o que devemos fazer para oferecer à população uma educação de boa qualidade. No entanto, continuamos a elaborar metodologias excêntricas, inventando nomes e colocando as pessoas em situações caóticas.

Na verdade, tudo se resume a isso: As crianças estão aprendendo a ler, a escrever, a calcular, a pensar? Estão se comportando de maneira socialmente aceitável, de modo que poderão transformar-se em pessoas economicamente independentes, capazes de contribuir para com a sociedade? Isso é o que realmente importa. Não interessa se as crianças são pobres, ricas, negras, mulatas, se acabaram de chegar ao país, se não falam inglês ou se falam quatro línguas diferentes — elas vêm para a escola justamente para que possam transformar suas vidas. Essa é a função da escola: transformar a vida das crianças. Isso é o que chamo de Doutrina Monroe: fazer essas coisas simples todos os dias, dia após dia, por meio de um planejamento concreto e específico. O caminho em direção à excelência não comporta ações libertárias.

As pessoas que já trabalharam comigo sabem que não aceito “prisioneiros”. Não estou interessada em desculpas, pois elas são um dos elementos que acabam por minar o sistema educacional: “Minha mãe está



doente”; “Não sabemos onde meu pai está”; “Eles só falam servo-croata”. Isso não me importa.

Há dois aspectos distintos no exercício da liderança escolar, os quais se aplicam tanto aos professores quanto aos diretores. Em primeiro lugar, é preciso cuidar do trabalho intelectual, porque as pessoas costumam partir do pressuposto de que crianças pobres não são capazes de desenvolver um trabalho intelectual. Entretanto, não existem cérebros “pobres”, apenas cérebros que ainda não receberam o treinamento necessário. Portanto, deixem-me esclarecer o seguinte: Se vocês não estão interessados em treinar cérebros, devem procurar outra profissão. Quando as pessoas começam a olhar para a cor da pele das crianças, coisas estranhas começam a se passar com aquilo que esperam delas. Você não precisa ensinar a criança a reconhecer qual é a cor da pele dela, você precisa ensiná-la a usar sua inteligência.

Em segundo lugar, há o trabalho emocional. Mas, por favor, não tomem isso por condescendência. Não estou falando de condescendência, de uma postura paternalista como a daqueles que dizem coisas como: “Os pobrezinhos são negros”, “Os coitadinhos acabaram de chegar de Cuba”, “Que horrível, todos os seis dormem na mesma cama!”. Não, quando falo de trabalho emocional, o que quero dizer é que a função dos líderes escolares é transformar a escola num lugar sagrado, onde tudo é diferente daquilo que se passa na rua e na casa das crianças. Quando uma criança atravessa os portões da escola, ela deve sentir que está entrando em um território sagrado.

Realizei a maior parte de meu trabalho com crianças carentes e descobri que o mais importante — e isso vale para todas as crianças — é manter expectativas elevadas, independentemente do lugar ou da família de onde elas vêm. Algumas pessoas não acreditam nisso.

Outro dia recebi o telefonema de uma repórter de um jornal de Memphis, no Estado do Tennessee. Ela sabia que eu iria fazer uma visita àquela cidade e queria me perguntar algumas coisas sobre uma escola maravilhosa que eles têm por lá. Prestem atenção a isso: essa escola chama-se *White Station School*. Bom, a repórter contou-me que, em função de seu ótimo desempenho escolar, uma quantidade incrível das crianças dessa

escola consegue obter bolsas de estudo que são disputadas por alunos de todo o país. Ela queria saber se eu achava possível que isso acontecesse também em outras escolas.

“É claro que sim”, respondi a ela. O que acontece na *White Station School* é que lá eles mantêm uma expectativa constante de que seus alunos irão conseguir as bolsas de estudo de que necessitam. As aulas são de alto nível e há um trabalho intenso realizado por professores que exercem o papel de “tutores” de seus alunos. Assim, as crianças dizem a si mesmas: “Bom, é claro que iremos conquistar as bolsas de estudo. Nossos professores nos falam isso desde que entramos aqui”.

O objetivo do programa que desenvolvemos na CEI é exatamente esse. Nós queremos que os diretores das escolas compreendam que seu trabalho é fazer com que suas escolas formem alunos com potencial para conseguirem bolsas de estudo. E esse é um trabalho que deve começar desde cedo, antes mesmo que as crianças entrem no jardim da infância. Não podemos esperar até que elas tenham onze ou doze anos, ou até que estejam na adolescência.

### Educação de qualidade para crianças pobres

Tenho um neto que irá fazer quatro anos em janeiro próximo. Seu nome é Max. Ele já sabe como usar o *mouse* de um computador. Sempre falo com Max como se ele fosse uma pessoa adulta. Ele pode ser bem pequeno de tamanho, mas não aceita que falem com ele de maneira paternalista.

Esse menino tem tido experiências que deveriam acontecer com todas as crianças, em todos os sistemas educacionais. Quando falamos com ele, usamos sempre sentenças completas. Além disso, estamos constantemente colocando-o em contato com uma série de manifestações culturais — música, artes plásticas, dança, teatro, museus.

Eu quis ter certeza de que ele iria começar sua aprendizagem o mais rápido possível. Minha filha, Terry, convenceu-me a assistir ao parto e então eu estava lá quando Max nasceu e até mesmo cortei seu cordão umbilical. Quando foi minha vez de segurá-lo no colo, eu lhe disse: “Max, quero te desejar boas vindas a este mundo. Este é um mundo maravilho-

so e também um mundo cruel. Aqui há coisas deliciosas e coisas horríveis. E também há provas, Max. Há o P.S.A.T<sup>2</sup>". Terry não ficou muito feliz comigo e pediu-me que eu lhe devolvesse o bebê. Eu disse que deveríamos prepará-lo desde cedo e saí do hospital para comprar sete livros para ele.

Vocês devem estar me achando muito exigente, mas isso é porque vocês não conhecem meu filho e minha nora. Eles moram na costa oeste dos EUA. Minha nora estava grávida de cinco meses e resolvi ligar para saber como iam as coisas. Dave, meu filho, atendeu ao telefone e me falou que eles estavam lendo um livro para o bebê. "Nós ficamos sabendo de uma pesquisa que diz que os bebês são capazes de ouvir mesmo quando ainda estão dentro do útero". Bem, pelo menos eu esperei até que o Max tivesse nascido...

O que estou tentando dizer é que essa seriedade em relação à educação está se tornando cada vez mais comum e as crianças pobres também precisam receber esse tipo de tratamento. Só assim elas poderão ter alguma chance de competir com crianças cujos pais lêem livros para elas e colocam músicas de Mozart para tocar antes mesmo que elas tenham nascido.

Aqueles que trabalham em escolas públicas sabem que herdamos crianças que não passaram por nenhuma dessas experiências. Então, as pessoas nos dizem: "O que vocês pretendem fazer com elas?". Isso é fácil: somos *nós* que temos de fazer essas coisas. Se os pais das crianças não leram para elas, *nós* temos de fazê-lo. Se não cuidaram bem delas, *nós* temos de fazê-lo. Por isso o líder é importante. Nenhuma instituição jamais será melhor que seu líder. Se vocês querem ter uma organização intensamente engajada na realização das atividades necessárias ao cumprimento de suas responsabilidades, então é preciso que a pessoa encarregada de dirigi-la seja uma grande sonhadora, alguém que não tenha medo de assumir riscos. É isso que faz a diferença.

2 P.S.A.T. (*Preliminary Scholastic Aptitude Test*). Os estudantes norte-americanos fazem essa prova na penúltima série do 2º grau, como preparação para o S.A.T. (*Scholastic Aptitude Test*), que é uma espécie de vestibular nacional para ingresso na universidade. Aqueles que obtêm boas notas no P.S.A.T. podem ser contemplados com bolsas de estudos. (N. do T.)

Sempre carrego comigo um livro chamado *Um Guia para Orações*, onde há uma breve passagem que se aplica muito bem àquilo que estou tentando dizer: “O objetivo do nosso trabalho deve ser inspirar, evocar e sustentar uma consciência alternativa à cultura dominante em que vivemos”. Isso é extremamente importante. Caso contrário, passamos o tempo todo andando de lá para cá sem sermos capazes de reunir nossos esforços em torno de uma visão duradoura.

Este é aspecto central do nosso problema. A educação não diz respeito aos instrumentos a serem utilizados — sejam eles aprendizagem cooperativa, linguagem total ou quaisquer outros. Defrontamo-nos com uma crise persistente que deriva do fato de que nossas crianças são extremamente carentes. A escola precisa ser um lugar diferente para elas, uma alternativa aos lugares de onde elas vêm.

Um primeiro passo a ser dado é modificar o tipo de treinamento oferecido às pessoas que desejam tornar-se diretoras de escola. Esse treinamento não pode ter um caráter meramente teórico. É preciso que sejam ensinados alguns passos concretos, por meio dos quais elas possam ajudar os alunos a terem um bom desempenho na escola, fazendo com que eles dêem conta de qualquer tipo de prova que seja colocada em sua frente. Nossos esforços devem estar dirigidos para o objetivo de oferecer uma boa formação a essas crianças, de modo que elas possam concorrer com os alunos das escolas privadas por lugares em boas universidades do país.

Nós fizemos isso na Academia Frederick Douglass. A primeira turma dessa escola acaba de se formar e conseguimos que 95% dos 90 alunos fossem aceitos por universidades. Dois jovens irão para a Columbia University com bolsas de estudos completas. Outros estão indo para universidades como Smith, Temple, NYU, Xavier, Morehouse, Fisk, Spellman, Colgate, Hobart.

Com a bênção do CEI, a Academia de Lideranças Escolares está tentando fazer com que os demais diretores trabalhem para que este mesmo padrão de excelência seja implantado em suas escolas. Trata-se de um programa bastante “antiquado” e sem enfeites desnecessários. Visitamos as escolas com autorização dos diretores, mas sem qualquer

tipo de acompanhamento, a fim de que possamos realizar aquilo que chamamos de processo dos “seis olhos”. Examinamos o modo como as coisas funcionam na escola e depois sentamos com eles e com suas equipes de líderes a fim de elaborar um “plano de batalha”.

Nosso objetivo é treinar os diretores para que sejam impetuosos, intensos e não “aceitem nenhum prisioneiro”. Queremos treiná-los para que aprendam a apoiar as pessoas que estão fazendo as coisas certas e aprendam a ajudar aquelas que não estão fazendo as coisas certas. Depois de ajudar essas últimas, eles devem ser capazes de lhes dizer que talvez tenham escolhido a profissão errada.

Os diretores devem ser observadores atentos de tudo o que se passa em suas escolas, pois o progresso dos alunos relaciona-se diretamente com aquilo que cada professor faz no seu dia-a-dia. Por que é difícil realizar uma observação cuidadosa com mais frequência? Porque isso significa trabalho duro. Por outro lado, quando isso é bem feito, o processo educacional torna-se uma coisa magnífica: a gente vê as crianças se transformando na nossa frente.

A primeira escola em que trabalhei no cargo de diretora era um verdadeiro caos. Comecei no dia 26 de agosto<sup>3</sup>, e como eu era muito ingênua, não perguntei por que motivo uma nova diretora começaria a trabalhar apenas dois dias antes do início das aulas. Apenas pensei que tinha sido abençoada.

A escola ficava no Bronx do Sul. Venho de uma família pobre e a maioria de meus familiares não conseguiu terminar o 2º grau. No entanto, a escola representava para mim um “lugar de mudanças”. Uma vez que na 1ª série do 2º grau<sup>4</sup>, eu já tinha aprendido a ler, a escrever, a calcular e a falar espanhol, acreditava que as crianças dessa escola também seriam capazes disso.

Então, fiz duas coisas. Primeiro, elaborei um plano. Tenho certeza de que todas as pessoas bem-sucedidas desta sala conhecem o poder do planejamento, o poder de colocar no papel as coisas com que você sonha

3 Nos EUA, o início do ano letivo ocorre no 2º semestre. (N. do T.)

4 Em termos de faixa etária, a 1ª série do ensino médio nos EUA inclui crianças que têm 14 anos, o que corresponderia, no Brasil, à 8ª série do ensino fundamental.

e a maneira como espera conseguir realizá-las. Em segundo lugar, disse aos professores que eles teriam de ser mágicos. Eu não tinha a menor idéia do que queria dizer com aquilo. Mas as pessoas começaram a investigar seus potenciais e sonhos, e foram descobrindo coisas a seu próprio respeito, em relação às quais ninguém antes havia lhes pedido para falar.

As crianças sentiram-se muito gratas pela mudança. Elas não gostavam de viver no caos. As crianças querem estabilidade e previsibilidade. Elas querem ser dirigidas e desafiadas. Elas sabem como uma escola de verdade deve funcionar. E quando não têm isso, elas começam a destruir a si mesmas, o que faz com que correspondam às péssimas expectativas que os professores têm em relação a elas. Um dia cheguei à minha sala e havia uma rosa em cima da mesa com um cartão escrito por um dos alunos, que dizia: "Obrigado por nos devolver nossa escola".

Foi dessa mesma maneira que comecei a trabalhar na Academia Frederick Douglass. Parti do pressuposto de que nossa intenção era preparar aquelas crianças para a universidade. Nós lhes oferecíamos aulas de Francês, Espanhol, Japonês e Latim; aulas de Ciências que iam dos princípios elementares até conceitos de Física; aulas de Matemática que incluíam conceitos de cálculo. As crianças conseguiam acompanhar tudo isso porque provamos a elas que eram capazes de fazê-lo.

No início elas não sabiam se teriam condições para tanto. Então a professora Gladys Hill e outros professores maníacos como ela ensinaram-nas como deveriam estudar para aqueles testes. Fizemos em uma escola pública aquilo que Stanley Kaplan faz com os filhos das pessoas ricas. Em nosso primeiro ano, obtivemos a 11ª colocação em Leitura e Matemática entre todas as 179 "escolas médias" (*middle schools*) da cidade.<sup>5</sup>

A partir daí, as pessoas na escola começaram a acreditar que seríamos capazes de realizar tudo aquilo que desejávamos. Desta maneira, fomos acumulando sucessos e as crianças continuavam nos dando aquilo que sabíamos que elas possuíam.

5 Nos EUA, as *middle schools* são escolas que abrangem da 6ª série do ensino fundamental à 1ª série do ensino médio (ou seja, crianças que têm entre 11 e 14 anos; correspondendo, no caso brasileiro, aos alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental). (N. do T.)

## O papel das lideranças escolares

O objetivo da Academia de Lideranças Escolares não é criar novas Academias Frederick Douglass e sim ajudar os diretores que já são bem preparados, a fim de que eles possam se tornar totalmente independentes e deixem de oscilar de acordo com cada nova teoria que aparece por aí. Como diz a passagem do livro que acabei de ler para vocês, não nos devemos desviar por questões menores quando sabemos exatamente aquilo que as crianças precisam para que se possam tornar competitivas.

Como é que aprendi tudo isso? Comecei dando aulas no Harlem Central, na escola que atualmente chama-se *Wadleigh*, mas que na época chamava-se *Junior High School 88*. Não recebi ajuda de ninguém e eu mesma fui criando meu estilo e minhas técnicas de ensino. Quando me tornei uma boa professora, eles me deram todas aquelas classes endoidecedoras.

Uma dessas classes era formada por um grupo incrível de alunos de 8ª série<sup>6</sup>. Eles tinham um enorme potencial e poderiam obter excelentes notas nas provas, mas não se empenhavam em estudar. Bem, estávamos na primavera, e resolvi ser criativa. “Nós vamos estudar alguns sonetos de Shakespeare”, eu anunciei. Eles gemeram. “Não se preocupem”, eu lhes disse. “São poemas de quatorze linhas e vocês vão adorá-los.” Então, começamos a estudar o esquema das rimas e tudo o mais.

“Dentro de uma semana”, falei a eles, “cada um de vocês virá até a frente da sala para recitar um soneto.” Eles gemeram novamente. Perguntei-lhes se sabiam alguma canção de cor e, como era de esperar, todos sabiam. “Então, não se preocupem. São apenas quatorze linhas. Vocês podem perfeitamente decorá-las.”

Nessa classe havia um garoto brilhante, mas ele se recusava a fazer qualquer coisa que o ajudasse a melhorar sua média de 7,7. Depois de ter encorajado alguns alunos a recitar os sonetos, chamei-o para a frente da classe e disse: “Ok, vamos ouvir *Shall I compare thee to a summer's day?*”<sup>7</sup>. Nada. Nem uma única palavra. Então, disse-lhe para voltar a seu lugar e, depois da aula, ralhei com ele em tom amigável. Ao final do semestre dei-

6 Alunos de 13 anos, correspondendo, no Brasil, à 7ª série do ensino fundamental. (N. do T.)

7 Literalmente: “Devo te comparar a um dia de verão?” (N. do T.)

lhe os seus 7,7 de nota. Quinze anos se passaram sem que eu visse novamente esse garoto.

Um dia, estava andando pela rua perto de minha casa, quando dei de frente com ele. “Senhora Monroe, como vai? A senhora se lembra de mim?” “É claro que sim”, respondi. Então, ele me disse: “Lembra-se de quando estudamos aqueles sonetos? Aposto que a senhora pensou que eu não estava prestando muita atenção”. “Bem”, eu respondi, “você dava mostras evidentes de que realmente não estava interessado”. “Mas eu estava escutando”, ele insistiu. “Estava dando tudo que podia. Até hoje me lembro daquilo: *Shall I compare thee to a summer's day?...*”. E bem ali, no meio da rua, ele recitou o soneto inteiro para mim.

Vocês não podem imaginar a emoção que senti naquele momento. Perguntei-lhe o que andava fazendo e ele me disse que estava escrevendo a última página da revista *Time*. Não queria lhe dizer “Mas, rapaz, por que está mentindo?”, então comentei apenas: “Que interessante! Sinto-me muito orgulhosa de você”. Minha vontade era sair correndo em direção à banca de jornais mais próxima, mas isso não seria muito apropriado. Então, pedi a meu marido que fosse comprar a revista. Bom, abrimos a *Time* e lá estava o meu ex-aluno.

Agora, suponhamos que eu tivesse feito esse tipo de trabalho em inúmeras outras escolas onde as crianças não demonstram qualquer tipo de interesse pelas aulas, apenas sentam-se em suas carteiras e ficam de braços cruzados. Suponhamos que eu dissesse a mim mesma: “Bem, de todo modo estou sendo paga. Shakespeare? Para quê? Eles jamais sairão do Harlem”.

Um professor, cujo nome não gostaria de revelar, contou-me certa vez que não nos devíamos preocupar em ensinar frações a essas crianças, pois elas jamais irão usá-las em suas vidas. Eu sinceramente perdi a compostura. Rasguei uma folha de papel e disse: “Eles sabem muito bem o que são duas metades. Eles comem pedaços de *pizza*, pedaços de maçã e pedaços de pão. A numeração dos sapatos deles vem em frações”.

É nesse momento que um bom diretor de escola deve intervir, a fim de acabar com esse tipo de contra-senso. Nós desenvolvemos um método para que os diretores possam agir nesses casos de maneira imediata. Basta que eles dêem uma espiada nas lousas das salas de aula para ver se



as anotações dos professores realmente correspondem a um planejamento adequado e se elas revelam um tratamento aprofundado dos conteúdos que estão sendo ensinados às crianças. Estamos pedindo a todos os diretores de nossas escolas para que façam isso, pois temos certeza de que essas crianças têm condições de serem aprovadas nas provas.

# A Segurança nas Escolas do Século XXI

Peter Lucas<sup>1</sup>

O que acontecia na Grécia Antiga com o mensageiro que só trazia más notícias? Pois bem, hoje pela manhã vou lhes trazer más notícias o tempo todo. À tarde devo falar em outras duas oportunidades e espero lhes dar também algumas boas notícias, pois tratarei de alguns dos programas que estamos implementando e que vêm provocando grandes mudanças em nossa forma de pensar sobre a violência e a prevenção da violência nas escolas. Agora, porém, gostaria de me concentrar no que tem acontecido na cidade de Nova York nos últimos dez anos. O título de minha palestra é “A violência nas escolas no futuro próximo”. Digo futuro porque, embora algumas coisas já estejam acontecendo, outras ainda estão por vir e, quando chegar esse momento, as pessoas no Brasil terão de tomar decisões rapidamente.

Inicialmente, gostaria de relatar dois casos extremamente importantes, ocorridos durante o ano letivo de 1991/92, na cidade de Nova York. O primeiro deles aconteceu em uma segunda-feira, no dia 25 de novembro de 1991, na *Thomas Jefferson High School*, em Berkeley. Os alunos estavam no intervalo depois da terceira aula, quando dois garotos de 17 anos que tinham um longo histórico de conflito se encontraram no corredor do terceiro andar e começaram imediatamente a brigar. O irmão mais novo de um deles, que casualmente estava por perto, sacou uma arma automática de 9 mm e disparou três vezes. O primeiro tiro estilhaçou o vidro de uma janela. O segundo atingiu um garoto que passava naquele momento pelo corredor — um rapaz de 16 anos, chamado Donald Short, que caiu no chão com uma bala no pescoço. A terceira bala atingiu um professor, também no pescoço e, cambaleando, ele entrou em uma sala de aula. À vista do sangue que jorrava de seu pescoço, os alunos saíram gritando para o corredor. O barulho era ensurdecedor. Havia gente correndo por todas as partes. Os seguranças chegaram ao local da briga e

---

1 Diretor-assistente do projeto “Parcerias na Escola”, professor-adjunto da Universidade de Nova York e pesquisador sobre a violência nas escolas americanas. PhD em Educação Internacional e mestre em Comunicação e Tecnologia Educacional.

viram o chão coberto de sangue. Em seguida, vieram as ambulâncias e a polícia. Logo depois, o autor dos disparos — um garoto de 14 anos — foi preso, acusado de posse ilegal de arma, ataque e agressão. Levado a um hospital próximo, o professor conseguiu milagrosamente sobreviver, mas o aluno de 16 anos morreu duas horas depois. Na história do sistema público de ensino da cidade de Nova York, o nome Donald Short — o estudante morto — rapidamente seria esquecido, mas o incidente que provocou sua morte é da maior relevância porque seu assassinato mudou nossa forma de pensar sobre a questão da violência e da segurança nas escolas.

Apesar de toda a violência que existe em Nova York e nas escolas da cidade, esse assassinato constituiu um marco, por ter sido a primeira vez em que um aluno foi assassinado no interior de uma escola.

### O programa de detectores de metais

Poucos dias depois, o Sindicato dos Professores da Cidade de Nova York — que tem muita força e é muito poderoso — atribuiu o acontecido a medidas de segurança insuficientes e declarou que o episódio só ocorrera porque a escola não dispunha de detectores de metal. Naquela época, em 1991, o programa de detectores de metal estava começando a ser implementado e esses aparelhos eram utilizados apenas em visitas aleatórias que os responsáveis pelo programa faziam às escolas. Ainda assim, algumas pessoas foram suficientemente corajosas para afirmar que a utilização ou não de detectores de metal não teria evitado o incidente. De fato, talvez fosse mais importante indagar de que maneira um estudante de 14 anos conseguira comprar, por 50 dólares, uma arma desse calibre nas ruas de Nova York.

Três meses depois, em 26 de fevereiro de 1992, na mesma *Thomas Jefferson High School*, seria realizada uma manifestação pela paz, com a presença do prefeito de Nova York e dos representantes do Comitê de Educação. No palco fora dependurada uma faixa com algumas palavras de Martin Luther King: “Agora, nossa opção não é mais entre a violência e a não-violência, é entre a não-violência e a não-existência”. Pouco antes da chegada do prefeito, porém, um aluno de 15 anos pôs fim a uma briga com dois colegas ao sacar sua *Smith-Wesson* calibre 38 e disparar contra

eles à queima-roupa, diante de dois seguranças. Não é difícil imaginar o caos que se instalou no local.

Considerado o pior caso de violência na cidade de Nova York, o incidente não parou por aí. Mais tarde, no mesmo dia, morreria outro colega dos dois estudantes assassinados. Abalado com a morte dos amigos, ele apontou uma arma contra a cabeça e se suicidou.

Como da primeira vez, os professores vieram a público reclamar da falta de detectores de metal nas escolas. Eles suspenderam as aulas e exigiram a adoção de medidas de segurança mais drásticas. Seguiu-se uma onda de indignação popular tão intensa que o prefeito imediatamente alocou 14 milhões de dólares do orçamento da cidade para a implementação de medidas de segurança. Os eventos ocorridos nessa escola foram, assim, como que o estopim de uma crise que se espalhou pela cidade.

À medida que o ano escolar de 1991/92 avançava, houve um debate intenso entre o Sindicato dos Professores e o Comitê de Educação sobre os verdadeiros números da violência nas escolas. Segundo o Sindicato, só naquele ano teria havido 50 casos de violência com armas de fogo. No entanto, como muitos deles diziam respeito a conflitos ocorridos fora do recinto da escola, o Comitê de Educação alegava que não poderiam ser incluídos na categoria “incidente escolar”. O debate continuou e a mídia publicou inúmeras matérias, abordando a questão da violência nas escolas e discutindo as medidas de segurança que deveriam ser adotadas.

### Sem segurança não há educação?

Em Nova York, há 160 escolas de 2º grau e esses eventos repercutiram fortemente em todas elas. Naquela época eu estava realizando meu trabalho em uma escola localizada nas proximidades da *Jefferson High School*, e que tinha uma reputação, em termos de violência, muito pior do que a desta última. Depois do segundo episódio relatado acima, lembro-me de ter perguntado ao diretor: “O que você pretende fazer? Está pensando em colocar detectores de metal?” Sua resposta foi: “Se a *Thomas Jefferson* colocou detectores de metal que funcionam todos os dias da semana,

não acha que nós também precisamos deles? Ou você prefere esperar que aconteça uma tragédia? Não quero que minha escola se pareça com um acampamento militar, mas também não desejo ver o nome dela nas manchetes do *New York Times*. Sem segurança, não há educação”.

Sempre me pergunto sobre o sentido dessa frase “sem segurança, não há educação”, pois acredito que ela expressa muito do que se estava passando naquele período de 1991/92. Alguns anos antes, as pessoas a teriam formulado de maneira bastante diversa. Diriam, talvez, que “se há educação, se os professores estão ensinando e os alunos aprendendo, então a escola está segura”.

A questão da segurança nas escolas de Nova York veio à tona pela primeira vez por volta de 1968, quando vários conflitos eclodiram no interior das universidades e acabaram por se estender às escolas secundárias. Houve uma greve de professores muito famosa que paralisou completamente o sistema público de ensino de Nova York durante alguns meses. Não muito tempo antes, procedera-se a algumas mudanças, por meio das quais os professores haviam sido incorporados como funcionários do Comitê de Educação e, em função disso, passaram a ter de trabalhar usando uniformes. Ora, uma das conquistas do movimento de greve foi justamente o fim dessa obrigação para os professores. O fato de eles terem readquirido o direito de se vestir da maneira que bem entendessem torna-se muito ilustrativo quando confrontado com a situação dos seguranças escolares, que também haviam sido incorporados ao Comitê de Educação, mas continuavam obrigados a usar uniformes. Ainda que muito sutil, essa distinção entre professores e seguranças era um indício de muitas coisas que ainda estavam por acontecer.

Nessa mesma época, o Sindicato dos Professores solicitou ao Comitê de Educação que este realizasse um acompanhamento estatístico dos casos de violência nas escolas. O Comitê dispunha de uma lista com 37 tipos de infrações violentas, mas na verdade concentrava sua atenção em apenas 5 deles, considerados casos mais graves: 1) posse de armas; 2) posse de drogas; 3) furtos ou roubos; 4) violência sexual; 5) atos realmente sérios de vandalismo, como provocar incêndios, por exemplo.

## A violência nas escolas de Nova York

A violência nas escolas de Nova York aumentou bastante nos anos 70 e uma das razões para isso foi o crescimento contínuo do número de imigrantes que se instalavam na cidade. Havia grande quantidade de jovens estrangeiros, menores de 21 anos, aos quais era garantido o direito a educação gratuita, independentemente do fato de disporem ou não de documentação legal para permanência no país. A resposta do Comitê de Educação a essa situação foi contratar mais seguranças — ao invés de professores —, pois parecia uma solução econômica.

Nos anos 80, Nova York foi atingida pela “epidemia do crack”, que varreu as ruas e se instalou nos piores bairros da cidade. A heroína também voltou a ser uma droga utilizada por grande número de jovens. As gangues de rua proliferavam com rapidez. A violência nas escolas aumentava descontroladamente e, em resposta a isso, mais e mais seguranças eram contratados. Os índices de imigração superavam todas as previsões. Considerando-se apenas os jovens imigrantes, as escolas recebiam 20 mil novos estudantes todos os anos, fazendo com que o sistema público de ensino atendesse a mais de um milhão de alunos — número esse que superava a grande onda de imigração ocorrida no início do século. Na escola onde eu realizava meu trabalho, havia 2.500 alunos matriculados, embora o conjunto das salas de aula comportasse apenas 1.200 lugares.

Foi em meio a esse contexto, já no início dos anos 90, que iniciei minha pesquisa. Todos vocês sabem que a violência entre jovens adolescentes tem várias causas, incluindo-se aí as relações familiares, alguns fatores biológicos, problemas característicos de determinadas comunidades, questões relacionadas com o ambiente mais geral da cidade, entre outras. A fim de compreender melhor o problema da violência nas escolas, organizei meu trabalho em torno de três perguntas básicas que podem ser formuladas da seguinte forma: De que maneira a escola cria condições para a violência? Que medidas a escola normalmente adota para combater a violência? Por que essas medidas geram ainda mais violência?

Pouco antes dos assassinatos ocorridos na *Jefferson High School*, em uma manhã escura de inverno, eu estava na escola quando, sem nenhum aviso, surgiram 40 seguranças que não pertenciam ao corpo regular de

funcionários. Eles traziam detectores de metal portáteis. Aquela era a primeira escola em que esses novos aparelhos seriam utilizados, e em pouco tempo todo o sistema público de ensino de Nova York estaria entrando para o “admirável mundo novo” da tecnologia de segurança. Dentre as novidades incluía-se também a adoção de máquinas de acesso através de cartão magnético. Para adentrar os portões da escola, os alunos tinham de passar seus cartões por esses terminais computadorizados que verificavam se eles eram estudantes regularmente matriculados.

Esse tipo de equipamento foi introduzido por conta das inúmeras histórias sobre alunos portando armas no interior das escolas. Não se sabia ao certo se o fenômeno era generalizado, mas o fato é que vários alunos começaram a andar armados, pois recebiam ser atacados durante o trajeto de casa para a escola ou mesmo no interior desta última.

Agora, imaginem vocês a dificuldade que era realizar a detecção de metais no momento da chegada dos alunos à escola. Cada estudante, ao ser examinado, precisava tirar todos os objetos que carregava nos bolsos, colocá-los em uma bandeja e aguardar que o segurança passasse o detector ao longo de seu corpo. Ora, em uma escola com 2 mil alunos, não era possível examinar todos, pois ninguém chegaria no horário para o início das aulas. Assim, apenas 20% dos alunos passavam pelos detectores, tornando o procedimento bastante inconsistente. Além disso, o processo era realizado por uma equipe composta de 40 seguranças que vinham de tempos em tempos, somando-se aos 20 seguranças regulares da escola. Era uma verdadeira invasão. Havia seguranças com *walkie-talkies* por toda a parte. A escola parecia ter sido posta sob estado de sítio.

Como disse, os episódios ocorridos na *Jefferson High School* levaram as autoridades a destinar 14 milhões de dólares para a adoção de medidas de segurança mais abrangentes. Elas precisavam reagir de alguma maneira e o que fizeram foi escolher, com base em dados estatísticos, as 40 escolas mais violentas da cidade para concentrar nelas o escopo de sua ação. Nessas escolas, a utilização de detectores de metal passou, então, a ser feita diariamente. Terminais de leitura de cartões magnéticos foram instalados em todas as portas de entrada e até mesmo em algumas passagens internas. As portas mais importantes do primeiro andar foram equipadas com fechaduras de leitura magnética, e todas as salas de aula passa-

ram a dispor de telefones de emergência ligados diretamente à central de segurança. Além disso, antes de entrar na escola, os alunos tinham agora de passar seu material (malas, mochilas, bolsas, sacolas) por um aparelho de raios X como os que se vêem nos aeroportos. Por fim, mais uma vez se aumentou o número de seguranças contratados. A escola em que eu realizava minha pesquisa transformou-se em centro de treinamento para o pessoal de segurança. Vocês podem imaginar a atmosfera de uma escola onde, todos os dias, 70 guardas perambulam de lá para cá em atividades de treinamento.

No total, havia mais de 3 mil seguranças contratados pelo sistema público de ensino, o que representava, em termos numéricos, a 9ª maior força policial de todo o país. Havia mais guardas de segurança nas escolas de Nova York do que policiais na cidade de Boston. Não é uma loucura?

Se tivéssemos mais tempo, eu poderia falar-lhes detalhadamente sobre alguns episódios que ocorreram nos bastidores do processo de implementação da tecnologia de segurança. Houve, por exemplo, casos muito interessantes de alunos que moveram ações judiciais contra o Comitê de Educação, questionando seu direito de instalar detectores de metal nas escolas. No entanto, vou restringir-me apenas a um evento que acredito ser extremamente expressivo e que teve importantes conseqüências para o desenrolar posterior dos acontecimentos. Trata-se do processo judicial movido por professores contra o Comitê de Educação em decorrência de ferimentos sofridos dentro do recinto escolar. Os valores envolvidos eram bastante elevados e, receando outros processos semelhantes, o Comitê resolveu optar por uma estratégia totalmente defensiva. De uma hora para outra, o Sindicato dos Professores passou a ser visto como uma ameaça mais temível do que os pais ou os alunos. O argumento do Comitê era de que os professores estavam tentando lhe imputar uma responsabilidade por incidentes que escapavam a seu controle, uma vez que nem mesmo a adoção de toda a tecnologia de segurança existente fora capaz de evitá-los.

### A responsabilidade dos professores

Por detrás dessa discussão começava a surgir um novo conceito de responsabilidade dentro das escolas. O Sindicato dos Professores elaborou algumas diretrizes, redefinindo o alcance da responsabilidade dos pro-



fessores por aquilo que acontecia no interior da escola. Segundo o Sindicato, os professores não deveriam, sob hipótese alguma, envolver-se em incidentes de violência. Isso significava que, à vista de uma briga encarniçada entre duas garotas, o professor deveria restringir-se a chamar a segurança, evitando intervir no conflito. Daquele momento em diante, situações como essa passaram a ser vistas apenas como questões de segurança.

Perguntei a muitos professores de que maneira a situação das escolas em 1991 era diferente da situação no período anterior a 1968. Segundo eles, a principal diferença relacionava-se com o fato de que, no passado, um aluno podia ser suspenso indefinidamente. A partir de 1968, porém, os grupos de defesa da criança passaram a ter bastante influência e, embora suas ações fossem muito positivas, acabaram trazendo também algumas dificuldades, como foi o caso, por exemplo, da instituição do chamado "limite de suspensão". De acordo com essa regra, nenhum aluno das escolas de Nova York pode ser suspenso por mais de duas vezes durante o ano escolar e o período total de suspensão não deve ultrapassar a cinco dias. Mais ainda, se o aluno fizer parte de um programa de educação especial, ele não pode ser suspenso sem que seja realizada uma audiência especial para discutir seu caso e às vezes passam-se algumas semanas até que essa audiência venha a ocorrer. Isso significa que, mesmo após terem cometido atos extremamente violentos, alguns alunos continuam freqüentando a escola normalmente. Certo dia, por exemplo, vi um garoto puxar uma arma e atirar em seu colega, na frente da escola. Por sorte, ele errou o tiro. No entanto, como fazia parte de um programa especial de educação, no dia seguinte estava de volta à escola como se nada houvesse acontecido.

Ora, ao longo desse período, muitos jovens começaram a se dar conta de que podiam fazer o que bem entendessem, pois não seriam punidos ou, mesmo que o fossem, em pouco tempo estariam de volta. Para não perder o controle total da situação, as escolas começaram a trocar alunos entre si. Ou seja, um aluno com antecedentes de violência sexual que já tivesse sido suspenso durante cinco dias era trocado por outro que fora surpreendido carregando uma faca. Instalou-se, assim, um verdadeiro intercâmbio de alunos problemáticos entre as escolas da cidade.

Voltando à minha pesquisa, um de meus objetivos era investigar o modo como professores e alunos percebem a violência em termos de

espaço e tempo. Na verdade, são duas questões distintas e hoje vou restringir-me apenas à discussão sobre como se configura um “espaço de violência”. Gostaria de convidá-los a fazer um passeio imaginário por uma de nossas escolas. Vamos andar pelo saguão de entrada, pelos corredores e pelas escadas. Como dispomos de pouco tempo, não chegaremos a entrar nas salas de aula. Suponham que vocês fossem escrever um texto de 900 páginas sobre a violência nas escolas e que vocês se preocupassem em falar apenas de corredores e escadas. Como vocês acham que seriam os capítulos desse texto? Quais seriam seus temas?

Bem, começaremos nosso passeio pelos portões de entrada. Em sua jornada contra a insegurança, a primeira medida adotada pelas escolas foi o reforço à proteção de algumas áreas e, sobretudo, das portas de entrada. Novas regras foram adotadas, especificando os horários em que os portões seriam abertos para que os alunos entrassem nas escolas. Aqueles que chegassem atrasados teriam de esperar do lado de fora até o horário seguinte, fossem quais fossem as condições meteorológicas. Assim, mesmo quando estava chovendo ou nevando, era comum encontrar centenas de estudantes na rua aguardando o início da aula seguinte, quando os portões seriam reabertos.

O que mais me preocupa em relação a essas situações é que em pouco tempo as pessoas passam a considerá-las normais e isso pode ser muito perigoso. Certo dia, cheguei à escola debaixo de muita chuva e percebi que havia um grupo enorme de alunos em frente ao portão. Como era de esperar, nenhum deles tinha guarda-chuva — os jovens detestam carregar guarda-chuvas — e estavam completamente molhados. Lembro-me de ter perguntado a alguns professores: “Vocês sabiam que lá fora está caindo um verdadeiro dilúvio e há vários alunos tomando chuva enquanto esperam pela reabertura dos portões?” No entanto, eles simplesmente deram de ombros, como se dissessem: “Bem, se chegaram atrasados, o problema é deles...”. Pior ainda, quando puderam finalmente entrar, os alunos não esboçaram qualquer tipo de reclamação. Isso mostra a que ponto uma situação injustificada pode se transformar em algo corriqueiro e “normal”.

Voltando ao nosso passeio imaginário, depois de passar pelos portões de entrada chegamos ao terminal de leitura dos cartões magnéti-

cos. Mais do que os detectores de metal, esse é um procedimento que realmente me deixa muito perturbado, pois coloca os alunos na condição de intrusos potencialmente perigosos. Além disso, essas máquinas revelam de que maneira o corpo e o rosto dos jovens que frequentam a escola deixaram de ter valor, pois o que os identifica enquanto indivíduos é um pequeno pedaço de plástico, onde estão gravadas algumas informações a seu respeito. Ao encontrar um aluno no corredor, os professores logo perguntam: "Onde está seu cartão magnético? Deixe-me ver seu cronograma".

Para cada aluno que comete uma infração disciplinar, abre-se uma ficha nos arquivos onde são guardados os registros sobre atos de violência cometidos na escola. Por meio dessas fichas, realiza-se um acompanhamento detalhado das atitudes e comportamentos de cada estudante. Caso um aluno esqueça seu cartão magnético em casa, ele não é autorizado a entrar, mesmo que seja conhecido de todo mundo na escola, pois sua "verdadeira" identidade está gravada no cartão. Desta maneira é que se inicia um processo de desumanização no interior do sistema educacional, pois os indivíduos deixam de ser considerados como pessoas que têm um corpo, um rosto e passam a ser vistos em função dos arquivos eletrônicos que armazenam informações a seu respeito.

Chegamos, então, aos aparelhos de raios X. Temos de colocar todos os nossos pertences na esteira. Não deixa de ser significativo que, após a instalação dessas máquinas, os educadores tenham descoberto que, na verdade,  $\frac{1}{3}$  dos estudantes das escolas de Nova York não carrega nada consigo. Não têm mochilas, não têm livros, não têm canetas, não têm nada para colocar na esteira. Um terço dos estudantes vem para a escola sem nada.

Agora, vamos aos detectores de metal. Como já disse anteriormente, não é possível passar todos os alunos pelo detector. Por isso, realiza-se uma escolha aleatória, de modo que aproximadamente  $\frac{1}{3}$  dos estudantes é examinado. O procedimento é semelhante ao que ocorre nos aeroportos brasileiros. A pessoa pisa sobre uma superfície especial que está conectada a um computador e, então, acende-se uma luz vermelha ou verde. A luz vermelha indica que ela deverá subir em um pequeno tablado, onde será examinada pelo detector. Como os alunos estão todos por ali, aguardando o início das aulas, a pessoa que está sendo revista acaba se

transformando no centro de todas as atenções e tem início um estranho espetáculo de fiscalização e vigilância.

## A violência da tecnologia de segurança

Se esses procedimentos de entrada têm como objetivo combater a violência, o que percebemos até aqui em nosso passeio é que eles mesmos são, de certa maneira, violentos. Afinal de contas, sob o olhar vigilante de seguranças, e professores, os estudantes são colocados em uma situação de constrangimento e sujeição, como se a escola fosse uma prisão. Talvez não fosse à toa que na escola onde eu realizava minha pesquisa tivéssemos uma média de 800 ausências diárias: diante da tecnologia de segurança, o único ato de resistência possível parece se reduzir à decisão de faltar às aulas. Percebemos, assim, o quanto nos distanciamos do ideal de uma escola que acolhe e cuida de seus alunos.

Passemos aos corredores e às escadas. Antes de mais nada, escutemos os sons que nos chegam aos ouvidos. Quando imaginamos o tipo de som que ouvimos no interior de uma escola, logo pensamos no incessante rumor de vozes que vem das salas de aula, de professores e alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, o que se ouve por toda a parte é o crepitar e a estática dos *walkie-talkies* e os comentários que os seguranças transmitem através deles. As escolas querem que os seguranças deixem seus *walkie-talkies* sempre ligados para que todos possam sentir sua presença. O som desses aparelhos funciona como uma espécie de arma e cada vez mais funcionários — paraprofissionais e jovens professores que cumprem funções de segurança — carregam-nos presos à cintura.

Além disso, a preocupação obstinada das escolas com a posse de armas, brigas violentas, uso de bebidas alcoólicas, violência sexual e atos de vandalismo em geral, faz com que inúmeras formas menores de violência passem despercebidas. O som dos *walkie-talkies* convive com um barulho ensurdecedor de portas batendo, alunos que entram e saem das salas de aula aos berros, obscenidades e ofensas que são ditas com normalidade impressionante nos corredores, nas escadas e nos pátios das escolas. Esse tipo de violência deixou de receber qualquer repreensão, uma vez que os seguranças estão preocupados com infrações mais sérias,

e os professores deixaram de freqüentar os espaços públicos das escolas, permanecendo reclusos em suas salas de aula.

Para onde vamos agora? Que tal dar uma olhada nos banheiros? Em Nova York há escolas com 2.500 alunos e somente um banheiro para mulheres e outro para homens, pois os demais foram fechados por questão de segurança. Além disso, foram adotadas todas as precauções contra atos de vandalismo. Não há assentos nas privadas, não há portas nas latrinas, não há água corrente nas pias, não há espelho, não há papel higiênico, nem tampouco toalhas de papel — há apenas folhas de jornal. Até as janelas foram reforçadas com chapas de aço, impedindo a entrada de luz natural. Os banheiros passaram a ser monitorados por funcionários e permanecem trancados, abrindo durante apenas 20 minutos, no horário de intervalo, o que impede sua utilização entre uma aula e outra. Houve, obviamente, muitas reações a essas medidas e vários alunos começaram a urinar nos próprios corredores.

Antes de continuarmos, falemos um pouco sobre as brigas e sobre sexo. Em muitas das escolas de Nova York há ao menos uma briga violenta por dia — às vezes duas. Mais do que as brigas em que meninas pequenas enfrentam garotas maiores, o que realmente deixa muitas pessoas chocadas são as brigas entre rapazes e moças. Há casos em que rapazes e moças se atacam de tal maneira que é preciso chamar uma ambulância, pois eles saem da briga seriamente machucados. De fato, todos nós ficamos estarecidos quando esse tipo de briga começou a acontecer, pois percebemos que havíamos chegado a um ponto em que nem mesmo a diferença de gênero importava mais.

É interessante notar como as brigas se relacionam com um tipo de brincadeira extremamente difundida nos dias de hoje. Por todos os cantos da escola é possível observar alunos brincando de se esmurrar. Trata-se de um comportamento que tem características complexas, pois pode expressar tanto amizade e companheirismo, quanto intimidação e ameaça. O mais curioso é que uma brincadeira tão tipicamente masculina como essa começou a ter lugar também entre as meninas e, de uma hora para outra, víamos moças e rapazes divertindo-se enquanto trocavam socos e tapas.

Ora, o pessoal da segurança sabe muito bem que a linha divisória entre uma briga de brincadeira e uma de verdade é muito tênue. Quando

uma briga de verdade explode, são eles os únicos que se atrevem a apartá-la. Um alerta é transmitido através dos *walkie-talkies* e todos os seguranças da escola correm para o local. Sempre que os guardas são vistos correndo já se sabe que há uma emergência e os alunos seguem-nos até o local do incidente, onde formam uma roda para apreciar o espetáculo — com o qual, obviamente, divertem-se muito, a ponto de ficarmos na dúvida se é a briga que atrai o público ou o público que atrai a briga.

Quanto à questão do sexo, podemos dizer que na escola há três tipos de atividade sexual. Em primeiro lugar, há o sexo consensual, que acontece mesmo em áreas bem vigiadas — na verdade, em uma das escolas havia um local a que os alunos apelidaram de “motel”. Há muito sexo consensual nas escolas de Nova York. No entanto, da mesma forma que as brigas de brincadeira, a linha divisória que separa o sexo consensual da violência sexual é muito tênue. Em segundo lugar, portanto, temos a violência sexual, que também é bastante praticada em nossas escolas. Por último, mas não menos importante, há os incontáveis casos de assédio sexual.

Retomando nosso passeio, observemos que nas paredes da escola há uma guerra em andamento. Os alunos picham as paredes com tanta freqüência que é preciso pintá-las todas as noites. Há casos de funcionários que não fazem outra coisa a não ser pintar paredes. Até os quadros de avisos entram na mira dos alunos. Não são raros os dias em que todos os quadros de avisos da escola são queimados. Sempre me pergunto sobre o significado dos avisos que são afixados nesses quadros, pois acredito que talvez assim consiga compreender o que motiva os alunos a botar fogo neles.

Chama a atenção também, conforme circulamos pela escola, a grande quantidade de alunos que matam aula e ficam perambulando pelos corredores. A qualquer momento do dia há sempre cerca de cem alunos vagando pelos corredores. Para contornar essa situação, os seguranças fazem uma verdadeira operação de varredura: começando pelo último andar da escola, eles vão descendo e recolhendo todos os alunos que encontram pela frente e que deveriam estar em aula. Em seguida, trançam-nos em algumas salas até que a direção decida o que fazer com eles.

## Combate obsessivo

Embora aparentemente insignificantes, os bebedouros também são essenciais na conformação de um “espaço de violência” nas escolas. Vocês devem estar se perguntando: “mas o que um bebedouro tem a ver com a violência”? Para começar, eu diria que não existe um direito humano mais básico do que o livre acesso à água potável. A água representa uma espécie de alimento para o espírito e isso talvez explique a razão de os bebedouros das escolas de Nova York serem tão bonitos. No entanto, os alunos arrancavam as torneiras e entupiam os encanamentos, levando os funcionários a cortar o fornecimento de água. Isso nos coloca uma questão que diz respeito não aos bebedouros em si, mas à própria maneira como a escola lida com a violência, respondendo a cada ato de violência com a adoção de uma medida de segurança.

Quando perdemos o controle de um processo como esse, a violência e a segurança tornam-se verdadeiras obsessões. Entramos em uma espiral ascendente em que as regras de segurança e os atos de violência perpetuam-se uns aos outros e acaba sendo difícil saber qual veio primeiro. O que veio primeiro, o ovo ou a galinha? Não é essa a questão. O que deveríamos procurar saber é quem terá mais condições para mudar esse estado de coisas no futuro. Quem será capaz de mudar essa cultura de violência e segurança que se instalou nas escolas: os estudantes ou os educadores? Essa é a questão que realmente importa.

Encerremos nosso passeio falando um pouco sobre as portas da escola, pois elas são um grande tormento para todos. Sensores eletromagnéticos foram instalados nos locais mais importantes e, em função disso, sempre que uma pessoa empurra uma porta ouve-se o som estridente de uma campainha. Portas e janelas foram substituídas por *plexiglas* — um material plástico à prova de balas. Embora seja um excelente material de construção, o vidro vem sendo substituído por plástico e outros materiais à prova de bala. As portas têm correntes pelo lado de dentro. Para entrar no refeitório o aluno deve apresentar seu cartão magnético e comprovar que ele realmente está em seu horário de almoço.

Quando vocês voltarem para suas escolas, pensem um pouco sobre as portas. Em 90% dos casos, sempre que houver um relacionamento

positivo entre adultos e alunos as portas não estarão trancadas. Esse é um princípio básico.

## Os desafios diante da violência escolar

Espero que nosso breve passeio tenha sido suficiente para mostrar que, apesar da tecnologia de segurança, de restrições cada vez mais abrangentes e de um número crescente de seguranças contratados, a violência nas escolas de Nova York não diminuiu. Ao contrário, a cada dia que passa, o ambiente escolar torna-se mais e mais violento. Entre outras coisas, o que acontece — e isso é uma advertência séria — é que a presença de grande quantidade de dispositivos de segurança, bem como o enrijecimento das relações escolares pela “cultura da segurança” são fatores que provocam uma rápida mudança de atitude nos professores. Em pouco tempo eles passam a agir como se fossem professores universitários, enclausurados em suas salas de aula, preocupados apenas com o desenvolvimento intelectual de seus alunos, esquecendo-se de que o processo de ensino e aprendizagem é muito mais abrangente, que não é possível educar a mente sem educar também o corpo. Ressurge, de certa maneira, a velha separação entre corpo e mente, como se aos professores coubesse cuidar apenas da mente de seus alunos, deixando o corpo deles a cargo dos guardas que vigiam os corredores e os pátios das escolas.

Em tais circunstâncias, podemos dizer que os estudantes ficam como que abandonados à própria sorte. Eles percebem rapidamente que não há mais professores circulando nos corredores, nas escadas ou nos espaços de uso comum da escola. Essa ausência significa que os jovens deixam de dialogar com pessoas adultas e, sobretudo, deixam de receber o cuidado e a atenção de que necessitam. Assim, por estranho que possa parecer, os alunos sentem-se à vontade para fazer o que bem entenderem, uma vez que todo o aparato de segurança montado no interior das escolas serve para controlar as infrações realmente sérias, não as pequenas violências que permeiam o dia-a-dia do ambiente escolar.

Essa situação interfere inclusive no acompanhamento estatístico dos atos de violência. Preocupadas em não ter uma imagem marcada pela violência, as escolas passaram a suspender apenas os alunos que cometem atos extremamente graves, fazendo vista grossa a inúmeros outros



incidentes menores que acontecem com freqüência alarmante. De fato, quando a direção de uma escola começa a se preocupar somente com os casos mais graves é porque as coisas estão fugindo ao controle.

No ano passado, o Sindicato dos Professores da Cidade de Nova York obteve uma conquista muito importante. Até então, os professores tinham, em geral, uma carga de trabalho composta de cinco horas-aula, uma hora destinada à preparação de aulas, uma hora de almoço e uma hora dedicada ao que chamamos de “serviços gerais”, em que eles deviam circular pelos corredores, permanecer no pátio durante o recreio, ajudar o pessoal da lanchonete. A reivindicação que o Sindicato dos Professores conseguiu ver atendida no ano passado consistia em pôr fim a esse horário de “serviços gerais” e acrescentar mais uma hora destinada à preparação de aulas. Isso significa que, legalmente, os professores não têm mais qualquer responsabilidade sobre os espaços comuns da escola; nada do que acontece fora das salas de aula lhes diz respeito. Em conseqüência — e trata-se de algo que teve início em Nova York, mas está acontecendo também em outras cidades, como Atlanta e Minneapolis —, os alunos do nível primário não têm mais recreio, pois não há professores para acompanhá-los e monitorá-los. Os seguranças e os paraprofissionais também não podem encarregar-se disso, pois estão muito ocupados cumprindo tarefas relacionadas à segurança. Não bastasse isso, a partir das três da tarde encerram-se todas as atividades da escola. Às três em ponto, todos devem ir para casa porque não podemos pagar horas extras para o pessoal de segurança e não há mais professores dispostos a ficar na escola depois do horário, a não ser que recebam horas extras.

As escolas passaram a ser um território controlado por políticas institucionais. Quando há um jogo de basquete, por exemplo, as únicas pessoas que podem ficar no ginásio são os jogadores dos dois times. Ninguém tem autorização para assistir ao jogo. Tudo isso é feito em nome do combate à violência, mas os professores e o Sindicato dos Professores também têm uma parcela de responsabilidade, pois sua atitude contribuiu para o agravamento desse problema.

## Opções e caminhos

Gostaria de encerrar, mencionando um episódio ocorrido recentemente em uma escola de 2<sup>o</sup> grau. Houve uma guerra na lanchonete entre estudan-

tes afro-americanos e estudantes latinos. Os professores reagiram, abandonando imediatamente a escola. Durante dois dias, pais e alunos ligavam para saber quando as aulas seriam reiniciadas, mas recebiam sempre a mesma resposta: “Sem segurança não há aula”. O Comitê de Educação percebeu a situação embaraçosa que se anunciava pela frente e optou por modernizar o sistema de segurança da escola: instalou detectores de metal em tempo integral e toda a parafernália tecnológica de que falei acima.

É assim que o sistema educacional de Nova York está respondendo à violência. Há muita recusa em aceitar o que acontece e há também muita conscientização falsa. Aparentemente, o único instrumento que temos hoje para enfrentar a violência é a tecnologia da segurança. O problema é que, se por um lado o número de acidentes graves envolvendo armas foi realmente reduzido em função da utilização dos detectores de metal, por outro, há vários outros tipos de incidente que se tornam cada vez mais frequentes. Neste sentido, não deixa de ser irônico o fato de que, mesmo com toda a “cultura da segurança”, a violência nas escolas esteja aumentando ao invés de diminuir.

Hoje à tarde pretendo também falar sobre alguns programas alternativos muito interessantes que estamos implementando e sobre o vazio que temos encontrado, porque os professores não estão mais nos lugares em que deveriam estar e não podemos mais contar com seu apoio e sua assessoria. Em minha opinião, neste momento o Brasil está vivendo uma situação muito parecida com a que acontecia em Nova York há dez ou quinze anos. Vocês terão de tomar algumas decisões no que se refere à violência. O que vocês pretendem fazer? Vão optar pela adoção de medidas de segurança ou vão se dedicar à capacitação de mais professores, elaborar programas para discutir os problemas da escola e aumentar o grau de educação de seus alunos, antes que a violência se instale de uma vez por todas?

O futuro e os anos violentos já chegaram. Há duas semanas, participei de uma grande conferência em São Paulo e algumas cabines haviam sido instaladas na entrada do local. As pessoas se perguntavam o que era aquilo. Seriam detectores de metal? Máquinas de acesso por cartão magnético? O fato é que as cabines estavam lá; a violência já invadiu as escolas. Portanto, vocês terão de fazer suas opções rapidamente.

# As Cidades Educadoras

*Pilar Figueras*<sup>1</sup>

Às portas do século XXI, deparamo-nos com toda uma herança de conhecimentos acumulados pela espécie humana ao longo da história. A essa herança devemos acrescentar as novas descobertas científicas feitas a todo o momento e o volume crescente de informações que, graças às novas tecnologias, chegam até nós em tempo cada vez menor. Obviamente, a escola não tem condições de transmitir todos esses conhecimentos e informações a seus alunos, mas isso não diminui sua importância e utilidade na formação inicial das pessoas, como pudemos comprovar durante a excelente apresentação da Sra. Lorraine Monroe. No entanto, é preciso reconsiderar o papel a ser assumido pela escola às portas do século XXI, e essa análise não pode ser feita somente pelos professores, ainda que sua participação seja fundamental.

No novo contexto em que estamos vivendo é preciso, mais do que nunca, educar os cidadãos, mas é necessário também que eles estejam preparados para agir como educadores. A educação deixou de ser um processo isolado a cargo da família ou da escola, ocupando apenas alguns anos da vida de cada um. Ela tornou-se um processo dinâmico e contínuo, compartilhado por uma multiplicidade de agentes que incidem com vontade educadora na vida das pessoas e, no que se refere ao nosso tema de hoje, no marco concreto das cidades.

As cidades exercem grande influência sobre a vida de seus habitantes, pois implicam determinadas formas de organização do espaço que configuram lugares onde as pessoas convivem e se relacionam entre si. Basta pensar no que significa nascer, morar ou trabalhar em uma determinada cidade, e não em outra qualquer, para que percebamos quão profundamente ela interfere no modo de vida de seus cidadãos. Portanto, considerando que no ano 2000 praticamente dois terços da população mundial estarão morando em cidades, inúmeras oportunidades para a

---

1 Professora titular da Faculdade de Pedagogia da Universidade Autônoma de Barcelona, e secretária da Associação Internacional de Cidades Educadoras.

construção do conhecimento e para o enriquecimento pessoal e coletivo serão criadas se formos capazes de utilizar positivamente o amplo leque de iniciativas educadoras que a cidade pode dispor.

Não pretendo negar que as cidades muitas vezes se configuram como espaços onde a falta de moradia, a pobreza, o desemprego, a violência, a intolerância, entre outros problemas graves, expõem-se duramente diante de nossos olhos — e isso nos leva, em certas ocasiões, a formular opiniões bastante pessimistas sobre a vida urbana, em geral.

Há dois anos estive em Curitiba, participando de um seminário organizado pelo Grupo Montevideu de Universidades. Nessa ocasião, o Dr. Jaime Lerner, a quem admiro profundamente, apresentou uma palestra em que chamava a atenção das pessoas para o fato de que as cidades são freqüentemente consideradas em função de seus problemas, quando, na verdade, deveriam ser vistas a partir das soluções que elas podem oferecer. É verdade que as cidades são palco de algumas misérias humanas, mas também é certo que elas são o lugar onde podem ser formuladas as soluções para esses mesmos problemas. Devemos passar, disse ele, da cultura do lamento e da constatação de desgraças — que são, por certo, importantes — para a cultura das soluções compartilhadas.

### A educação além da escola

No âmbito da ação transformadora a ser desempenhada pelas cidades, há um lugar central reservado à educação. A educação em sentido amplo, isto é, aquela que transcende os limites da escola, tem uma importante contribuição a oferecer, pois é preciso promover a consciência sobre os direitos e deveres da cidadania, é preciso construir uma percepção de que os problemas que nos esperam podem e devem ser solucionados com a participação de todos.

A cidade educadora deve acreditar em seus cidadãos, confiar neles e no potencial da educação para promover as mudanças necessárias. Mas esse é um processo que não pode ser abandonado à própria sorte. Como sabemos, em situações democráticas, os governos locais representam legitimamente seus cidadãos. Alguns deles têm, cada vez mais, a sensibilidade e a consciência de que a educação faz parte de um projeto político, e sabem

que é sua responsabilidade criar sinergias, formular propostas, coordenar e impulsionar as fontes de influência que se exercem sobre os cidadãos.

É necessário que toda a informação disponível alcance de forma adequada todos os níveis, cantos e setores da cidade, especialmente os menos favorecidos. Porque temos convicção disso e porque nossos recursos econômicos são cada vez mais limitados, é imprescindível contar com a colaboração da sociedade civil. Mais do que nunca, é evidente a necessidade da colaboração entre o setor público e o setor privado, entre os governos locais e a sociedade civil. As cidades são muito diferentes entre si. Cada uma tem sua história, sua cultura, sua constituição, seu modo de funcionamento, seu ritmo de evolução, suas mudanças, seu urbanismo, suas festas, seus serviços, sua distribuição geográfica. A vivência de tudo isso, em todas e em cada uma das cidades é, por si mesmo, um ato contínuo de adaptação e aprendizagem.

Pretendo falar concretamente daquelas cidades que, tendo consciência da importância da educação na vida de seus cidadãos, assumem o compromisso e a responsabilidade de contribuir positivamente para o impacto educativo da cidadania. Essas cidades reconhecem, tal como é determinado pela "Carta das Cidades Educadoras", um novo direito para seus habitantes — o direito de contar com uma cidade educadora — e todas elas dão um passo à frente, oferecendo espaços e oportunidades para uma formação integral.

A cidade educadora, consciente de que o acesso à educação contribui para a redução das desigualdades, investe na formação integral de seus habitantes, tanto no plano individual quanto no plano coletivo. Para isso, e com a finalidade de lutar contra a exclusão e a formação de guetos, são programadas ações diferenciadas e compensatórias que atendam às necessidades daqueles grupos ou coletividades menos favorecidos, de maneira a possibilitar a integração e não a segregação dos agrupamentos humanos. Como dizia Ricardo Lago — antigo ministro da Educação do Chile —, não é suficiente apenas erradicar o analfabetismo, não é suficiente atender ao conjunto da população; é necessário, além disso, adotar políticas educacionais diferenciadas, porque os grupos sociais são diferentes entre si — só assim a educação poderá tornar-se realmente eficaz.

Também a alocação de recursos deve ser diferenciada. É urgente compatibilizar solidariedade com competitividade, identidade com pluralismo. Yehudi Menuhim destaca que não devemos educar somente para o emprego, devemos educar para a ocupação. Compartilhando os critérios que são a base do relatório de Lours, recentemente editado pela Unesco, e não totalmente os critérios do relatório “Prioridades e Estratégias da Educação – Exame do Banco Mundial”, é preciso afirmar veementemente que a educação, além de ser um investimento necessário, é um direito. E devemos destacar também que se trata de um investimento rentável, não só em termos econômicos como em termos humanos.

### Ultrapassando as demandas do mundo do trabalho

A abordagem centrada na geração de habilidades para o trabalho é importante, pois está vinculada ao mundo do trabalho e à subsistência. Mas a visão da educação não deve ser reducionista e sim amplificadora. Nesse sentido, a proposta de cidades educadoras representa uma nova perspectiva para a educação, uma nova contextualização, uma nova forma de viver a cidade e de viver a educação que vai além da setorização e da divisão que caracterizam as atuais políticas de desenvolvimento humano.

O conceito de cidade educadora significa um passo à frente em relação à proposta elaborada por De Gadford em sua obra “Aprender a Ser”, editada pela Unesco em 1972, onde se fala da “cidade educativa”. Já naquela obra, considerava-se que a família e a escola não eram mais capazes de assumir todas as tarefas relacionadas à educação e que, pouco a pouco, elas haviam deixado de ser as únicas responsáveis pela formação dos cidadãos, passando a compartilhar esse compromisso com as diversas organizações, coletividades e propostas que surgem diariamente nas cidades. Assim, deve-se dizer que todas as cidades são educativas, mas somente são educadoras aquelas que querem sê-lo.

A proposta da “Cidade Educadora” está assentada sobre três pilares fundamentais: informação diferenciada, participação co-responsável e avaliação. A organização em torno da qual se reúnem as cidades que desejam trabalhar nessa linha é a Associação de Cidades Educadoras. Desta associação participam cidades — representadas por seus governos locais — que acreditam na importância do cumprimento das normas

estabelecidas na “Carta das Cidades Educadoras” (Declaração de Barcelona, 1990) e que compartilham da certeza de que hoje, mais do que nunca, as cidades precisam dialogar e atuar de forma conjunta e solidária para poderem avançar. O objetivo é trocar experiências, confrontar modelos de intervenção, comparar metodologias de trabalho e atuar conjuntamente em projetos que sejam destinados a todos os cidadãos, levando em conta a pluralidade de interesses e as necessidades de cada coletividade. Como disse anteriormente, a participação de todos é muito importante — professores, universidades, associações representativas da sociedade civil —, pois são essas coletividades que poderão garantir a continuidade das propostas da “Cidade Educadora”, a despeito de eventuais mudanças políticas que venham a ocorrer no futuro.

A Associação de Cidades Educadoras é uma organização semi-governamental que reúne mais de 110 cidades em mais de 18 países e tem como objetivo expandir a proposta da “Cidade Educadora”, contribuir para o cumprimento dos pontos estabelecidos na “Carta das Cidades Educadoras”, estimular colaborações e ações conjuntas entre as cidades, promover agrupamentos territoriais e temáticos entre elas e organizar encontros de forma regular. Já existem dois centros na América Latina, que se encarregam da coordenação destas redes territoriais: um na cidade de Rosário, cuja atuação se concentra no Cone Sul, e outro em Manizales, que se destina às cidades dos países andinos. Além disso, outro objetivo da Associação de Cidades Educadoras é colaborar com os diversos organismos nacionais e internacionais. Estamos realizando trabalhos em conjunto com a Unesco, com a Organização das Nações Unidas, com o Mercosul, com o Grupo Montevideu e muitos outros grupos.

### Banco de dados de experiências

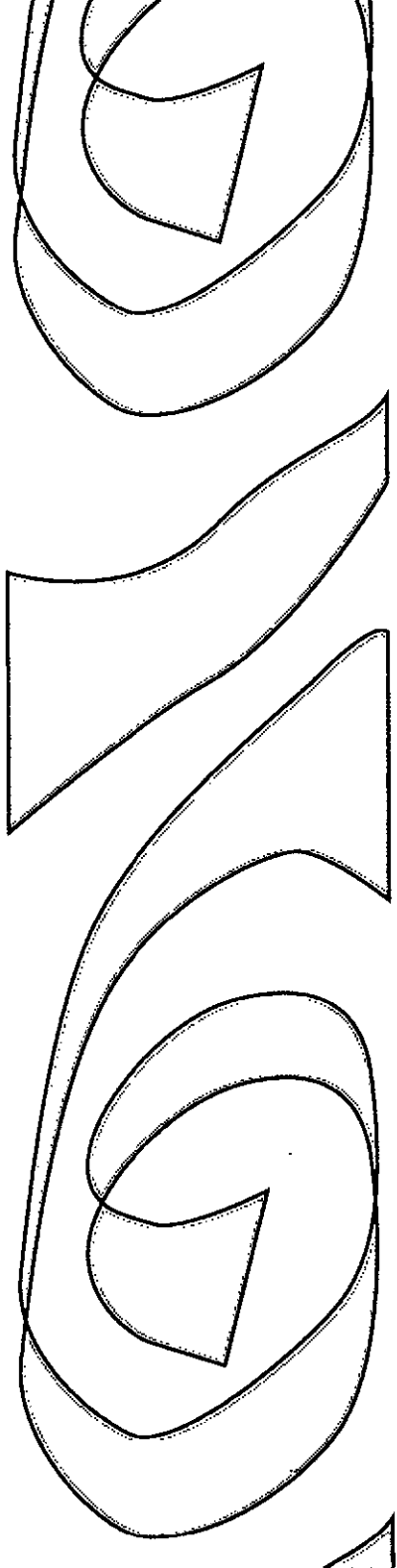
Nossa instituição dispõe atualmente de um banco de dados com relatos sobre aproximadamente 100 experiências realizadas em diferentes cidades. Este banco de dados é um elemento importantíssimo para que as cidades possam conhecer melhor a realidade das demais participantes da Associação e estabelecer mecanismos de intercâmbio. A cada dois anos organizamos um congresso internacional em que são discutidos alguns dos princípios da “Cidade Educadora”. O tema do primeiro con-

gresso, realizado em Barcelona, em 1990, foi “A cidade educadora para as crianças e os jovens”. O segundo congresso aconteceu em Gotemburgo, na Suécia, e nosso tema foi “A educação durante toda a vida”. No terceiro congresso, em Bolonha, tratamos da questão do multiculturalismo nas cidades. Nosso próximo tema será “Conhecer o passado para projetar o futuro” e no ano 2000 estaremos em Lisboa para discutir o tema “A cidade educadora para toda a cidadania”.

Para terminar, gostaria de dizer que, apesar da globalização e dos grandes avanços realizados nas áreas de economia, cultura e meios de comunicação, apesar de termos comemorado os 50 anos da Declaração dos Direitos Humanos, apesar das inúmeras reuniões que realizamos pelo progresso social, pela luta contra as desigualdades, pelo crescimento sustentável e pela proteção do meio ambiente, apesar de tudo isso, nossas cidades continuam sendo pouco solidárias e extremamente polarizadas. À medida que elas se tornem mais educadoras, poderão contribuir para a coesão social e para o fortalecimento da auto-estima e da satisfação de todos os seus habitantes.

Há algumas vozes que pretendem desconsiderar ou minimizar a importância da proposta da “Cidade Educadora”, dizendo que se trata de uma utopia ou simplesmente de um *slogan*. Dessa forma, querem desativar ilusões e abordagens positivas. Sem dúvida, nossa proposta é um horizonte em direção ao qual devemos caminhar todos os dias. Trata-se de uma proposta dinâmica e aberta, que ao ser compartilhada por um número cada vez maior de cidades tende a se fortalecer, desenvolvendo, concretizando, ampliando e aprofundando as realizações de cada um de seus participantes. Por esta razão, estamos atuando no sentido de incorporar cada vez mais cidades do continente latino-americano a esta tarefa comum. Isso é necessário para que a proposta da “Cidade Educadora” — inseparável do conceito de cidade democrática e solidária — seja, cada vez mais, uma realidade.





Mesa-Redonda:  
PARCERIA  
EMPRESA-  
ESCOLA:  
PERSPECTIVAS  
E  
COMPROMISSOS

*Expositoras:*

Flora Lovato  
*Instituto IOCHPE*

Marina das Graças Moraes  
*Instituto C&A*

*Debatedores:*

Hélio Cadore  
*SEBRAE/PR*

Josceler Gomes Moreira  
*Programa Acorda Brasil/MEC*

*Moderador:*

Gilberto Dimenstein

# A Atuação das Fundações Empresariais

*Flora Lovato*

Gerente de Projetos da Instituto Iochpe

A Fundação Iochpe, da qual faço parte, é mantida pela empresa Iochpe Maxion S/A, que atua na área de equipamentos para automóveis e trens. A maioria das fundações mantidas por empresas privadas financia, apóia ou estabelece algum tipo de vínculo com iniciativas da sociedade civil e do setor público, mas não desenvolve seus próprios programas. A Fundação Iochpe, porém, diferencia-se dessas experiências, na medida em que opta por desenvolver seus projetos por sua conta, sem a realização de parcerias. Como esta é uma iniciativa bastante diferenciada, concluí que seria mais produtivo falar inicialmente sobre as instituições do GIFE (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas), para que vocês tenham um quadro mais amplo do contexto em que se estabelecem parcerias entre empresas, escolas e associações da sociedade civil. Em seguida, falarei um pouco mais detalhadamente sobre os projetos da Fundação Iochpe.

Antes de mais nada, acho que vale a pena mencionar o fato de que o empresariado de hoje, diferentemente do que ocorria no passado, demonstra uma grande preocupação com a questão da educação. Há diversos motivos para essa mudança no comportamento dos empresários. Alguns, talvez, estejam agindo em função de seus próprios interesses, uma vez que estão preocupados em investir na formação de mão-de-obra especializada para suas empresas. Outros, porém, resolveram entrar na área social, e especificamente na área da educação, por terem desenvolvido uma consciência de responsabilidade para com a cidadania social. Esses empresários têm atuado na área social não apenas enquanto indivíduos. Na verdade, eles têm envolvido suas próprias empresas nessa iniciativa, uma vez que podem maximizar as competências aí existentes, colocando-as a serviço da comunidade. O GIFE, por exemplo, é constituído por 44 instituições. Gostaria de falar a vocês sobre algumas dessas experiências, pois elas mostram de que maneira tem se dado a contribuição do empresariado na área da educação.

A Fundação Acesita realiza um trabalho com 21 escolas da rede pública de 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus do município de Timóteo, interior de Minas. Além de contribuir para a reconstituição física das escolas, essa fundação tem atuado principalmente na capacitação de professores e no incentivo à integração entre escola e comunidade. O modelo de intervenção aqui utilizado, a “adoção” de uma ou mais escolas por uma empresa, é bastante comum. A Natura, por exemplo, desenvolve trabalho semelhante em São Paulo, tendo adotado uma escola localizada no município de Itapeerica da Serra.

Por outro lado, há instituições que se concentram na elaboração de material de reforço. Este é o caso da Fundação Victor Civita, que edita a revista “Nova Escola”, distribuindo-a para 160 mil professores da rede pública e privada de ensino. A Fundação Vitae desenvolveu 200 protótipos especiais de material didático. A Fundação Cargil, por sua vez, oferece material escolar básico a 13 mil crianças de 61 escolas em 20 cidades brasileiras. E o Instituto Ayrton Senna, no âmbito de seu programa de aceleração de aprendizagem, prepara e distribui material didático especial a 3.500 alunos.

Há também experiências em que as empresas atuam na área de reforço escolar, como ocorre com a Fundação Romi, ligada às Indústrias Romi, que atende anualmente 160 adolescentes, e o Instituto C&A, que optou por implementar um programa de complementação escolar através da informática. Além disso, essas duas instituições realizam ações voltadas para a formação de professores. Em 1994, a Fundação Romi construiu um centro de capacitação de professores, destinado à atualização daqueles que trabalham com o ensino técnico e tecnológico. O Instituto C&A tem um projeto que se chama “Capacitar Educadores”, cujo objetivo é capacitar educadores leigos que atuam na pré-escola e em centros comunitários de atendimento.

Como vocês devem saber, há outras formas de atuação, como, por exemplo, a da Fundação Bradesco, que construiu e mantém em operação 36 escolas no Brasil inteiro. Essas escolas oferecem desde a educação infantil até o 2<sup>o</sup> grau e 2<sup>o</sup> grau profissionalizante, além de cursos menores voltados para profissionalização, e atendem a nada menos que 95 mil alunos. Por sua vez, embora seja objeto de críticas, a Fundação Roberto

Marinho realiza há vários anos um trabalho de educação à distância, que hoje chama-se “Telecurso 2000”.

Enfim, esta é uma pequena amostra de como as empresas estão procurando mobilizar a sociedade e influir nas políticas públicas destinadas à educação. Temos desde iniciativas localizadas, como o apoio ou “adoção” de uma única escola, até instituições como a Fundação Odebrecht, que em 1994 lançou a campanha “Só a Escola Corrige o Brasil”, cuja experiência levou à posterior elaboração, já em parceria com o MEC, do programa “Acorda Brasil”.

### Escolas em fábricas

Gostaria agora de falar sobre uma atuação bastante específica, que é a da Fundação Iochpe. Nosso trabalho também tem como objetivo colaborar com a educação, mas não atuamos diretamente sobre o sistema educacional.

A idéia inicial do nosso projeto, que se chama “Formare”, surgiu em 1988, quando os diretores da Iochpe entraram em contato com a experiência que estava sendo desenvolvida pelo Sr. Geraldo Link, da Link S/A. A Link S/A é uma indústria de tratores e, por iniciativa do Sr. Geraldo Link, havia elaborado o “Projeto Pescar”, cujo objetivo era oferecer qualificação profissional a adolescentes, em um esquema de educação não-formal. Iniciamos o “Projeto Formare” em 1988 nesses mesmos moldes e, de lá para cá, conseguimos excelentes avanços.

Temos hoje cinco escolas, sendo quatro delas no Brasil e uma na Argentina. As escolas que ficam no Brasil localizam-se em quatro cidades: Cruzeiro, interior do Estado de São Paulo; Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte; Canoas, região metropolitana de Porto Alegre; e Santa Rosa, interior do Rio Grande do Sul. Na Argentina, nossa escola fica na província de Córdoba. Essas cidades foram escolhidas porque a empresa Iochpe Maxion tem fábricas instaladas em cada uma delas. Desta maneira, toda a competência que a Iochpe Maxion colocou nessas escolas se utiliza de sua capacidade já instalada. As escolas estão dentro das fábricas e esse é o primeiro aspecto que distingue essa iniciativa, ou seja, o aproveitamento de nossa capacidade instalada em favor de uma ação social.

Isso não significa que os cursos que oferecemos relacionem-se necessariamente com a área de atuação da Iochpe Maxion, pois nossa intenção não é formar mão-de-obra para nossa empresa. Ao contrário, o objetivo primordial do “Projeto Formare” é ajudar os alunos a se colocarem no mercado de trabalho e, em função disso, estamos sempre atentos às necessidades da comunidade de cada uma das cidades onde atuamos. Não decidimos aleatoriamente o tipo de curso que iremos oferecer — não há por que formar eletricitistas em Cruzeiro, por exemplo, se houver eletricitistas de sobra naquela cidade. Para podermos realizar essa tarefa, estabelecemos parcerias com várias outras empresas, garantindo a nossos alunos — que são adolescentes na faixa entre 14 e 18 anos — uma primeira colocação no mercado de trabalho.

## O papel do voluntariado

Outra característica do nosso trabalho é a participação voluntária de funcionários nas ações da Fundação Iochpe, pois acreditamos que assim contribuimos para fomentar no corpo funcional da empresa a consciência sobre a importância da participação e do espírito de cidadania. Desta maneira, o soldador da linha de montagem, que tem um conhecimento específico em sua área, desempenha também o papel de educador; é ele quem ajuda a formar os adolescentes que participam do “Projeto Formare”. Embora seja um educador leigo, ele é uma pessoa que assume o compromisso de ensinar e transmitir seu conhecimento para esses adolescentes — mas é claro que também oferecemos a ele um curso de capacitação para que possa desempenhar bem esse papel.

Até hoje, já formamos 400 alunos. Nosso trabalho é centrado não só na qualificação dos alunos, mas também no seu resgate, pois, embora tenham pelo menos até a 6ª série concluída, muitas vezes eles não dispõem de chances para desenvolver seu potencial. Neste sentido, se por um lado oferecemos a eles uma oportunidade de complementação de seus estudos, preparando-os para a entrada no mercado de trabalho, por outro procuramos resgatá-los para o convívio em sociedade, abordando sempre a questão da cidadania, realizando atividades de socialização como visitas a empresas e exposições, passeios etc. Esses adolescentes têm, em média, uma renda familiar de até dois salários mínimos e nós nos preocu-

pamos em oferecer a eles um atendimento quase individualizado. Em cada escola não há mais do que 20 alunos por ano. Além disso, a Fundação também garante uma bolsa de estudos, alimentação, transporte, enfim, alguns dos benefícios que são normalmente oferecidos aos funcionários da empresa.

Em 1988, quando começamos a atuar na área de educação, nossos esforços incluíam-se no âmbito do “Projeto Pescar” e eram de responsabilidade do setor de recursos humanos da empresa. A partir de 1994, a Fundação Iochpe assumiu a direção dessas atividades e, com isso, elas passaram a receber uma atenção diferenciada, levando-nos a perceber que a qualidade do ensino técnico a ser oferecido era extremamente importante. Estabelecemos, então, uma parceria com o CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) do Paraná, que passou a nos assessorar em todas as questões pedagógicas. Entre outras coisas, essa colaboração resultou no curso de capacitação para nossos docentes voluntários, além de possibilitar que os alunos, ao concluírem seus estudos, recebam um certificado reconhecido pelo MEC — o que, sem dúvida alguma, facilita o seu ingresso no mercado de trabalho.

Gostaria de mencionar ainda que, ao lado do “Projeto Formare”, temos o “Programa Amigo”, baseado em uma idéia bastante difundida nos EUA, chamada “*Big Brothers, Big Sisters*”. Nos EUA, os “*Big Brothers, Big Sisters*” são pessoas já aposentadas, acima dos 65 anos, que trabalham com adolescentes “problemáticos”, adolescentes em situação de marginalidade social. Em nosso caso, alguns dos funcionários da empresa realizam um trabalho voluntário de acompanhamento e apoio àqueles jovens que não têm respaldo da família. Quer dizer, o jovem que não pode contar com a família passa a ter a presença importante desse “amigo”, que lhe dá todo o respaldo necessário para o seu desenvolvimento.

Enfim, acho que todas essas iniciativas refletem a preocupação dos empresários com a questão da educação. Há muita coisa ainda a ser feita e alguns empresários ainda estão acórdando para essa situação. Não entanto, acredito que se reunirmos nossos esforços poderemos melhorar a educação neste país e assim construiremos uma sociedade melhor para todos.

# O Desafio da Qualidade na Educação

*Marina das Graças Moraes*

Consultora de Projetos do Instituto C&A

Sou diretora de escola na rede estadual de São Paulo e trabalho como consultora do Instituto C&A. Gostaria de falar sobre a atuação deste instituto, que é uma organização sem fins lucrativos, mantida pela C&A Modas e que tem como finalidade apoiar entidades que trabalham com a educação de crianças e adolescentes.

Nosso instituto mantém vários programas, destacando-se, dentre eles, o estímulo à Cooperativa de Entidades Sociais, por ser aquele que se encontra mais estabelecido, tendo já alcançado um reconhecimento mais amplo. A história da relação do Instituto C&A com a Cooperativa começou há bastante tempo. Inicialmente, éramos procurados para prestar pequenos auxílios, quando havia necessidade de realizar algum reparo em determinada creche, consertar um telhado, arrumar um encanamento e coisas desse tipo. Através da observação do dia-a-dia das creches, porém, verificamos que seu problema mais sério era de outra natureza, pois as educadoras que trabalham em creches são, em sua maioria, pessoas leigas, sem um treinamento específico para lidar com crianças. Percebemos que as creches funcionavam como um lugar onde as crianças eram deixadas pelas mães, sem que houvesse o planejamento de um trabalho pedagógico a ser realizado com elas durante o período em que ficavam ali. Assim, o Instituto concluiu que seria mais importante investir na formação dos recursos humanos dessas entidades e foi daí que surgiu o “Programa de Capacitação de Educadores de Creches”.

Desenvolvemos também um programa de complementação de escolaridade, o antigo “Meniforum”, que depois passou a se chamar “Clik” e que é destinado a adolescentes de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau e de 1<sup>a</sup> a 3<sup>a</sup> série do 2<sup>o</sup> grau. Seu objetivo é utilizar a informática como uma ferramenta de reforço ou complementação escolar.

Em seguida, temos o programa no qual atuo mais diretamente, chamado “Nova Mente”. Trata-se de uma experiência iniciada pelo Instituto C&A no ano de 1995, em 3 escolas da rede pública de ensino, todas elas

localizadas na cidade de São Paulo. Como na maior parte de nossas iniciativas, o objetivo deste programa é a formação de recursos humanos. Para falar um pouco mais detalhadamente sobre ele, precisamos voltar uns 6 ou 7 anos no tempo, quando teve início a parceria Instituto C&A—Escola Pública.

Naquele momento, nossa atuação se limitava à elaboração de cursos de capacitação para professores, realizados em parceria com delegacias de ensino. Convidávamos professores de algumas escolas para participar desses cursos, na expectativa de que eles se transformassem em multiplicadores dentro de suas respectivas unidades. Ao final de dois anos, o Instituto C&A resolveu fazer uma avaliação dos resultados alcançados. Embora todos os participantes saíssem dos cursos falando maravilhas, pois sentiam-se muito enriquecidos com o trabalho que realizávamos com eles, o que encontramos nas escolas foi uma realidade muito desalentadora. O fato é que esses professores, uma vez de volta a suas escolas, deparavam-se com um ambiente de tanta desmobilização, tanto desânimo, que não conseguiam retransmitir aquilo que haviam vivenciado durante os cursos.

Todos aqueles que conhecem a realidade cotidiana de nossas escolas públicas sabem do que estou falando. Muitas vezes participamos de cursos fora da escola e voltamos entusiasmados, cheios de vontade de mudar nossas práticas pedagógicas, melhorar as relações entre professores e alunos, mas, tão logo entramos no edifício da escola, vemo-nos paralisados diante dos problemas do cotidiano escolar. Se tentamos conversar com outros professores e coordenadores, somos recebidos com reticência, ninguém acredita que é realmente possível mudar a realidade da escola. Assim, vamos nos desestimulando e acabamos não podendo compartilhar aquela experiência tão interessante com outras pessoas, acabamos não fazendo uso dela e a guardamos para nós mesmos.

### Investindo nas equipes escolares

As pessoas que não freqüentam o dia-a-dia de nossas escolas não percebem que há uma grande distância entre a mobilização que ocorre hoje na sociedade em torno da questão da educação e aquilo que se passa dentro das escolas. Essa exaltação toda nem sempre chega lá.



Uma vez feita essa avaliação, o Instituto C&A resolveu modificar sua forma de atuação. Optamos por concentrar nossas ações no interior das escolas, a fim de fortalecer o sentimento de grupo entre professores, direção e coordenação pedagógica. Esta opção implica a realização de um trabalho qualitativo e não quantitativo e, por isso, estabelecemos parcerias com apenas 3 escolas. Trata-se de um processo lento, cujo resultado não pode ser medido em números. Ainda assim, mesmo tendo iniciado essa experiência em 1995 — o que representa muito pouco tempo —, já obtivemos alguns resultados surpreendentes.

Nossa proposta, como disse, é o fortalecimento do grupo. Realizamos reuniões em que procuramos sensibilizar o corpo docente para a questão da cidadania e, pouco a pouco, conseguimos que a comunidade comece a participar também de nossas discussões. O objetivo é estimular o grupo, provocando reflexões a partir das quais possa ser definido um projeto. Uma vez feito isso, nós do Instituto C&A procuramos ajudar a escola a superar os entraves que possam vir a emperrar a implementação efetiva do projeto. É preciso esclarecer que nossa atuação se concentra nesse trabalho de fortalecimento do grupo, auxiliando-o a assumir suas responsabilidades, pois somos apenas parceiros e não financiadores.

Além disso, levamos um pouco da filosofia da empresa para dentro da escola. Colocamos para o grupo a discussão sobre o que é um “cliente”. Essa palavra às vezes choca o professor, pois na rede de ensino estamos acostumados a falar em “usuário”. O problema é que se criou uma cultura de que o usuário é aquela pessoa para quem a gente dá qualquer coisa, aquele que a gente trata de qualquer jeito. O cliente, por sua vez, como se diz na cultura empresarial, é alguém que deve ser tratado de maneira muito especial. Na medida em que o professor começa a pensar em seus alunos como clientes, ele se dá conta de que esses clientes têm algumas demandas e que é preciso oferecer respostas a elas. Desta maneira, estimulamos o professor a olhar para além dos muros da escola e verificar quais são as habilidades de que seus alunos irão necessitar no futuro, quais são as habilidades de que a sociedade está precisando.

Eu estudei em uma época em que a memorização era o fundamento de todo o processo educacional. Os professores exigiam de mim que eu memorizasse todos aqueles conteúdos. Hoje, no entanto, a memorização

é uma parcela ínfima, pois os meios de informação tornaram-se muito mais acessíveis. Portanto, precisamos ensinar nossos alunos a pesquisar, a buscar informações. É preciso que eles aprendam a ler, a escrever, a interpretar o mundo, não a decodificar letras e símbolos, como vem acontecendo em nossas escolas.

Em síntese, o programa “Nova Mente”, do Instituto C&A, procura ajudar as escolas com as quais estabelecemos parcerias, estimulando-as a refletir sobre qual é a sua “missão”. Usamos o termo “missão” porque achamos que isso indica algo mais amplo do que um mero objetivo a ser cumprido. O que nós pretendemos é ajudar a escola a repensar seu papel, verificando quais são seus pontos fortes e seus pontos fracos, auxiliando-a a investir em seus pontos fortes para que ela possa enfrentar a “concorrência”. Pode parecer estranho falar assim, mas o fato é que a escola enfrenta uma concorrência muito grande e é preciso que ela vença essa concorrência que está nos shopping centers, nos vídeogames, nos computadores.

## DEBATE

*Gilberto Dimenstein*

A Sra. Marina das Graças Moraes tocou num ponto muito importante. No mundo contemporâneo, as paredes das escolas estão sendo quebradas e é cada vez menor a distância entre educação e trabalho. O que ela disse sobre a questão da memorização é muito importante, pois hoje em dia exige-se do trabalhador que ele seja capaz de refletir e não simplesmente reproduzir gestos mecânicos. Essa idéia pode parecer simples, mas há por trás dela o conceito de que o processo de aprendizagem tornou-se permanente e as pessoas precisam, a partir de agora, continuar estudando pelo resto de suas vidas.

Isso nos leva a uma situação dramática, porque a educação exige investimentos volumosos e o Estado dispõe de recursos cada vez mais limitados. Não é à toa, portanto, que os empresários tenham passado a investir em educação dentro de suas empresas. No Brasil, estima-se que as empresas estejam investindo aproximadamente 2 bilhões de dólares em educação. Nos EUA, por sua vez, várias empresas, inconformadas com o baixo nível da maior parte dos cursos superiores, criaram suas próprias universidades, como é o caso da Xerox, da Microsoft, da Compac. Há também empresas em que o trabalhador trabalha 3 semanas e a 4ª semana é dedicada ao estudo.

O que é dramático no Brasil é que parecemos incapazes de nos livrar da herança do passado. Carregamos nas costas o atraso do século XVII, do século XIX, do século XX e, de alguma forma, já estamos carregando também o do século XXI, pois ainda não conseguimos sequer nos livrar do analfabeto funcional, aquele do século passado, o analfabeto digital.

Enquanto isso, nos EUA, a pessoa que tem apenas o 2º grau completo não consegue competir no mercado de trabalho. Se você não chegar a cursar uma faculdade, não conseguirá manter sequer um padrão de vida de classe média.

Apesar de nosso atraso, essa é uma realidade que não está tão distante de nós. Ao contrário, estamos sendo literalmente atropelados por ela. A Honda, por exemplo, acaba de instalar uma fábrica de automóveis no Bra-

sil e já exige do seu faxineiro que ele tenha o 2º grau completo. Outro dia, o presidente da Volkswagen me contou que lá no ABC uns sujeitos criaram um escritório de falsificação de diplomas de 2º grau, pois as pessoas não conseguem mais emprego se não tiverem esse mínimo de escolaridade.

Portanto, acredito que as experiências relatadas pela Sra. Flora Lovato e pela Sra. Marina das Graças Moraes são de extrema importância, porque elas mostram como as empresas estão procurando cada vez mais a integração do processo educacional com o processo de trabalho.

### *Josecler Gomes Moreira*

Aproveitando a fala do Sr. Gilberto Dimenstein, gostaria de discutir inicialmente a postura que o Ministério da Educação vem assumindo nos últimos anos. Depois de muitas promessas, feitas ao longo de aproximadamente duas décadas, o Ministério passou a se comportar como um verdadeiro órgão formulador de políticas públicas, reservando para os estados e municípios o papel de gerentes do sistema de ensino.

Em minha opinião, foi essa mudança de postura que suscitou o imenso debate a que assistimos hoje em todo o Brasil sobre a questão da educação. Não é à toa que estamos aqui conversando sobre a participação de outros setores nos destinos e na definição do que deva ser a educação. Do ponto de vista do governo, o debate sobre esse assunto é de extrema importância, pois ele indica que abandonamos a postura de descaso pela educação que prevalecia há tantos anos em nossa sociedade. Na verdade, a chamada globalização nos fez ver que a educação é um elemento fundamental no projeto de desenvolvimento de qualquer país que pretenda enfrentar o século XXI de cabeça erguida.

Voltando para as colocações feitas tanto pela Sra. Marina das Graças Moraes, quanto pela Sra. Flora Lovato, acho que seria importante destacar alguns pontos. Como pudemos perceber, as empresas estão desenvolvendo uma série de iniciativas relacionadas à educação, tais como “adoção” de escolas, capacitação de recursos humanos, complementação e reforço escolar, fornecimento de material pedagógico e até mesmo criação e manutenção de escolas próprias. Neste sentido, as empresas estão desempenhando um papel que até pouco tempo cabia ao Estado. Essas

iniciativas são muito importantes, mas a criação de escolas próprias, especificamente, representa uma substituição do Estado que me traz algumas dúvidas. Não tenho certeza de que esta substituição seja inteiramente positiva, pois acho que, neste caso, as empresas acabaram avançando um pouco além do que seria sua atuação natural na área de educação, isto é, o apoio aos educandos, a capacitação de docentes e a interferência na elaboração de políticas públicas.

É bem verdade que o Sr. Gilberto Dimenstein nos contou sobre o caso de empresas americanas que também acabam tomando para si iniciativas normalmente realizadas pelo Estado, uma vez que este não é capaz de suprir suas necessidades em termos de alavancagem do conhecimento, formação de pessoal etc. É preciso lembrar, por outro lado, que no Brasil, até mesmo órgãos do setor empresarial, como o SENAI e o SENAC, estão tendo de reformular sua forma de atuação, pois não estão sendo capazes de atender às novas necessidades das empresas justamente naquilo que deveria ser seu objetivo primordial, isto é, o treinamento e formação de profissionais.

Vivemos, realmente, um momento de grande aceleração do processo de globalização, o que está levando a um predomínio das considerações de ordem econômica. Isso fica patente, por exemplo, quando vemos a importância que a questão da produtividade tem hoje no cenário mundial. E o setor público precisa atender a essa demanda. Precisamos atender a essa demanda, precisamos nos tornar capazes de investir cada vez mais na formação das pessoas. No entanto, isso também me causa certa preocupação.

É claro que ainda temos um caminho muito longo a percorrer. É necessário tapar esse buraco de formação profissional. Hoje em dia, a média de escolaridade no Brasil é de 3,5 a 4 anos e o ideal é chegarmos a uma média de 11 a 12 anos. Como pudemos perceber na apresentação da Sra. Flora, é essa defasagem que o empresariado está preocupado em eliminar, recuperando o tempo perdido. O fato, porém, é que o setor público está colaborando para isso e esse processo tem ocorrido com grande velocidade, nossos ganhos tem sido grandes. Em 1994, por exemplo, tínhamos um índice de cobertura em torno de 92%. Isto é, 92% das crianças brasileiras em idade escolar estavam freqüentando as escolas de 1ª a 8ª série. De lá para cá, com o esforço realizado pelo Ministério da Educação e pela sociedade, conseguimos alcançar um índice de 95%, o que representa um salto enorme.

Portanto, minha preocupação em relação à atuação dos empresários em determinadas áreas da educação que acredito devam ser ocupadas pelo Estado é a seguinte: será que a questão da produtividade vai sempre manter o setor empresarial e o terceiro setor preocupados com a educação? Porque, no fundo, o problema da educação não diz respeito apenas a considerações de ordem econômica. A educação é, sobretudo, uma questão de responsabilidade social. O grande salto qualitativo que a sociedade brasileira precisa dar refere-se fundamentalmente à questão social. É importantíssima a participação das empresas e das organizações da sociedade civil na área educacional, mas temos que nos lembrar de que a questão social deve ser vista como um aspecto permanente em nossas iniciativas.

Em outras palavras, é preciso que as empresas compreendam que elas têm um papel de responsabilidade social a cumprir, e esse papel não se resume à substituição do Estado nas áreas onde ele se mostra incompetente. Ouvimos a Sra. Marina contar como o Instituto C&A reavaliou os resultados iniciais de seu trabalho, percebeu as deficiências que estavam ocorrendo e reorientou seus esforços no sentido de uma atuação de ordem mais qualitativa, de intervenção no interior da própria escola. Esse é o exemplo de um trabalho que produz frutos concretos e não meros dados estatísticos. Isso significa que esta empresa deixou de se preocupar meramente com o impacto econômico da educação e passou a considerá-la do ponto de vista de sua responsabilidade social.

Há hoje uma discussão em andamento sobre a questão do “balanço social” das empresas. Isto é, estuda-se a possibilidade de que as empresas sejam obrigadas a apresentar, além de seus costumeiros “balanços financeiros”, um documento mostrando suas iniciativas na área social. Acredito que essa é uma discussão muito importante, mas é preciso que esse “balanço social” não se limite a uma mera apresentação de dados estatísticos ou históricos. Precisamos trabalhar com resultados concretos e toda a sociedade brasileira deve estar permanentemente voltada para a questão da educação.

*Ramiro Wahrhafting*

O primeiro ponto que gostaria de discutir diz respeito ao papel que vem sendo desempenhado por uma série de instituições da sociedade civil que tem objetivos bastante específicos em relação à educação, como

é o caso da Fundação Iochpe e do Instituto C&A. Essas fundações atuam em alguns nichos, procurando suprir lacunas a que o setor público não tem condições de atender. Isso acontece, por exemplo, com o “Programa de Capacitação de Educadores de Creches” e também com o próprio “Projeto Formare”. Trata-se, portanto, de iniciativas extremamente válidas, pois atendem a necessidades que, na maior parte das vezes, o setor público não consegue nem mesmo identificar.

O segundo ponto refere-se à maneira como nossa sociedade se relaciona com a coisa pública, com o patrimônio público. Para falar sobre isso, gostaria de contar uma história muito ilustrativa.

Como faço regularmente, há duas semanas fui comprar frutas no mercado municipal de Curitiba. Sempre sou atendido por um rapaz que frequenta uma escola pública na periferia da cidade. Ele faz o supletivo à noite, em um programa para jovens. Cheguei, então, no domingo pela manhã e perguntei-lhe como estavam as coisas, como ia a escola etc. Ele respondeu-me o seguinte: “Olha, secretário, aconteceu um caso lá, na sexta-feira à noite. Acabou a luz na escola. Eram umas dez da noite, e daí os alunos depredaram a escola. Quebraram 54 vidros, quebraram algumas carteiras, e esse tipo de coisa”.

Bom, coincidentemente, havíamos programado um repasse de recursos para aquela escola, que iríamos fazer na semana seguinte. Era um repasse para a Associação de Pais e Mestres da escola, destinado a reformas e ampliações, no valor de R\$ 100.000,00. Isso faz parte de um programa voltado para escolas de ensino médio em todo o Estado e os repasses variam de R\$ 25.000,00 a R\$ 225.000,00. Entrei, então, em contato com a minha diretora-geral, a Sra. Míriam, e disse a ela: “Olha, Míriam, conversa com Belmiro — que é o chefe do núcleo da área sul — e diga a ele para reunir a comunidade, porque não vou repassar os recursos. Ou eles deixam a escola no estado em que ela estava, ou não vou repassar os recursos, porque aquela escola não é minha. Ela não é do Estado, é um patrimônio da comunidade. Se a comunidade não respeita a escola como patrimônio seu, não sou eu, como secretário do Estado, que vou permanentemente dar condições para isso”.

Essa é uma questão fundamental para a qual eu gostaria de chamar a atenção de vocês. É preciso que a escola passe a ser entendida não como propriedade do estado, mas como patrimônio da comunidade.

Por fim, e esse é o terceiro ponto, considero problemática essa idéia de “adoção de escolas” que se vem difundindo entre algumas empresas. As escolas desempenham um papel tão importante na vida de uma sociedade que não vejo como elas possam ser “adotadas”. Podemos organizar parcerias entre escolas e empresas, ou outras instituições, mas a idéia de “adoção”, em si mesma, coloca a escola em uma situação de inferioridade. Essa é um questão simbólica que devemos levar em conta. Ao invés de “projetos de adoção”, seria melhor se falássemos em projetos de parceria.

### *Gilberto Dimenstein*

Vou fazer uma provocação ao Sr. Hélio Cadore, do SEBRAE, para ver se isso resulta em alguma coisa concreta.

Uma das coisas que mais me impressionaram durante este nosso encontro foi a exposição da Sra. Lorraine sobre a importância do diretor para o bom funcionamento da escola. Já existe um consenso sobre a necessidade de cursos de formação de diretores de escola, onde as pessoas possam aprender a administrar uma escola. Ora, um dos aspectos fundamentais para o sucesso de uma escola é que seu diretor saiba como fazer para levantar dinheiro. Nos EUA isso é muito claro. Quem é o bom reitor? O bom reitor é aquele que também consegue trazer bastante dinheiro para a universidade.

Então, fico me perguntando: Será que o SEBRAE não poderia fazer uma listagem de empresas que se disponham a doar, não digo mil, nem dois mil reais, mas uma quantia pequena como uns quinhentos reais por mês? Um valor que auxiliasse as escolas a fazer pequenos reparos, comprar um computador, instalar uma linha telefônica, arrumar um jardim. Desta maneira, formaríamos uma comunidade de pequenas e médias empresas contribuindo com as escolas de seus respectivos bairros. Essa iniciativa poderia ser organizada em conjunto com os diretores das escolas.

### *Hélio Cadore*

Vou responder fazendo um pequeno desvio. Em 1991, participei de um seminário internacional de pequenas empresas, realizado nos EUA. Naquela época, nossa auto-estima andava bem pior do que hoje. Durante o seminário foi organizado um jantar muito chique, a bordo de um navio, e havia um



coral que cantou muitas coisas bonitas. Mas o que me deixou mesmo arrepiado foi quando eles cantaram uma música que dizia: “*This is my country*” (“este é o meu país”). Era nítido como as pessoas ficavam emocionadas com isso.

Quando eu era pequenino, respeitava muito meu professor, minha professora, e todo dia de manhã eu cantava o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. No meu caderninho, na última folha, sempre existia o Hino à Bandeira e o Hino Nacional. Há três anos, numa edição do SEBRAE, aproveitei essa idéia e mandei imprimir o Hino Nacional em uma das páginas. Depois, por falta de persistência, acabei não dando seqüência a isso.

De certa maneira, acho que isso está relacionado à provocação do Sr. Dimenstein. Por que não resgatamos esse espírito que havia antigamente em nossas escolas? A proposta do Sr. Dimenstein pode muito bem ser realizada. O problema, porém, é que está faltando um ponto de apoio, uma mola propulsora por trás de tudo isso e, na minha opinião, essa mola propulsora é justamente a idéia de cidadania, o sentimento de civismo e de auto-estima pela Pátria.

Gostaria também de falar um pouco sobre as experiências relatadas pela Sra. Flora e pela Sra. Marina. Por um lado, temos a iniciativa da Fundação Iochpe, que optou por desenvolver um projeto próprio, ao invés de apoiar terceiros. Por outro lado, o Instituto C&A tem uma posição muito clara, no sentido de atuar como parceiro de outras instituições, evitando assumir um papel de financiador. Acho que essas duas posturas, embora diferenciadas, são importantes, pois temos de estar muito atentos para não assumir uma posição paternalista, como é o caso de empresas ou instituições que se limitam a fazer doações. Precisamos trabalhar sempre com esse sentido de parceria, porque simplesmente doar dinheiro para uma escola ou ajudá-la a se manter é uma atitude paternalista, e sabemos que isso não dá certo.

### *Flora Lovato*

Já fui bastante provocada e acho que tenho direito a dar algumas respostas. Quando digo que a Fundação Iochpe não apóia projetos de terceiros, isso não significa que ela não realize parcerias com outras instituições. Ao contrário, um de nossos maiores projetos chama-se “Arte na Escola” e é desenvolvido em conjunto com 33 universidades e museus de todo o País. Temos também uma outra iniciativa, o “Programa de

Investimento Social Paritário”, em que atuamos como parceiros de outras instituições. São elas que elaboram seus projetos e, em conjunto, procuramos encontrar soluções para implementá-los, sempre buscando as alternativas que contribuam da melhor forma para a comunidade.

Além disso, o “Projeto Formare” não se constrói sozinho. Quando digo que nós não apoiamos projetos de terceiros, isso não significa que a Fundação Iochpe atue isoladamente, sem qualquer contato com a comunidade. Trabalhamos com pelo menos 300 voluntários que são funcionários da empresa. São pessoas dos mais diversos níveis, cidadãos que conhecem muito bem as necessidades de suas comunidades. Portanto, o “Projeto Formare” não deve ser entendido como uma iniciativa que pertence unicamente à Fundação Iochpe. É um projeto que funciona em parceria com essas pessoas. Elas representam, de certa maneira, suas comunidades.

Também acho que a expressão “adote uma escola” pode ter um certo sentido pejorativo. Por outro lado, embora não conheça detalhadamente o trabalho que a Acesita e a Natura estão realizando, tenho certeza de que a iniciativa delas é importante. É claro que o Sr. Ramiro levantou uma questão importante, esse conteúdo simbólico contido na palavra “adoção” certamente não é desejável, mas acho que isso não nos deve levar a desmerecer as iniciativas dessas empresas.

### *Ramiro Wahrhafting*

Eu queria dizer que não fiz uma crítica. Ao contrário, há algum tempo nós mesmos aqui na Secretaria da Educação pensamos em desenvolver um programa cujo nome seria “Adote uma Escola”. No entanto, mais recentemente, comecei a fazer essa reflexão de que a escola é realmente uma instituição importante demais para ser “adotada”.

### *Flora Lovato*

Não acredito que as empresas tenham o papel e nem sequer a obrigação de tomar o lugar de qualquer instituição pública. Entretanto, todos nós sabemos que o Estado está passando por um processo de transformação em que ele começa a abandonar muitas das atribuições que lhe foram conferidas durante várias décadas. Não acho que essa característica do Estado brasileiro, de interferir em todas as esferas da sociedade, tenha nos feito muito

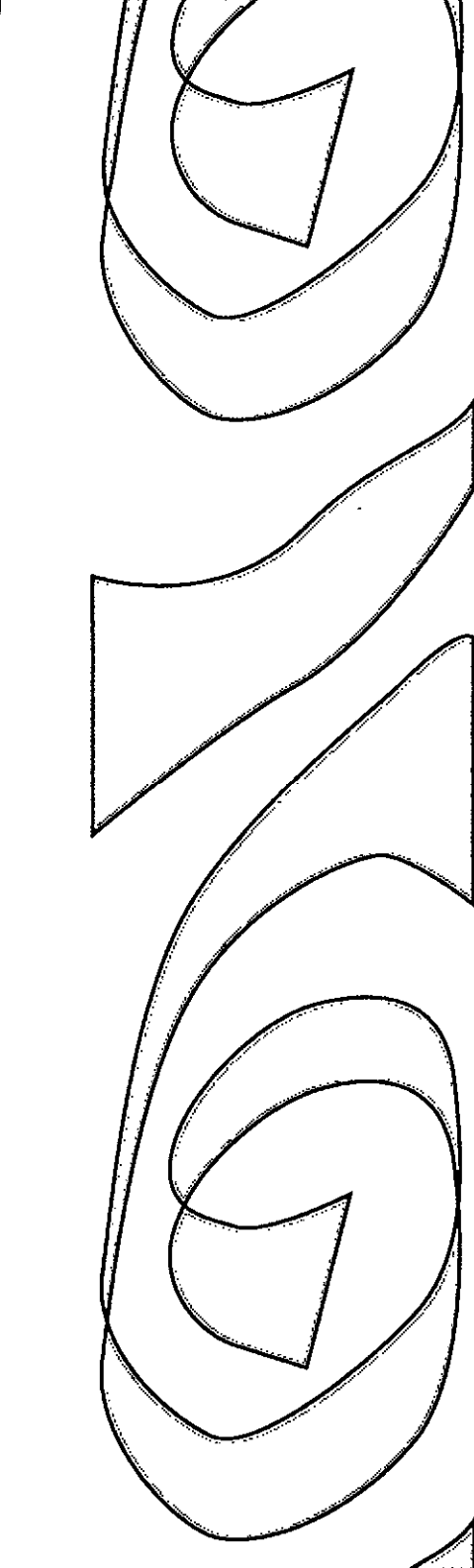
bem, pois essas tarefas são de responsabilidade de todos nós e não apenas do setor público. Até pouco tempo atrás, a sociedade brasileira esperava que o Estado resolvesse todos os seus problemas, eximindo-se do dever de participar e exercer sua cidadania. Portanto, quando discutimos as iniciativas dos empresários no sentido de investir em educação e em outros setores sociais, o importante não é saber se eles estão assumindo uma função que deveria ser cumprida por esta ou aquela instituição; o importante é encontrar meios de estimular ainda mais o exercício da cidadania em nosso país.

Segundo uma pesquisa do Unicef, 60% dos brasileiros são analfabetos funcionais. Comparado com os EUA, que investem 10% de seu PIB em educação, o investimento em educação no Brasil é irrisório. Como se vê, é uma diferença muito grande, e isso significa que todos nós temos de assumir nossas responsabilidades. Não importa se cabe ao Estado construir as escolas, contratar os professores, organizar o sistema educacional. As empresas não pretendem ocupar o lugar do Estado, mas nem por isso podem deixar de participar desse processo de resgate da educação. O mesmo vale para todos nós. Temos de exercer nossa cidadania e contribuir para a melhoria da educação brasileira, pois não conseguiremos construir um país melhor enquanto ficarmos esperando que o Estado encontre soluções para nossos problemas.

### *Gilberto Dimenstein*

Nosso tempo acabou e, antes de encerrarmos, eu gostaria de expressar minha satisfação por ter participado deste seminário. Creio que é a primeira vez que se organiza um encontro em que os participantes têm a oportunidade de conviver e trocar experiências de maneira tão intensa. Por isso, aproveito a oportunidade para agradecer aos parceiros e às instituições que contribuíram na organização deste evento.

Acho que todo nós sairemos daqui um pouco encantados com a idéia de que, apesar das dificuldades, a educação é uma possibilidade real. Se vivêssemos no século passado, provavelmente estaríamos discutindo as maneiras de tornar viável um país que trazia a marca da escravidão — essa era a principal questão para as pessoas progressistas daquela época. Hoje, porém, encontramos-nos diante da oportunidade de acabar com a pior forma de escravidão que existe: a ignorância.

The left side of the page features a vertical graphic design composed of several overlapping, hand-drawn lines. At the top and bottom, there are large, circular swirls that resemble the letter 'G' or 'C'. Between these swirls are several curved, ribbon-like shapes that flow vertically down the page. The lines are simple black outlines on a white background.

RELATOS DE  
EXPERIÊNCIAS:  
Tecendo a  
Cidadania no  
Cotidiano

## *Prática Pedagógica, Diversidade e Inclusão Social*

- Direito à Educação Pública de Qualidade e Avaliação de Rede - PE 111
- Vale Saber - PR 112
- Programa TV Escola - DF 113
- O Fazedor de Versos: Poesia na Escola e na Praça - SP 114
- Formação de Professores da Reforma Agrária - RS 115
- Projeto CAT (Conhecer, Analisar e Transformar a Realidade Rural) - Capacitação de Professores Rurais - BA 116
- TUCUM - Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério - MT 117
- Digitando o Futuro - PR 118
- Projeto Seringueiro - AC 119
- Escola Legal - Direitos do Aluno na Escola Pública de Qualidade - PE 120
- Programa de Adequação Idade/Série: Correção de Fluxo Escolar - PR 121
- Acelera Brasil - SP 122
- Escola Plural: Alegria de Aprender - MG 123
- Termo de Cooperação Técnica - PR 124
- Telecurso 2000 - RJ 125

1 A redação dos relatos foi realizada por Lillian Gremski, Alessandra da Silva Quadros, Ruth Aparecida Favorin Martins, Arlete Regina Cytrinski, Ana Maria Bastian Machado e Gianna Torrens.

## Direito à Educação Pública de Qualidade e Avaliação de Rede - PE

### Núcleo de Avaliação de Recife (NAR)

#### Objetivos Principais

- Consolidar a política de avaliação das redes municipais, fortalecendo os núcleos locais de avaliação, capacitando recursos humanos na área e promovendo a socialização de experiências;
- Contribuir para a formação de uma cultura avaliativa, desenvolvendo, divulgando e analisando indicadores da qualidade de ensino.

#### Descrição da Proposta

Este projeto é destinado a alunos, professores e demais profissionais de educação do ensino fundamental em 45 municípios. Foi iniciado em 1993, quando se realizaram avaliações abrangendo, inicialmente, alunos de 1ª e 3ª séries nas áreas de Português e Matemática e de 5ª e 7ª séries nas áreas de Português, Matemática e Ciências. Em 1995, a avaliação foi aplicada em alunos de 4ª e 8ª séries, nas áreas de Português e Matemática, e em 1997, em alunos do Módulo III, nas áreas de Português e Matemática.

Após cada uma dessas avaliações, os resultados foram discutidos com professores, equipes pedagógicas e membros de conselhos escolares. O objetivo da análise e discussão dos resultados era propiciar uma avaliação dos currículos e do grau de dificuldade dos testes, bem como a formulação de propostas de mudança nas práticas de sala de aula. De posse dos resultados, os professores realizavam reuniões em seus respectivos municípios, fomentando uma cultura de avaliação no interior da rede pública de ensino.

Em 1995, foi organizado o “Grupo Intermunicipal de Qualidade da Educação Básica e Avaliação de Rede”, composto por 20 municípios e coordenado pela UNDIME, e, em 1996, estabeleceu-se um convênio entre a SEC/PR e o NAPE (Núcleo de Avaliação e Pesquisas Educacionais) da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) que deu origem ao NAR (Núcleo de Avaliação de Recife).

#### Resultados Obtidos

- Identificação dos pontos críticos do processo de aprendizagem;
- Sugestão de bases para o processo de formação continuada dos docentes e especialistas;
- Subsídios à elaboração do projeto pedagógico da escola.

## Projeto Vale Saber - PR

### Secretaria de Estado da Educação do Paraná

#### Objetivos Principais

- Estimular a competência dos professores da rede pública de ensino, mediante formas diversificadas de capacitação;
- Reforçar a permanência dos professores em sala de aula e na mesma escola, diminuindo a rotatividade do sistema educacional.

#### Descrição da Proposta

O “Vale Saber” foi implantado em junho de 1995, com o objetivo de oferecer ao professor uma oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos. Trata-se de um projeto realizado em parceria com as IES (Instituições de Ensino Superior) e destina-se a professores da rede pública estadual do QPM e QUP que atuam em sala de aula, em qualquer nível ou modalidade de ensino, nos 399 municípios do Paraná.

O projeto oferece uma bolsa-auxílio no valor de R\$ 100,00 ao mês para os professores que elaborarem uma proposta de melhoria da educação, a ser desenvolvida no período de um ano, em estabelecimento público. A proposta depende de aprovação de um consultor de uma das IES, em parceria com a Secretaria Estadual da Educação do Paraná, e deve incluir-se em uma das seguintes modalidades: a) Investigação Pedagógica: o professor, junto com seus alunos, busca aprimorar seus conhecimentos sobre um determinado assunto, a fim de desenvolver uma prática pedagógica inovadora; b) Estudo Independente: o professor entra em contato com ampla bibliografia, a fim de construir um embasamento teórico para nortear sua prática pedagógica em sala de aula; c) Qualificação Formal: através de um curso de especialização ou de estudos adicionais ofertados pelas IES, o professor elabora uma proposta, com o embasamento teórico que receberá no curso que pretende fazer.

Trata-se de um programa inovador, que permite ao educador escolher a modalidade que melhor atenda às suas necessidades e que colabora para a formação de uma visão mais abrangente da educação, a partir da qual o professor “sabe mais para ensinar melhor”.

#### Resultados Obtidos

- Já participaram do projeto 9.351 professores;
- Há 5.240 professores participando da IV etapa, que se encontra em desenvolvimento.

## Programa TV Escola - DF

### Secretaria de Educação à Distância do MEC

#### Objetivos Principais

- Apoio ao trabalho docente em sala de aula, buscando atingir padrão de qualidade;
- Tentativa de superar a diversidade da rede;
- Busca de maior equidade do ensino, mediante ruptura das distâncias e do isolamento de certas localidades;
- Busca de maior eficiência – melhoria da relação custo–benefício.

#### Descrição da Proposta

O programa teve início em 4/9/96, em caráter experimental, e em 4/3/97 foi implementado em caráter definitivo. Destina-se à formação continuada de professores de toda a rede pública do País, de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

Os produtos videográficos e impressos do programa são produzidos e selecionados segundo eixos comuns de conteúdos da matriz curricular e dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

De acordo com o censo de 1997, 44.263 escolas, 976.154 professores e 27.743.000 alunos estão sendo beneficiados pela TV Escola. Foram distribuídos 44.799 *kits*, sendo que 77,5% das escolas urbanas com mais de cem alunos já foram atendidas.

O objetivo para o biênio 97/98 é ampliar o programa para 70 mil escolas, atingir a coordenação pedagógica nos municípios, intensificar o programa de capacitação de professores e criar novas estratégias de aproximação entre a escola e a comunidade.

#### Resultados Obtidos

- Instalação do programa em 90% da rede de 52 mil escolas com mais de 100 alunos;
- Utilização ampliada dos vídeos transmitidos (segundo dados de uma pesquisa realizada pelo NEEP/UNICAMP, 61% das escolas que possuem o *kit* gravam e utilizam os vídeos transmitidos);
- Constatação da utilização qualitativa (pesquisa da CESGRANRIO permite verificar indicadores como: mediação, impacto, apropriação e utilização).



## O Fazedor de Versos: Poesia na Escola e na Praça - SP

Associação dos Professores e Servidores Públicos do Estado de São Paulo - APROESP

### Objetivos Principais

- Despertar o gosto pela leitura;
- Resgatar lendas, crendices, “casos”, provérbios, elementos simples do cotidiano da comunidade;
- Interferir na prática do professor dentro da sala de aula;
- Contribuir para a formação cultural do professor.

### Descrição da Proposta

O projeto teve início em 1996 e é destinado aos professores das escolas públicas de 1ª a 4ª série do Vale do Paraíba. O primeiro encontro aconteceu em 1997, com o título “Também Posso Ser Poeta”.

O objetivo é auxiliar o professor a tomar consciência de seu próprio processo de desenvolvimento, levando-o a mobilizar sua sensibilidade através do uso da linguagem expressiva. São criados espaços para a realização de atividades com poesia e trabalhos coletivos que envolvam a participação da comunidade.

Todos os eventos são registrados, a fim de possibilitar a socialização das experiências, bem como a análise dos avanços alcançados e das lacunas existentes no projeto.

O projeto conta com a participação de agentes, cuja função é aprofundar os estudos que os professores realizam, promovendo vivências e sensibilizações. Como os agentes trabalham sempre com os mesmos professores, são criados vínculos entre eles, o que garante uma maior sintonia e continuidade ao trabalho.

### Resultados Obtidos

- Envolvimento de 13 escolas públicas de São José dos Campos e 53 de Taubaté (municípios localizados no Vale do Paraíba);
- Melhoria da qualidade de ensino;
- Maior número de livros lidos;
- Produção de um livro de poesia com poemas de alunos de 4ª série;
- Envolvimento e participação dos pais, principalmente na “noite de autógrafos” do livro produzido.

## Formação de Professores da Reforma Agrária - RS Associação Nacional de Cooperação Agrícola - ANCA

### Objetivos Principais

- Formar quadros de professores para o Movimento Sem Terra;
- Formar e titular educadores da Reforma Agrária.

### Descrição da Proposta

Este projeto teve início em 1990 e sua população-alvo é composta por professores do Movimento Sem Terra, em nível nacional.

O Movimento Sem Terra acredita que é possível criar e manter escolas rurais bem preparadas e por isso resolveu investir na formação de professores. Outro fator que contribuiu para essa decisão foi a dificuldade e o despreparo que os professores de cursos regulares sentem ao se deparar com o dia-a-dia dos assentamentos.

Em 1990, foi criado o curso de Magistério, que no ano de 1998 está formando sua 6ª turma. Os alunos deste curso pertencem a 18 estados e reúnem-se duas vezes ao ano, durante as férias, num total de seis etapas, sendo que entre a quinta e a sexta etapa eles devem apresentar uma monografia. O curso é administrado pelos próprios alunos, que contatam os professores, criam o cronograma, preparam as oficinas e os dias de estudo, e fazem a prestação de contas.

Os alunos também organizam comissões para limpeza, jardinagem, comunicação, finanças, secretaria, refeitório e prestação de serviços. Toda a experiência do curso é relatada em um registro diário. Em função disso, além de receber uma formação cultural, o aluno também passa por um processo de aprendizagem política e técnico-profissional.

### Resultados Obtidos

- Já há professores formados no âmbito desta proposta em vários dos assentamentos do Movimento Sem Terra;
- Conseguiu-se uma maior participação da comunidade no cotidiano das escolas, o que levou à melhoria da relação com os professores.

## Projeto CAT (Conhecer, Analisar e Transformar a Realidade Rural) - Capacitação de Professores Rurais - BA Movimento de Organização Comunitária (MOC)

### Objetivos Principais

- Melhorar a qualidade do ensino oferecido às crianças de comunidades rurais mediante capacitação de professores;
- Aprofundar as discussões teórico-metodológicas sobre o ensino rural, visando a uma maior interação entre a escola e o desenvolvimento agrícola auto-sustentável, incluindo no processo educacional não apenas professores e alunos, mas também os pais e a comunidade;
- Contribuir para a elaboração de políticas públicas educacionais para o campo.

### Descrição da Proposta

O projeto destina-se à capacitação de professores rurais dos municípios de Retiro-lândia, Riachão do Jacuípe, Santa Luz, Santo Estevão e Valente, todos da região do semi-árido da Bahia e quatro deles da região do Sisal.

A capacitação visa possibilitar aos professores um conhecimento maior da realidade dos alunos, sobretudo no que diz respeito a suas famílias, à comunidade onde vivem e ao processo produtivo em que tal comunidade está inserida. Nesse sentido, o calendário agrícola de cada região é encarado como um fator fundamental para situar a aprendizagem na área rural. Além disso, busca-se valorizar e aproveitar os materiais disponíveis no meio rural, tais como os recursos da natureza e as manifestações culturais e folclóricas de cada comunidade.

Outra preocupação é a de que os professores possam contribuir para o desenvolvimento do senso crítico de seus alunos, valorizando a questão da cidadania.

### Resultados Obtidos

- Os professores passaram a valorizar a realidade rural e os conhecimentos que a família dos alunos já possuem;
- A evasão escolar foi reduzida e os alunos passaram a participar dos trabalhos escolares com maior motivação;
- O trabalho nas unidades escolares apresentou melhoras no planejamento, nas relações humanas e na produção dos alunos.

## TUCUM - Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério - MT

Secretaria Estadual da Educação do Mato Grosso e Coordena-  
doria de Assuntos Indígenas

### Objetivos Principais

- Formar e habilitar professores indígenas para o nível de Magistério - Ensino Médio.

### Descrição da Proposta

Considerado uma importante conquista dos índios e iniciado em 1996, este projeto destina-se à formação e habilitação profissional de professores indígenas no Estado do Mato Grosso, sendo coordenado pela Secretaria Estadual da Educação e pela Coordenadoria de Assuntos Indígenas do Estado, em parceria com a FUNAI e algumas ONGs. Implantado em 24 municípios, o projeto atende a 260 professores indígenas e 5.500 alunos, abrangendo 28 das 35 etnias indígenas existentes no Mato Grosso.

O currículo adotado tem um caráter intercultural, específico e diferenciado, contemplando as características lingüísticas e culturais dos professores que estão sendo formados. Como programa de formação em serviço, o projeto é desenvolvido em etapas presenciais intensivas (realizadas nos períodos de férias e recessos escolares, com duração de quatro a cinco semanas) e em etapas intermediárias (realizadas conforme cronograma específico a cada cursista e envolvendo atividades de ensino e pesquisa, com carga horária prevista na grade curricular). As etapas intermediárias incluem, ainda, estágios supervisionados, de caráter obrigatório, desenvolvidos nas aldeias, sob a coordenação de monitores.

### Resultados Obtidos

- Melhoria na qualidade do ensino, desde o trabalho em sala de aula até o material didático e literário produzido.

## Digitando o Futuro - PR

### Secretaria Municipal de Educação de Curitiba

#### Objetivos Principais

- Introduzir o computador no ensino, como ferramenta auxiliar e complementar;
- Integrar em rede as escolas, bibliotecas e “faróis do saber” (Internet);
- Oferecer a cada escola a liberdade para escolher os equipamentos e programas (*softwares*) que melhor atendam às suas necessidades.

#### Descrição da Proposta

O objetivo deste programa é elaborar projetos voltados para a utilização da informática na educação, abrangendo o corpo discente e docente das escolas municipais da cidade de Curitiba. O início ocorreu em 1998, com um convite público a fornecedores da iniciativa privada, que deveriam oferecer um atendimento individualizado a cada escola, desenvolvendo *softwares* educacionais específicos.

O programa divide-se em duas fases. Na primeira, os fornecedores desenvolvem projetos pilotos em algumas escolas, por sua conta e risco, os quais são observados e avaliados por toda a comunidade escolar. Posteriormente, na segunda fase, cada escola recebe recursos financeiros para a aquisição da solução avaliada como a mais adequada.

Dentre os aspectos educacionais, sociais e operacionais, destacam-se o atendimento amplo e sem restrições aos alunos e à comunidade, a integração com outros projetos (“Faróis do Saber”, “Acessando o Futuro”, “Especialização da Mão-de-Obra”, “Biblioteca Virtual”, entre outros) e o lançamento de parcerias.

#### Resultados Obtidos

- Estão sendo implementados projetos pilotos nas escolas municipais, com o apoio da iniciativa privada;
- Como houve um processo de livre escolha entre escolas e empresas, observa-se grande envolvimento e comprometimento do corpo docente com o projeto.

## Projeto Seringueiro - AC

### Centro dos Trabalhadores da Amazônia - CTA

#### Objetivos Principais

- Mobilizar a sociedade civil e o governo do Estado para a introdução da escola no interior da floresta Amazônica;
- Propiciar ensino fundamental (até a 4ª série) às comunidades do interior da floresta, adaptando-o à realidade vivenciada.

#### Descrição da Proposta

O projeto é destinado às escolas localizadas nos seringais dos vales dos rios Acre e Purus e vem sendo desenvolvido desde 1981, no âmbito do Programa de Educação do Centro dos Trabalhadores da Amazônia – CTA.

No início, nem todos os integrantes do projeto vinham da área pedagógica, uma vez que se tratava de uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, cuja intenção era mobilizar a sociedade civil e o governo do Estado para que a escola fosse levada ao interior da floresta Amazônica.

Atualmente, a preocupação básica é a qualificação das escolas dessa região, com base em uma proposta pedagógica compatível com a realidade sociocultural das populações nativas. Uma das características distintivas do projeto é o fato de que os conteúdos são trabalhados não com base em séries ou disciplinas, mas sim através de dois temas básicos: *conceitos matemáticos e produção textual*.

#### Resultados Obtidos

- Produção de materiais de referência para o aluno;
- Realização de trabalhos na área da Saúde, enfocando a exploração racional dos múltiplos recursos da floresta Amazônica;
- Em 1997, cerca de 1.000 crianças e adolescentes, incluindo um contingente de adultos, tiveram a escolaridade assegurada em unidades que receberam a assessoria do projeto.

## Escola Legal - Direitos do Aluno na Escola Pública de Qualidade - PE

### Diretoria Executiva Regional de Educação de Pernambuco

#### Objetivos Principais

- Mobilizar as escolas em relação ao conhecimento e aplicação dos dispositivos legais do direito à educação;
- Esclarecer os profissionais do ensino sobre os direitos do aluno, criando mecanismos para a promoção e defesa desses direitos na escola.

#### Descrição da Proposta

Este projeto é destinado a professores e alunos da educação básica (educação infantil e ensino fundamental e médio) de todo o Estado de Pernambuco, tendo como instâncias de atendimento a Escola, a Diretoria Executiva Regional de Educação (DERE), a Diretoria de Normatização do Sistema Educacional (DNE) e, em casos excepcionais, o CEE-PE, o CEDDCA-PE e o Ministério Público.

São duas as linhas de ação: a) mobilização e conscientização sobre os direitos do aluno; b) fiscalização e apuração de casos de violação desses direitos.

A Comissão de Direitos do Aluno (CDA) foi instalada em caráter provisório, com o objetivo de apurar denúncias, sendo dotada das seguintes atribuições: orientar, apoiar e acompanhar temporariamente cada caso de violação de direitos; instaurar processos pedagógicos e encaminhá-los às instâncias competentes; promover a execução de medidas que assegurem os direitos do aluno.

#### Resultados Obtidos

- Foram atendidos 1.562 casos, sendo 1.522 deles relacionados à irregularidade da vida escolar, 16 casos de suspensão das atividades escolares, 6 casos de expulsão, 9 casos de negação de permanência na escola, 8 casos de negação de matrícula e 1 caso de negação de estágio;
- Atendimento de denúncias relacionadas ao direito à informação e participação do aluno no ensino regular convencional e especial, e atendimento de denúncias relacionadas à avaliação e aos critérios avaliativos: 14 casos de retenção de documentos, 641 casos de negação à contestação de critérios avaliativos e casos que exigiram bancas examinadoras especiais (404 nas DEREs e 600 na DNE).

## Programa de Adequação Idade/Série: Correção de Fluxo Escolar - PR

Secretaria da Educação do Estado do Paraná

### Objetivos Principais

- Promover a regularização do fluxo escolar no ensino fundamental da rede estadual;
- Possibilitar que todos os alunos concluam o ensino fundamental aos 14 anos, desenvolvendo as competências necessárias para a participação em uma sociedade democrática.

### Descrição da Proposta

O projeto iniciou-se em 1997 e é destinado a todos os alunos de 5ª a 8ª série do Estado do Paraná que apresentem, no mínimo, dois anos de distorção idade/série. O objetivo é que o professor adote uma nova postura pedagógica, tornando-se capaz de lidar com a desmotivação dos alunos que enfrentam problemas de repetência.

Essa postura pedagógica baseia-se na utilização de estudos complementares e aceleração dos conteúdos, orientados por metodologia inovadora e específica. Os conteúdos ministrados em cada disciplina relacionam-se ao dia-a-dia do aluno, priorizando os pontos-chave do currículo e o desenvolvimento de habilidades básicas em cada uma das áreas do conhecimento.

Os professores que participam do projeto foram selecionados pelos diretores de cada escola, de acordo com os seguintes critérios, fixados pela Secretaria da Educação: real interesse em assumir o ensino dessas classes; comprometimento com o trabalho; experiência com alunos do ensino fundamental. Após a seleção, esses professores participaram de um programa de capacitação e passaram a ter direito à "hora preparação", o que significa que eles devem dedicar 4 horas de sua carga horária normal para o estudo e preparação das aulas, contando com orientação para o desenvolvimento do trabalho pedagógico em sala de aula.

### Resultados Obtidos

- Dos 109.299 alunos matriculados no início do projeto, 71.170 foram promovidos para a 8ª série do ensino fundamental;
- De 28.807 alunos, uma parcela significativa concluiu o ensino fundamental, alguns poucos foram promovidos para a série seguinte ou saltaram uma série;
- Dos 9.252 alunos restantes, alguns foram transferidos e outros abandonaram o projeto.



## Acelera Brasil - SP

### Instituto Ayrton Senna

#### Objetivos Principais

- Erradicar gradativamente a cultura de repetência;
- Corrigir o fluxo escolar;
- Reduzir o número de alunos retidos nas primeiras séries do ensino fundamental;
- Ampliar o número de vagas para novos alunos.

#### Descrição da Proposta

O programa destina-se a alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental que se encontrem defasados em termos de idade e série. Trata-se de um trabalho realizado em âmbito nacional, atingindo 14 estados e 24 cidades, cujo objetivo é estimular e operacionalizar políticas públicas, disseminando-as de maneira a levar em conta as diversidades locais e regionais. Desde 1997, 25 mil alunos já foram atendidos.

A principal preocupação do programa diz respeito ao não aproveitamento do enorme potencial de transformação de que as escolas dispõem para contribuir com o crescimento e desenvolvimento de seus alunos. Isso fica particularmente evidente quando se analisa a situação dos alunos que não conseguem completar o ensino fundamental dentro dos oito anos previstos. Há cálculos indicando que são gastos aproximadamente 3,5 bilhões de dólares por ano com alunos que permanecem na escola além dos 8 anos previstos. Além disso, algumas pesquisas indicam que nos dias de hoje a oferta de vagas nas escolas é superior à demanda. Portanto, mais do que investir na construção de mais salas de aula, é importante concentrar esforços na melhoria da qualidade do ensino.

Neste sentido, o programa de aceleração de aprendizagens utiliza a pedagogia do sucesso para atingir basicamente três objetivos: a) inserção competitiva e igualitária no mercado globalizado; b) erradicação das desigualdades sociais; c) valorização e elevação dos direitos humanos.

#### Resultados Obtidos

- O programa tem alcançado resultados positivos na aprovação dos alunos e na correção das distorções entre idade e série, como comprovam avaliações sistemáticas que têm sido realizadas internamente e também externamente — estando estas últimas a cargo da Fundação Carlos Chagas.

## Escola Plural: Alegria de Aprender - MG

Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

### Objetivos Principais

- Introduzir uma concepção ampla e plural do direito à educação;
- Intervir nas estruturas excludentes do sistema escolar — e na cultura que as legitima — de modo a construir, coletivamente, uma educação mais democrática e igualitária.

### Descrição da Proposta

Até o momento, 950 escolas participam deste projeto que foi iniciado em 1995 e está sendo implantado de forma gradativa na rede municipal de ensino da cidade de Belo Horizonte. A fim de intervir nas estruturas excludentes do sistema escolar, propõem-se a deseserização e a não reprovação. Desta maneira, a criança é matriculada nos seguintes “ciclos de formação”: Ciclo da Infância (de 6 a 9 anos); Ciclo da Pré-Adolescência (de 9 a 12 anos); Ciclo da Adolescência (de 12 a 15 anos).

Com o objetivo de introduzir uma concepção plural e ampla do direito à educação, o projeto busca fazer do tempo que a criança passa na escola uma oportunidade de socialização, de maneira que sua formação não se limite apenas aos aspectos cognitivos, mas incorpore também outras dimensões da formação humana, como os aspectos culturais, artísticos, emocionais, corporais etc.

Dentre as ações desenvolvidas pelo projeto, destacam-se a reorganização do currículo, o trabalho coletivo dos profissionais e a valorização dos temas de interesse dos alunos (relacionando questões da atualidade com os conteúdos disciplinares). Além disso, são realizados oficinas, cursos menores de até 180 horas e cursos não-presenciais.

### Resultados Obtidos

- O projeto está sendo implantado gradualmente no ensino fundamental, encontra-se em fase de consolidação no 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> ciclos e em estágio mais incipiente no 3<sup>o</sup> ciclo;
- Estão em andamento discussões sobre a extensão da Escola Plural para os demais níveis e modalidades da educação básica.

## Termo de Cooperação Técnica - PR

Depto. de Jovens e Adultos da Secretaria da Educação do Estado do Paraná

### Objetivos Principais

- Escolarizar jovens e adultos que não puderam frequentar a escola na idade adequada, nos níveis fundamental e médio;
- Aumentar o nível médio de escolarização dos trabalhadores vinculados às empresas conveniadas.

### Descrição da Proposta

O projeto é fruto de uma parceria entre a Secretaria da Educação do Paraná e algumas empresas, cujos funcionários não possuem escolarização nos níveis fundamental e médio. Iniciado em 1996, o projeto tem como objetivo garantir maior consistência aos programas de alfabetização de jovens e adultos.

Uma pesquisa mostrou que as classes de ensino modular desses programas apresentavam alguns problemas, tais como: carga horária muito elevada; incompatibilidade do horário das aulas com o horário de trabalho; reduzida auto-estima dos alunos; baixo rendimento da maioria dos alunos; falta de confiabilidade dos alunos no sistema modular; dificuldade dos alunos para estudarem sozinhos.

A partir de então, o sistema modular foi aperfeiçoado, passando a incluir reuniões semanais de 3 horas com grupos de 15 alunos, sendo exigida uma frequência mínima obrigatória de 75%. Além disso, a proposta passou a priorizar o aprofundamento das atividades de leitura e escrita; as avaliações tornaram-se descritivas, por módulo e por disciplina; as metodologias foram discutidas; os materiais utilizados foram atualizados, tornando-se mais motivadores; e monitores das prefeituras locais começaram a fazer um acompanhamento de duas horas diárias com os alunos, em horários adaptados às exigências de trabalho destes últimos.

Conforme os alunos concluem os cursos, são realizadas festas de formatura, de maneira a valorizar todo o esforço feito por eles.

### Resultados Obtidos

- Os resultados obtidos em termos de conclusão de curso (1ª e 2ª graus) são bastante satisfatórios: enquanto em 1992, apenas 63 de um total de 428 alunos conseguiram concluir o curso, em 1997 foram 934 formandos num total de 5.160 alunos.

## Telecurso 2000 - RJ

### Fundação Roberto Marinho

#### Objetivos Principais

- Combater o analfabetismo regional e nacional;
- Oferecer escolaridade de 1<sup>ª</sup> e 2<sup>ª</sup> graus para jovens e adultos;
- Desenvolver habilidades básicas e atitudes de cidadania.

#### Descrição da Proposta

O Telecurso 2000 abrange todo o território nacional (sendo utilizado também na Argentina, Japão e Moçambique) e sua intenção é possibilitar que jovens e adultos concluam o 1<sup>º</sup> e o 2<sup>º</sup> graus, caso não tenham podido fazê-lo na idade adequada de escolarização. Oferece ainda uma iniciação em Mecânica.

Mediante o uso de programas de TV, livros e outros meios necessários à prática educacional, o Telecurso 2000 vem sendo implantado em escolas, creches, quartéis, fábricas, hospitais, associações comunitárias e sindicatos, configurando aquilo que se chama de "telessalas". Cada telessala organizada, além de contar com um professor voluntário, recebe um conjunto de 6 vídeos, os quais contêm orientações sobre o processo de implantação do programa.

Na maioria dos casos, a avaliação dos alunos é realizada através de uma proposta estruturada pela Fundação Carlos Chagas. Há algumas instituições, porém, que optam por elaborar sua própria avaliação, de modo a fazer com que esta seja mais adequada à realidade local.

#### Resultados Obtidos

- Há 206.000 alunos regularmente matriculados nas 6.888 telessalas espalhadas pelo País.
- Em algumas regiões, obtêm-se elevados índices de aprovação (até mais de 90%);
- Professores leigos têm concluído o 2<sup>º</sup> grau através do Telecurso 2000.

## *Formação Integral de Crianças e Adolescentes*

- A Música como Auxílio Sociopedagógico de Prevenção e Saúde - SC 127
- Linhas do Conhecimento - PR 128
- Projeto Ser Criança: A Educação pelo Brinquedo - MG 129
- Dança e Movimento para a Vida - CE 130
- Aprendizagem Socioemocional - RS 131
- Projeto Escola-Bosque do Amapá – Módulo Regional do Bailique - AP 132

### *Capacitação profissionalizante*

- Projeto Pescar - RS 133
- Informática e Cidadania - RJ 134
- Casa do Pequeno Jardineiro - MG 135
- Capacitação Solidária - SP 136
- Educação pelo Trabalho - DF 137

### *Estímulo à participação cidadã*

- SolidáriaIdade - SP 138
- Projeto de Educação: Um Exercício de Cidadania - BA 139
- Gestão Democrática - SP 140
- Parceria com Grêmios Estudantis – Uma Participação Construtiva na Escola em Busca de Soluções - PR 141
- Fortalecimento dos Grêmios Estudantis - SP 142
- Cuida Bem de Mim – O Teatro da Reconstrução: Uma Experiência com a Tecnologia Educacional com Teatro - BA 143
- Protagonista Juvenil: O Adolescente por uma Escola Melhor (Prêmio Fundação Odebrecht) - BA 144
- Treinamento para a Cidadania: Um Programa Bem Sucedido - EUA 145

# A Música como Auxílio Sociopedagógico de Prevenção e Saúde - SC

## Lar Recanto do Carinho

### Objetivos Principais

- Ensinar temas básicos, pedagógicos e de prevenção, por intermédio da música, abrangendo principalmente a comunidade carente de escolas e hospitais;
- Alcançar a mídia, criando uma metodologia de ensino em massa.

### Descrição da Proposta

O projeto teve início em 1991 e destina-se a crianças entre 6 e 12 anos de idade. A área de atuação restringia-se inicialmente a Santa Catarina, mas vem se expandindo para alguns pontos dos estados do Paraná e de São Paulo.

A idéia de realizar trabalhos com música nas escolas surgiu a partir da constatação de que os alunos encontravam-se desmotivados em função das metodologias tradicionais que estavam sendo utilizadas. A música auxilia o processo de aprendizagem, tornando-o mais agradável e motivador e possibilitando uma assimilação mais duradoura.

Além disso, há situações em que a música ajuda a diminuir a agressividade das crianças, contribuindo para que elas extravasem sua criatividade, como no caso dos trabalhos com instrumentos de percussão.

O projeto está sendo desenvolvido não apenas em escolas, mas também em orfanatos e hospitais infantis. No caso destes últimos, o público-alvo é composto de crianças atingidas pelo câncer ou que são soropositivas (AIDS). Quanto às crianças órfãs, a utilização terapêutica da música tem contribuído para reduzir sua agressividade e canalizar suas esperanças de adoção.

### Resultados Obtidos

- O projeto conquistou grande receptividade na comunidade e na mídia, justamente pelo fato de que o trabalho realizado permite que as crianças memorizem os conteúdos propostos de maneira lúdica e agradável;
- Produção de um CD contendo músicas específicas para cada situação ou tema que o educador pretenda abordar.

## Linhas do Conhecimento - PR

### Fundação Cultural de Curitiba

#### Objetivos Principais

- Desenvolver trabalho de complementação dos conteúdos abordados na escola e sensibilizar crianças e adolescentes, criando acesso à produção cultural por intermédio de espetáculos e visitas a museus e exposições.

#### Descrição da Proposta

O público-alvo do programa é composto de crianças e adolescentes que participam dos projetos “Piás”, realizados na periferia da cidade de Curitiba.

O trabalho é desenvolvido em torno de oito “linhas do conhecimento”: fotografia; cidade; jogos e brincadeiras; música e dança; artes visuais; literatura; teatro; e história. O objetivo é aliar educação, cultura e arte, para formar cidadãos conhecedores da produção cultural de sua cidade, de seu estado e de seu país, além de divulgar a memória, a tradição e a arte.

As sensibilizações ocorrem em oito encontros dedicados a cada uma das “linhas do conhecimento”, envolvendo diversas atividades. A partir desses encontros, as crianças que revelam potencialidades artísticas são encaminhadas para instituições e cursos específicos, como, por exemplo, conservatórios de música.

#### Resultados Obtidos

- Organização do “Piá Arte”, na Ópera de Arame, todos os finais de ano;
- Em 1997, foram atendidas 3.200 crianças e adolescentes, sendo que muitos apresentaram aptidões para música, teatro ou artes visuais e foram encaminhados para cursos específicos.

## Projeto Ser Criança: A Educação pelo Brinquedo - MG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD (Belo Horizonte)

### Objetivos Principais

- Gerar oportunidades de educação integral, a partir do brinquedo e do brincar, influenciando e formando os jovens para a vida;
- Construir e consolidar metodologias equacionais inovadoras, criativas e participativas.

### Descrição da Proposta

Criado por Sebastião Rocha, ex-professor universitário, juntamente com um grupo de amigos, este projeto faz parte das iniciativas do CPCD e está sendo implementado desde 1988 em algumas regiões do sertão de Minas Gerais (municípios de Curvelo e São Francisco, no Vale do Jequitinhonha) e também na cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. Prevê-se para 1998 sua extensão para o município de Porto Seguro, na Bahia.

A população alvo é composta de crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. As atividades giram em torno de três linhas pedagógicas inter-relacionadas: a) Pedagogia da Roda (roda, pauta, avaliação e memória); b) Pedagogia do Brinquedo (o lúdico como caminho da aprendizagem); c) Pedagogia do Sabão (o prazer cultural como matéria-prima para o saber e o ser social).

### Resultados Obtidos

- Conquistou o primeiro lugar no Concurso Nacional Prêmio Itaú/Unicf "Educação e Participação", em 1995, concorrendo com outros 406 projetos de todo o Brasil. Foi avaliado, naquele ano, como "a melhor contribuição para o aprimoramento da escola pública brasileira".



## Dança e Movimento para a Vida - CE

### Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes - EDISCA

#### Objetivos Principais

- Desenvolver um trabalho de educação para a cidadania através da dança e de outras atividades culturais;
- Garantir saúde integral para as crianças e adolescentes atendidos.

#### Descrição da Proposta

As atividades da EDISCA foram iniciadas em fevereiro de 1993 e destinam-se a crianças e adolescentes provenientes de famílias de baixa renda da cidade de Fortaleza.

A EDISCA é um centro de convivência voltado para o resgate da cidadania através do desenvolvimento de atividades artístico-pedagógicas, as quais incluem jogos, dinâmicas de grupo, aulas de conhecimentos gerais, inglês, história da arte, teatro, mímica, canto coral, artes plásticas e a realização de saraus culturais. Trata-se de atividades complementares ao currículo de educação formal, organizadas por meio de oficinas e palestras voltadas para os alunos e seus familiares.

Todos os alunos da escola recebem uniformes e ajuda para o transporte. São organizados passeios e viagens, sendo que a participação está condicionada ao comportamento disciplinado de cada um. Além disso, a EDISCA oferece alimentação e atendimentos médico, odontológico e psicológico, dispondo de um ambulatório com capacidade para atender 400 pessoas ao mês, entre alunos e familiares.

#### Resultados Obtidos

- Ao longo dos 7 anos de trabalho, o projeto já atendeu 280 crianças e adolescentes e aproximadamente 1.300 familiares;
- Sistematização do Modelo Pedagógico da EDISCA, a fim de possibilitar sua multiplicação;
- Produção do espetáculo “Jangurussu”, sobre tema indígena, que recebeu o prêmio FUNARTE de melhor coreografia;
- Produção do espetáculo “Koi-Guera”, que já se apresentou em cidades de outros estados (Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília) e trata das origens do Brasil, denunciando a omissão para com os povos indígenas.

## Aprendizagem Socioemocional - RS

### Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul

#### Objetivos Principais

- Treinar professores a fim de desenvolver um projeto pedagógico que aposte na capacidade da criança para a aprendizagem;
- Permitir que os alunos identifiquem seus próprios sentimentos e emoções, resolvendo solidária e criativamente seus conflitos e reconhecendo-se como pessoas em processo de desenvolvimento.

#### Descrição da Proposta

O projeto teve início em dezembro de 1997, a partir do treinamento de 11 professores de 4ª, 5ª e 6ª séries, de 5 escolas de diferentes lugares do Estado, no Interior e na Capital. A intenção é desenvolver atividades transversalmente ao currículo, em aulas específicas que trabalham o aspecto socioemocional dos alunos.

Cada uma das escolas elaborou seu plano de ação, de acordo com sua realidade específica, mas todas fundamentaram-se na teoria desenvolvida por Daniel Goleman, em seu livro "Inteligência Emocional", e adotaram as chamadas "aulas de coração", como as crianças as têm chamado. Essas aulas acontecem uma vez por semana, com o objetivo de desenvolver no professor a capacidade de escutar a criança e, ao mesmo tempo, desenvolver na criança a consciência sobre aquilo que ela precisa ouvir e aquilo que precisa expressar como emoção.

Uma das técnicas utilizadas é a "audição ativa", que consiste em: a) Parfrasear (quem ouve deve repetir o que foi dito); b) Incentivar (quem ouve deve valer-se de expressões de incentivo, como "conta mais!"); c) Esclarecer (quem ouve deve fazer perguntas que ajudem a esclarecer aquilo que está sendo dito); d) Refletir (quem ouve deve expressar sentimentos em relação ao que ouviu); e) Validar (quem houve deve manifestar sua percepção em termos de avaliação positiva sobre o que foi dito); f) Resumir (quem ouve deve redefinir, sintetizando o que foi dito).

O projeto recebe supervisão internacional, cujos responsáveis já estiveram no Brasil visitando cada uma das escolas.

#### Resultados Obtidos

- Disposição de alunos e professores para aumentar seu autoconhecimento e melhorar seus relacionamentos com os outros.

## Projeto Escola-Bosque do Amapá – Módulo Regional do Bailique - AP

### Secretaria de Estado da Educação do Amapá

#### Objetivos Principais

- Implantar a educação ambiental na rede de ensino estadual, integrando-a ao projeto pedagógico da Secretaria Estadual da Educação, tendo a “escola-bosque” como agência difusora das ações educativas pautadas no PSDA;
- Utilizar os recursos da natureza como “laboratório” para o enriquecimento das aulas;
- Profissionalizar os alunos em atividades locais, com o objetivo de fixá-los em seu meio e reduzir a migração do campo para a cidade;
- Dinamizar a relação entre escola e comunidade, a fim de aprofundar a compreensão das questões relativas ao meio ambiente.

#### Descrição da Proposta

O projeto destina-se à comunidade rural do Arquipélago de Bailique, abrangendo desde a pré-escola até o 2º grau profissionalizante, alunos de educação especial e professores.

O trabalho teve início em dezembro de 1995 e baseia-se em uma proposta curricular única, elaborada com a colaboração da comunidade, respeitando as etnias da Amazônia. Alguns de seus aspectos principais são: a) Implementação de um programa de desenvolvimento sustentável; b) Regionalização da merenda escolar; c) Descentralização da escola; d) Interação escola/comunidade; e) Profissionalização de acordo com o meio local; f) Resgate das tradições e reforço à identidade cultural das populações locais.

#### Resultados Obtidos

- Retorno de 60 famílias a seus locais de origem;
- Capacitação de 79 professores da rede pública de ensino;
- Oferta de 500 vagas para a comunidade local;
- Atendimento a 1.400 crianças e adolescentes de outras escolas da região;
- Geração de 100 novos empregos.

## Projeto Pescar - RS

### Fundação Projeto Pescar

#### Objetivos Principais

- Educar e profissionalizar jovens e, posteriormente, auxiliar em sua inserção no mercado de trabalho;
- Resgatar a auto-estima dos jovens participantes e contribuir para a formação da cidadania;
- Transmitir princípios básicos de relações humanas, segurança no trabalho, higiene, saúde, prevenção contra drogas, visando à plena integração do jovem à sociedade.

#### Descrição da Proposta

Iniciado em 1976, o “Projeto Pescar” oferece a oportunidade de formação profissional gratuita para jovens que tenham entre 14 e 18 anos de idade, com abrangência nacional.

Através de escolas técnicas instaladas em empresas, os jovens aprendem um ofício por seis meses, tornando-se aptos a ingressar no mercado de trabalho. O projeto aborda tanto a parte técnica quanto a comportamental, oferecendo condições para que os jovens se transformem em sujeitos de fato.

O modelo adotado é o de “franquia social”, de modo que os organizadores auxiliam empresas interessadas em implantar suas escolas, garantindo suporte e articulação ao projeto. No entanto, o compromisso assumido pelos franqueados é em relação à comunidade, de maneira que sua atuação deve estar voltada não apenas para a profissionalização dos jovens, mas também para outros aspectos que contribuam para a melhoria de suas condições de vida e para sua inserção na sociedade.

#### Resultados Obtidos

- Desenvolvimento de um modelo de escola que possibilita alcançar ótimos resultados em termos profissionais e sociais, representando, ao mesmo tempo, um custo baixíssimo para a empresa mantenedora;
- Mobilização do empresariado, que começa a ter uma visão diferenciada em relação à educação de seus empregados;
- Há, atualmente, 32 escolas na rede do Projeto Pescar, as quais já colocaram mais de 2.500 jovens no mercado de trabalho.

## Informática e Cidadania - RJ

### Comitê de Democratização da Informática – CDI

#### Objetivos Principais

- Articular campanhas de doação de equipamentos de informática e cadastramento de voluntários para a implementação do projeto;
- Lutar pela democratização da informática e pela implementação da cultura do uso do computador, capacitando e profissionalizando indivíduos de baixa renda;
- Desenvolver programas auto-sustentáveis, possibilitando a interação da informática com as questões da educação, saúde e trabalho.

#### Descrição da Proposta

O projeto foi implementado a partir de março de 1995, destinando-se à população de baixa renda que vive nas favelas da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, foi estendido para outros dez estados.

O objetivo principal é lutar pela democratização da informática, implantando uma cultura de uso do computador ligada às questões da cidadania, meio ambiente, saúde, direitos humanos, por meio da qual indivíduos de baixa renda possam ser capacitados e profissionalizados.

No início, o CDI desencadeou várias campanhas de mobilização, entre elas a “Informática para Todos”, que arrecadou equipamentos usados e desatualizados, os quais foram extremamente importantes para despertar o interesse da população-alvo pela atividade de manutenção de equipamentos de informática.

Até o presente momento, o CDI criou 37 “Escolas de Informática”, com o objetivo de transformá-las em empreendimentos sociais, com mensalidade simbólica de R\$ 10,00. Para a realização desta iniciativa, o CDI estabelece parcerias com instituições que cedem os espaços onde as “Escolas de Informática” passam a funcionar.

#### Resultados Obtidos

- Aproximadamente 5.000 adolescentes estão sendo atendidos pelos “instrutores da favela” ou por monitores que passam seguidamente por cursos de reciclagem com novos equipamentos;
- Muitas das pessoas que passaram pelas “Escolas de Informática” estão desenvolvendo atividades profissionais, por meio das quais podem garantir o seu sustento e o de suas famílias.

## Casa do Pequeno Jardineiro - MG

### Associação Municipal de Apoio Comunitário – AMAC

#### Objetivos Principais

- Criar oportunidades de emprego e renda através da educação ambiental;
- Promover um processo de aprendizagem pautado na formação para o trabalho e na educação ambiental.

#### Descrição da Proposta

O projeto teve início em novembro de 1997, a partir de uma idéia do escritor e cartunista Ziraldo, e destina-se a adolescentes de 14 a 18 anos que se encontrem em situação de risco pessoal e social, oriundos de bairros carentes do município de Juiz de Fora. São jovens provenientes dos Conselhos Tutelares e do Juizado de Menores ou que se interessem em participar de forma espontânea.

A Casa do Pequeno Jardineiro funciona num pequeno sítio, dotado de um horto didático, em que são oferecidas atividades voltadas para a educação ambiental e para preservação e conservação dos recursos naturais do município.

Os participantes do projeto recebem: refeição e lanche diários, vale-transporte, bolsa socioeducativa de meio salário mínimo com carteira assinada, acompanhamento psicopedagógico e sociofamiliar, curso profissionalizante, encaminhamento e acompanhamento no mercado de trabalho.

O adolescente frequenta um curso de 120 horas, durante 4 meses, em turno alternado com o ensino fundamental. Uma vez concluído o curso, o adolescente está apto a prestar serviços de plantio de mudas, confecção de arranjos, jardinagem, paisagismo, minhocultura e horticultura.

A inserção no mercado de trabalho se dá através de convênios que a organização do projeto estabelece com algumas empresas públicas e privadas. Além disso, o jovem é treinado para participar da criação de cooperativas de prestação de serviços, da instalação de pontos-de-venda de mudas, flores e plantas medicinais, e da formação de parcerias com empresas para a “adoção” de praças da cidade.

#### Resultados Obtidos

- O projeto tem sido muito bem aceito tanto pela comunidade quanto pelos órgãos públicos. Os serviços são bastante solicitados, sendo inclusive estendidos para outros municípios. A auto-sustentabilidade do projeto é viabilizada pela venda de camisetas, botons, bonés etc., além da formação de parcerias.

## Capacitação Solidária - SP

### Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária

#### Objetivos Principais

- Estimular a formulação de propostas inovadoras de capacitação diferenciada;
- Propiciar o fortalecimento das organizações não governamentais.

#### Descrição da Proposta

Este programa visa captar recursos junto à sociedade civil a fim de repassá-los para projetos que tenham como objetivo a capacitação profissional de jovens entre 14 e 21 anos de idade.

Os projetos contemplados são escolhidos através de concursos modulares e após seis meses são promovidas avaliações sobre o impacto de cada projeto, visando a melhorias e aprimoramentos. Além disso, são organizadas oficinas de encontro a fim de que os organizadores de cada um dos projetos possam trocar experiências e buscar soluções comuns.

As propostas aprovadas têm como elemento característico a preocupação com a valorização e o fortalecimento do jovem, além do caráter inovador das formas de inserção do jovem na comunidade e no trabalho. Já foram promovidos cursos de informática para cegos, cabeleireiro afro, panificação para surdos, entre outros.

#### Resultados Obtidos

- Mais de 8.000 jovens já foram capacitados em 5 estados brasileiros (SP, RJ, RS, CE e PA);
- 237 projetos foram monitorados e avaliados;
- 231 gestores sociais foram capacitados em 15 estados brasileiros (SP, RJ, RS, CE, PA, MA, AC, AP, AM, RO, RR, TO, PI, SC e BA).

## Educação pelo Trabalho - DF

### Fundação de Serviço Social

#### Objetivos Principais

- Oferecer oportunidades concretas de profissionalização para jovens infratores que estejam sob regime de internação provisória;
- Proporcionar mudanças de atitude e comportamento com vistas ao resgate da auto-estima e da responsabilidade.

#### Descrição da Proposta

Idealizado pela Fundação de Serviço Social do Distrito Federal, este projeto vem sendo implementado desde 1996 pelo CAJE (Centro de Atendimento Juvenil Especializado). O objetivo é desenvolver um processo educativo fundamentado numa pedagogia crítica e transformadora, a fim de incentivar a recuperação do jovem infrator.

Os garotos participam da escola em tempo integral, podendo frequentá-la durante um período de até oito meses. Todos têm uma escolaridade máxima de 5ª série e são divididos em dois grupos etários: de 16 a 18 anos (onde se concentra a maior parte), e de 18 a 21 anos.

São realizadas várias oficinas de profissionalização, sendo que a mecânica de automóveis é uma das mais requisitadas. Os infratores sob regime de internação provisória participam de programas educacionais com oportunidades concretas de profissionalização.

As oficinas de internação estrita são mantidas com recursos do Instituto Ayrton Senna.

#### Resultados Obtidos

- Nas oficinas, os jovens confeccionam e reformam móveis para si próprios e para seus familiares, para órgãos públicos e da sociedade civil, além de fazerem reformas variadas para o CAJE.



## SolidáriaIdade - SP

### Ação Educativa

#### Objetivos Principais

- Apoiar grupos juvenis nas suas formas de organização e expressão pública e nas estratégias de enfrentamento de suas questões;
- Estimular o desenvolvimento da solidariedade entre os jovens.

#### Descrição da Proposta

Destinado a estudantes secundaristas da cidade de São Paulo, este programa teve início em 1994, sendo organizado em torno de algumas linhas de ação, tais como: engajamento juvenil em movimentos de solidariedade, intercâmbio entre escolas públicas e particulares de São Paulo, organização de grupos de jovens que se estruturam e traçam seus próprios caminhos, contato com projetos que trabalham com o questionamento das desigualdades sociais.

Uma das características do programa é a importância conferida ao processo de elaboração das reuniões, com a adoção de uma postura investigadora que possibilita definir as atividades que melhor se encaixam às necessidades dos participantes. Além disso, há um constante incentivo à leitura, uma vez que este é um meio de dar continuidade ao trabalho, além de incentivar o jovem a desenvolver reflexões próprias, ampliando seu universo imaginário e dando origem — por um viés cognitivo — à formação de estratégias para a transposição do mundo da fantasia para o mundo real.

#### Resultados Obtidos

- Realização de trabalhos com crianças e jovens nas áreas de música, artes plásticas, violência, entre outras;
- Publicação de duas revistas com assuntos para jovens;
- Crescimento anual do número de participantes;
- Atuação autônoma e constante, apoiada pelo programa Ação Educativa.

## Projeto de Educação: Um Exercício de Cidadania - BA Centro de Referência Integral de Adolescentes – CRIA

### Objetivos Principais

- Contribuir para a consolidação de uma proposta de educação para a cidadania nas turmas de 5ª a 8ª série das escolas municipais da cidade de Salvador;
- Implementar ações preventivas nos centros de saúde de Salvador voltadas para o adolescente;
- Transformar os adolescentes em multiplicadores de ações educativas;
- Mobilizar eticamente a sociedade, envolvendo educadores, profissionais da Saúde e adolescentes que atuem como multiplicadores de ações educativas.

### Descrição da Proposta

A população-alvo deste projeto é constituída pelos adolescentes que são atendidos nos centros de saúde de Salvador, mais especificamente por aqueles que pertencem às turmas de 5ª a 8ª série das escolas da rede municipal de ensino. O trabalho é uma iniciativa do CRIA e está sendo implementado em conjunto com a Secretaria Municipal de Saúde e com a Fundação Odebrecht.

A proposta básica do CRIA é a formação de adolescentes enquanto cidadãos proponentes e multiplicadores de ações para a cidadania. Dentre as atividades realizadas no âmbito do projeto, destacam-se a produção e apresentação de peças teatrais, a realização de oficinas de educação para a cidadania nas escolas e nos centros de saúde, a implantação de ações educativas nos centros de saúde do município, e o estímulo à formação ou ampliação de espaços de formulação e gestão de políticas públicas voltadas para as questões da saúde e da educação.

### Resultados Obtidos

- Contribuição para a construção das propostas/projetos pedagógicos das escolas e centros de saúde, acelerando o processo de descentralização/autonomia das unidades municipais de educação e saúde;
- A inserção gradual da temática do projeto no programa de várias disciplinas colocou em pauta uma nova visão da educação e da juventude, além de envolver a participação efetiva das famílias dos alunos.

## Gestão Democrática - SP

### Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

#### Objetivos Principais

- Fazer da escola um referencial diferente e melhor do que a dura realidade vivida pelos alunos.

#### Descrição da Proposta

O trabalho teve início em 1990 e está sendo desenvolvido em escolas dos municípios de Barueri, Santana de Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus, no Estado de São Paulo. A principal preocupação do projeto é instaurar um ambiente nas escolas em que nenhum aluno se sinta humilhado ou inferiorizado. Além disso, pretende fazer da escola um referencial de organização, limpeza e sucesso.

Até agora, o projeto implementou algumas iniciativas, destacando-se: a) Escolha do uniforme: os alunos, através de concurso, escolheram o uniforme e o emblema de suas escolas. As APMs se encarregaram de arrecadar fundos para que os alunos carentes pudessem comprar seus uniformes; b) Preservação do Patrimônio Escolar: a limpeza do prédio, dos sanitários, das carteiras, do pátio, dos corredores e da área externa foi tema amplamente discutido com os alunos, e todos passaram a ser responsáveis pela conservação da escola; c) Classes Especiais para as 3<sup>as</sup> séries: foram organizadas classes de aceleração, que contribuíram para uma sensível melhoria no desempenho de vários alunos até então estigmatizados pelo fracasso frente a metodologias ineficazes e inadequadas; d) Recuperação: os alunos que necessitavam de reforço foram submetidos a aulas suplementares, fora do horário normal; e) Gestão Democrática: participação de todos os segmentos, desde o planejamento da ação, passando pela execução, até a avaliação e correção das falhas encontradas.

#### Resultados Obtidos

- Em algumas escolas os resultados foram bastante positivos, tanto no que diz respeito à preservação do espaço físico quanto em termos pedagógicos e no relacionamento com a comunidade, incluindo-se aí a redução dos índices de violência, bem como dos índices de retenção e evasão;
- A implementação de vários projetos alternativos transformou espaços tristes e monótonos em lugares alegres e cheios de vida;
- Graças à participação dos grêmios e das APMs, os processos de mudança passaram a se dar de maneira mais tranqüila.

## Parceria com Grêmios Estudantil – Uma Participação Construtiva na Escola em Busca de Soluções - PR

### Colégio Estadual Duque de Caxias - Maringá

#### Objetivos Principais

- Fomentar uma consciência crítica nos alunos em relação aos problemas que afetam a coletividade, sobretudo os que dizem respeito ao ambiente escolar;
- Promover a participação dos cidadãos, especialmente dos jovens, no processo político-social;
- Promover a auto-estima, a ética e a cultura.

#### Descrição da Proposta

O projeto está sendo realizado no Colégio Estadual Duque de Caxias, com a participação de todos os alunos e da comunidade local.

Com a criação de um Grêmios Estudantil, os alunos começaram a participar de atividades extracurriculares, palestras e debates sobre temas como: sexualidade, alcoolismo, primeiros socorros, segurança, preservação do meio ambiente, direitos e deveres, postura comportamental.

Através do Grêmios, os alunos puderam oferecer sugestões à elaboração do regimento escolar e participaram de projetos relacionados à questão da cidadania. Além disso, começaram a se preocupar com a qualidade ambiental do espaço escolar, promovendo melhorias, organizando mutirões de limpeza, gincanas, festas e campeonatos que tinham como objetivo arrecadar materiais para a construção de novas salas e de um ginásio de esportes.

Ainda através do Grêmios, os alunos participaram do “Fórum Infante-Juvenil do Meio Ambiente” e de reuniões na Câmara Municipal, encaminhando soluções para problemas da comunidade em geral.

#### Resultados Obtidos

- Maior interesse dos estudantes pelos problemas da escola;
- Elaboração dos direitos, deveres e sanções para os alunos do colégio;
- Ação conjunta da APM e Grêmios Estudantil na realização de eventos para a arrecadação de recursos destinados à iluminação da cancha esportiva e construção de laterais;
- Participação em eventos da cidade, com barracas do Grêmios para arrecadação de recursos, visando à melhoria da escola.

## Fortalecimento dos Grêmios Estudantis - SP

### Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

#### Objetivos Principais

- Instrumentalizar os membros dos grêmios estudantis para uma ação mais efetiva na comunidade escolar;
- Proporcionar reuniões anuais dos grêmios para a troca de informações e experiências.

#### Descrição da Proposta

A população-alvo é composta por alunos integrantes dos grêmios das escolas sob jurisdição da delegacia de ensino do município de José Bonifácio. O objetivo é estimular a organização dos grêmios estudantis (sem a intenção de exercer qualquer controle sobre eles), auxiliando-os a desenvolver projetos de iniciativa própria.

A partir da implementação do programa, em 1995, os grêmios passaram a promover debates sobre temas diversificados, abordando desde problemas no relacionamento entre alunos e professores até questões mais abrangentes. Entre outras consequências, a atuação dos grêmios possibilitou uma maior participação dos alunos na vida da comunidade escolar, bem como o surgimento de lideranças estudantis.

#### Resultados Obtidos

- As ações dos grêmios tornaram-se bem mais visíveis e, em alguns casos, transcendem os muros da escola, incluindo a apresentação de demandas às autoridades locais;
- Realização de encontros anuais.

## Cuida Bem de Mim – O Teatro da Reconstrução: Uma Experiência com a Tecnologia Educacional com Teatro - BA

Liceu de Artes e Ofícios da Bahia

### Objetivos Principais

- Mobilizar a comunidade escolar e demais segmentos comunitários para a necessidade de preservação e reconstrução da escola pública.

### Descrição da Proposta

O projeto teve início em 1996 e destina-se a alunos de 2ª grau da rede de ensino estadual da cidade de Salvador. Em função dos gastos excessivos com a recuperação de escolas, e tendo em vista a inexistência de uma maior conscientização da comunidade em relação aos bens públicos, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia e o Liceu de Artes e Ofícios resolveram criar o projeto “Quem ama, preserva”.

Este projeto contou com a participação de líderes estudantis e professores de 10 escolas de Salvador. Foram realizadas 27 oficinas dramático-pedagógicas, em que os participantes eram estimulados a “destruir carteiras”, para depois expressar os sentimentos que essa experiência havia lhes causado. Tais vivências levaram os participantes a refletir sobre o papel de cada um na preservação do patrimônio escolar.

A experiência do projeto “Quem ama, preserva” teve continuidade com a produção de uma peça de teatro que busca retratar a realidade das escolas públicas e que se chama “Cuida bem de mim”. Após a apresentação da peça — que já foi vista por cerca de 50 mil pessoas — são realizados debates com a platéia.

A receptividade tem sido tão grande que os coordenadores do projeto “Quem ama, preserva” estão planejando produzir uma nova peça, nos mesmos moldes, sobre o tema “Sexo, violência e drogas”.

### Resultados Obtidos

- O sucesso de “Cuida bem de mim” é uma prova de que é possível mobilizar estudantes e professores através da arte e de que o afeto é um dos melhores caminhos para mostrar que a depredação do nosso patrimônio é a depredação de nós mesmos;
- O projeto está sendo divulgado em todas as secretarias estaduais de educação através de uma fita de vídeo e material informativo.

## Protagonista Juvenil: O Adolescente por uma Escola Melhor (Prêmio Fundação Odebrecht) - BA Fundação Odebrecht

### Objetivos Principais

- Mobilizar os jovens para participarem das soluções dos problemas da escola;
- Em conjunto com os jovens, produzir material didático e/ou de divulgação para processos de mobilização pela universalização do ensino público de qualidade.

### Descrição da Proposta

Esta proposta, iniciada em 1995, consistiu na organização de um concurso com premiação nacional, patrocinado pela Fundação Odebrecht, com a intenção de mobilizar o adolescente para que ele se transforme em protagonista de seu próprio aprendizado, participando diretamente na busca de soluções para os problemas da escola e questionando suas próprias dificuldades pessoais e sociais.

O objetivo era estimular a colaboração dos adolescentes na elaboração de publicações referentes aos problemas da escola pública e na produção de materiais didáticos que tratassem de temas relacionados com a vida dos jovens.

Em Salvador, o concurso foi precedido da realização de uma oficina que teve a duração de um ano, em que se discutiram tanto questões relativas às responsabilidades pessoais, responsabilidades para com o outro e para com o grupo, quanto alguns problemas enfrentados pelo País. Desta maneira, os adolescentes tiveram seu interesse despertado para questões de interesse coletivo e passaram a se preocupar com formas de ação através das quais eles pudessem interferir nos acontecimentos de suas vidas e de suas comunidades.

Em 1997, o concurso foi encerrado após receber a colaboração de 2.580 adolescentes de todo o País.

### Resultados Obtidos

- O 1º lugar do concurso foi conferido à proposta de uma “corrente de cartas” a serem enviadas ao presidente da República. Das cartas escritas, 1.500 foram analisadas por educadores, sendo incluídas na publicação “O Olhar do Adolescente Focalizando a Escola”;
- Em 2º lugar ficou a proposta de produção de um vídeo chamado “O Tetracampeão”, que traça um paralelo entre a seleção brasileira de futebol e a sala de aula e está em fase de produção.

## Treinamento para a Cidadania: Um Programa Bem Sucedido - EUA

Academia Frederick Douglass de Nova York

### Objetivos Principais

- Fazer da escola pública um lugar onde o ensino seja de alta qualidade e tenha como princípio a inclusão social;
- Melhorar o desempenho dos alunos;
- Promover o entrosamento da escola com a comunidade.

### Descrição da Proposta

A população-alvo é composta de 200 crianças (80% negras e 20% latinas) em duas escolas do bairro do Harlem, na cidade de Nova York. Essas duas escolas distinguem-se pela alta qualidade do ensino e pela motivação que oferecem a seus alunos, bem como pelo fato de funcionarem em um ambiente de disciplina e rigor acadêmico.

A preocupação central é fazer com que os alunos reconheçam o valor de suas potencialidades, deixando de lado o estigma de “excluídos sociais” e tornando-se conscientes de que a escola pode ajudá-los a mudar positivamente suas perspectivas de vida.

Nessa proposta, o professor é visto como elemento fundamental, uma vez que ele é responsável tanto por propiciar um ensino de qualidade quanto por estimular o aluno, levando-o a desenvolver seu potencial.

### Resultados Obtidos

- Os alunos das duas escolas onde o projeto é desenvolvido competem em condições de plena igualdade por vagas nas melhores universidades dos Estados Unidos.



## *Programas de Apoio a Permanência, Retorno e Sucesso do(a) Aluno(a)*

- Erradicação do Trabalho Infantil: Assistência Familiar/ Vale-Cidadania - MS 147
- Da Rua para a Escola - PR 148
- Projeto “Bom Aluno” - PR 149
- Ninho de Pássaros: Criação, Construção e Exercício de Cidadania - AL 150
- Integração do Aluno com Deficiência na Rede Regular de Ensino/Educação Infantil e Creches - SP 151
- Convivendo com a Diferença – Integração da Criança Deficiente na Escola - PE 152
- Patinho Empreendedor - PR 153
- Integração Escola/Comunidade - PA 154
- Programa de Parceria nas Escolas - EUA(1) 155
- Programa de Parceria nas Escolas - EUA(2) 156

## Erradicação do Trabalho Infantil: Assistência Familiar/ Vale-Cidadania - MS

### Fundação Programa Social

#### Objetivos Principais

- Mobilizar a comunidade civil organizada para erradicar o trabalho infantil e garantir o acesso, a permanência e o sucesso escolares.

#### Descrição da Proposta

Este projeto foi iniciado em junho de 1996 e é destinado a crianças e adolescentes carvoeiros e ervateiros de 7 a 14 anos, abrangendo 30 municípios, por meio de uma ação conjunta da Secretaria de Ação Social e da Secretaria da Educação do Estado do Mato Grosso do Sul.

Durante a implantação do projeto, inúmeras dificuldades tiveram de ser superadas, destacando-se a necessidade de sensibilizar as famílias cujos filhos trabalhavam como carvoeiros e ervateiros sobre a importância da escolarização. Como estratégia, foi oferecida uma bolsa no valor de R\$ 50,00 *per capita* a essas famílias, a fim de que seus filhos pudessem parar de trabalhar e, conseqüentemente, passassem a freqüentar a escola. O objetivo é que as crianças permaneçam na escola em período integral, sendo um período com aulas e outro com atividades complementares (lazer, reforço etc.).

Outras dificuldades com que os organizadores do projeto se deparam são: carvoeiras localizadas em locais de difícil acesso; ausência total de saneamento básico; necessidade de construir um espaço para “fixar” a escola; encontrar professores com disposição para ir até as carvoeiras. Esses e outros problemas têm sido superados graças ao estabelecimento de parcerias, sobressaindo o apoio do Unicef (capacitação de professores), Cenpec (capacitação de professores do meio rural), Fundo de Amparo ao Trabalhador (qualificação do adolescente), Pastoral do Imigrante e Ministério da Justiça (implantação do Conselho Tutelar).

#### Resultados Obtidos

- Desde sua implantação já se beneficiaram do projeto 2.100 crianças e adolescentes e 1.073 famílias;
- O projeto está sendo ampliado para mais de 20 municípios, atendendo também aos cortadores de iscas, coletores de algodão e outros, totalizando 50.000 crianças.

## Da Rua para a Escola - PR

### Secretaria de Estado da Criança e Assuntos Familiares

#### Objetivos Principais

- Garantir a escolarização através de ações que promovam o acesso e a permanência da criança na escola a partir da integração social e familiar.

#### Descrição da Proposta

Este projeto destina-se a famílias carentes que possuam crianças e adolescentes entre 0 e 18 anos matriculados em creches, cursos de educação infantil, educação especial, ensinos fundamental e médio, regular e supletivo, da rede pública de ensino do Estado do Paraná.

O trabalho consiste em estimular a convivência familiar e comunitária, bem como a formação da cidadania na escola. Para tanto, com um acompanhamento constante dos jovens inscritos no projeto, são realizadas oficinas educativas, visitas a museus, teatros, acompanhamento escolar, entre outros. Sob a forma de contraturno, os jovens também participam de atividades de esporte e de educação artística destinadas ao desenvolvimento das linguagens plástica, musical e cênica (teatro), todas elas voltadas para a recuperação da auto-estima e para a inserção social.

O projeto é operacionalizado com base no repasse de cestas básicas, *kits* escolares, reuniões mensais com os pais, contraturnos sociais (com atividades artísticas, lúdicas e desportivas) e encaminhamento a outras equipes sociais. Além disso, busca-se garantir às famílias o acesso a serviços comunitários de assistência social, tais como postos de saúde, creches, cursos profissionalizantes, emprego e/ou moradia para os pais e emissões de documentos.

#### Resultados Obtidos

- O projeto já foi implementado em 389 municípios do Estado do Paraná e recebeu um prêmio do Unicef.

## Projeto “Bom Aluno” - PR

### Pinhais Empreendimentos

#### Objetivos Principais

- Possibilitar formação educacional a alunos carentes com bom desempenho;
- Ampliar o projeto “Bom Aluno” para todo o Brasil, como espécie de “franquia” social, de forma a expandir o número de alunos beneficiados.

#### Descrição da Proposta

O projeto foi implantado em 1994, na região metropolitana de Curitiba e destina-se a crianças carentes que tenham um desempenho escolar de destaque. Os alunos ingressam no projeto a partir da 5ª série, podendo permanecer até o 3º grau e pós-graduação — sendo que esta pode inclusive ser realizada no Exterior. As bolsas cobrem desde materiais, livros e vale-transporte, até o estudo em escolas particulares e cursos complementares como Inglês, Computação etc.

O projeto tornou-se viável a partir de parcerias com escolas e empresas que se mostraram interessadas em investir no potencial desses jovens.

As inscrições para os alunos interessados no projeto são realizadas pelos próprios pais ou responsáveis. O processo de seleção é feito através de entrevistas e visitas à família do aluno, levando em consideração fatores como desempenho, interesse, disciplina e frequência — os quais são também os critérios que regem as avaliações a que esses alunos são constantemente submetidos.

#### Resultados Obtidos

- Há atualmente 2.000 jovens participando do projeto, sendo que todos os que já prestaram vestibular foram aprovados;
- O projeto tem um efeito multiplicador, em função da mudança de *status* que propicia aos participantes, tendo obtido uma disseminação bastante significativa.

## Ninho de Pássaros: Criação, Construção e Exercício de Cidadania - AL

### Lar São Domingos

#### Objetivos Principais

- Tornar a instituição Lar São Domingos uma referência de cidadania e garantia de direitos às comunidades menos favorecidas;
- Romper o ciclo de institucionalização do abandono infanto-juvenil, estabelecendo uma nova modalidade de atendimento em meio aberto.

#### Descrição da Proposta

Até 1990, o Lar São Domingos atendia crianças e adolescentes de 7 a 14 anos em regime de internato. A partir desse ano, em função de um reordenamento institucional, desenvolveu-se um programa de apoio familiar e promoção social, o qual foi acompanhado de um esforço de sensibilização das famílias de 97 das 106 crianças então atendidas, e que tinha como objetivo criar condições para que essas crianças pudessem voltar para casa. As 9 crianças restantes não possuíam família e para elas foi organizada uma "casa-lar".

Em 1995, em parceria com o Lar Fabiano de Cristo, do Rio de Janeiro, foi desenvolvida uma nova modalidade de ação, que se dá em "meio aberto" e que tem como princípio básico o "apoio da família combinado com o apoio à família". Isto significa que o atendimento de crianças e adolescentes carentes deixou de ser individual e as iniciativas passaram a ser realizadas diretamente junto às famílias, envolvendo ações de assistência social e orientação psicológica.

Atualmente, o programa atende a 250 famílias em situação de extrema pobreza que residem em vilas e grotas localizadas na periferia da cidade de Maceió, de acordo com as seguintes linhas de ação: a) Apoio sociofamiliar (assistências social, médica, odontológica e psicológica, incluindo atendimento especializado para gestação, nutrição, alcoolismo, integração do Idoso, analfabetismo e formação para o trabalho); b) Orientação Pedagógica (atendimento pré-escolar para 200 crianças de 2 a 6 anos de idade e unidades de complementação do ensino fundamental para 650 crianças e adolescentes de 7 a 17 anos, matriculados na rede oficial de ensino, incluindo atividades com literatura, artes plásticas, música, teatro).

#### Resultados Obtidos

- Em dezembro de 1997, o programa obteve o 1<sup>o</sup> lugar no concurso organizado pelo Cenpec/Banco Itaú/Unicef.

## Integração do Aluno com Deficiência na Rede Regular de Ensino/Educação Infantil e Creches - SP

Sorri-Brasil

### Objetivos Principais

- Sensibilizar, envolver e preparar a comunidade escolar — incluindo as creches — para receber crianças e adolescentes portadores de deficiência;
- Estabelecer uma “educação inclusiva” que faça com que a sociedade perceba a pessoa portadora de deficiência como um cidadão;
- Atuar junto a empresas, de forma a inserir os deficientes no mercado de trabalho.

### Descrição da Proposta

Iniciado em 1995, em nível nacional, este projeto tem como objetivo desenvolver habilidades ocupacionais em pessoas portadoras de deficiência, buscando uma “aceitação sem imposição”, a fim de possibilitar sua futura inserção no mercado de trabalho.

Algumas ações vêm sendo coordenadas em âmbito nacional, destinadas à viabilização de um programa de municipalização da educação especial que visa garantir a escolarização à população portadora de deficiências. Essas ações envolvem a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, o MEC, outras secretarias estaduais e a UNDIME. No âmbito municipal, além de iniciativas em conjunto com as delegacias de ensino, realiza-se um trabalho junto às escolas de educação infantil e creches.

Além disso, o projeto conta com o apoio do UNICEF e do MEC, mantendo parcerias com o Ministério Público de São Paulo, secretarias municipais de educação, secretarias de educação especial, ONGs (escolas de educação especial), num total de 21 instituições envolvidas.

### Resultados Obtidos

- Verifica-se aumento expressivo no número de matrículas de crianças deficientes nas creches;
- Deu-se início a uma ampla discussão nacional sobre a inclusão do aluno com deficiência na rede de ensino.

## Convivendo com a Diferença – Integração da Criança Deficiente na Escola - PE

### Coletivo Refazendo

#### Objetivos Principais

- Sensibilizar as escolas e motivar voluntários para que toda criança portadora de deficiência freqüente a escola;
- Envolver a família, a escola e a comunidade no processo de inclusão social da criança e do adolescente portadores de deficiência.

#### Descrição da Proposta

O projeto teve início em novembro de 1997, com a realização da campanha “Matricule a Criança Portadora de Deficiência na Escola”, promovida pelo Coletivo Refazendo em parceria com a Associação dos Portadores de Deficiência de Camaragibe e com a Prefeitura de Camaragibe, cujo objetivo era mobilizar a comunidade a fim de matricular crianças deficientes na rede pública de ensino.

Um dos objetivos do projeto é trabalhar a socialização das crianças deficientes com base na proposta da “Dança Criativa”, de Rudolf Laban, que procura combinar os quatro elementos do movimento (peso, tempo, espaço, fluência) com oito ações (pressionar, sacudir, socar, flutuar, torcer, tocar/dar pancadas leves, cortar e deslizar). Desta maneira, propõe-se a liberação do aluno para uma educação do movimento através da exploração de todas as suas possibilidades de execução e combinação.

Com esse intuito, foi organizado um grupo de “Dança Criativa”, cujos participantes são selecionados nas escolas, sendo que 50% são crianças portadoras de deficiências ou necessidades especiais e 50% são crianças sem problemas aparentes. As aulas são desenvolvidas a partir de temas, relacionando movimentos e mensagens, trabalhando a consciência da fluência do movimento e a expressão criativa.

#### Resultados Obtidos

- Criação de uma banda de música para apresentação em *shows*, formada por portadores e não portadores de deficiências;
- Em 1997, foi organizado um grupo de dança com 77 crianças de duas escolas da rede pública, sendo realizadas reuniões com 230 pais e professores;
- Em dezembro de 1997, o projeto recebeu menção honrosa do concurso Cenpec/Banco Itaú/Unicef.

## Patinho Empreendedor - PR

### SEBRAE – Pato Branco

#### Objetivos Principais

- Preparar as crianças e os jovens para que possam se tornar líderes empreendedores capazes de promover mudanças significativas em suas comunidades e relacionamentos.

#### Descrição da Proposta

Em 9 de março de 1998, com vistas ao desenvolvimento de uma cultura empreendedora, o SEBRAE, a Prefeitura Municipal de Pato Branco e a Secretaria Estadual da Educação do Paraná implantaram o EMPREENDUCK, direcionado a alunos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental nas escolas das redes municipal e estadual da cidade.

O programa abrange 29 escolas, num total de 189 turmas e 5.126 alunos. As escolas municipais são contempladas com uma carga horária de 50 a 60 horas anuais, enquanto as escolas estaduais têm uma carga de 30 a 40 horas anuais. O SEBRAE é responsável pela implementação do programa e pelo treinamento dos multiplicadores, os quais são selecionados pelo Núcleo Regional de Educação de Pato Branco e pela Prefeitura Municipal, passando em seguida por um curso de capacitação de 40 horas.

O objetivo é criar um ambiente onde crianças e jovens sejam vistos como aprendizes visionários e empreendedores voltados para a melhoria da qualidade de vida pessoal, profissional e comunitária. O trabalho é realizado a partir dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, com abordagens sobre comunicação, auto-estima, saúde, valores e cidadania.

#### Resultados Obtidos

- Apesar de sua recente implementação, o programa já provocou sensíveis melhoras na postura dos alunos, na integração de grupo e na formação da cidadania.



## Integração Escola/Comunidade - PA

### Secretaria de Estado da Educação do Pará

#### Objetivos Principais

- Reduzir a violência nas escolas, sem contudo transformá-las em prisões, buscando um relacionamento harmonioso com a sociedade.

#### Descrição da Proposta

A população alvo é composta de crianças e jovens das grandes escolas das zonas periféricas da cidade de Belém, onde a Secretaria da Educação do Estado do Pará se deparava com a ocorrência de problemas de indisciplina e vandalismo.

A proposta que norteou o projeto foi a de abrir as portas das escolas para a comunidade, a fim de que esta se sentisse como parte da escola, tornando-se responsável por ela. A comunidade foi incentivada a se utilizar da escola durante os finais de semana, feriados e férias escolares para realizar atividades de esporte, cultura e lazer, tais como: jogos em geral, oficinas de arte e artesanato, palestras e debates, capacitação de pessoal, entre outras.

A Secretaria da Educação realizou um mapeamento de todas as escolas da periferia que tivessem algo a oferecer à comunidade e entrou em contato com os centros comunitários de organizações de bairro, clubes de mãe e demais instituições que pudessem apoiar o projeto. Em seguida, definiu-se um plano de ação em que a Secretaria da Educação ficou responsável pelos seguintes itens: a) pessoal habilitado para organizar as atividades (professores, sociólogos, psicólogos etc.); b) instalações físicas e equipamentos da escola; c) fornecimento de material esportivo e para outras atividades. Por sua vez, os centros comunitários ficaram responsáveis por: a) serviço de apoio (limpeza, conservação etc.); b) controle de quem entra na escola e participa das atividades (foram emitidas carteirinhas de identificação).

#### Resultados Obtidos

- Foram beneficiados 26 bairros da região metropolitana de Belém, abrangendo cerca de 40 escolas de portes médio e grande;
- O projeto foi estendido para outros 10 municípios do Interior;
- Melhoria da qualidade de vida das crianças, jovens e adultos envolvidos;
- Mudança na imagem da escola, que passou a ser vista como patrimônio cultural das comunidades beneficiadas pelo projeto.

## Programa de Parceria nas Escolas - EUA (1)

Universidade de Nova York

### Objetivos Principais

- Elaborar uma nova visão sobre o problema da violência nas escolas;
- Reformular as políticas de segurança nas escolas.

### Descrição da Proposta

O projeto teve início em 1987 e pretende atingir 1.000 alunos de 2ª grau em 10 escolas de Nova York, consideradas as mais problemáticas e violentas da cidade. Partiu-se da constatação de que a violência faz parte do cotidiano dos alunos desde o momento em que elaboram suas primeiras visões sobre o mundo, pois conforme aponta uma pesquisa, ao atingir 18 anos de idade, o jovem norte-americano já assistiu, em média, a 45 mil assassinatos pela TV.

O quadro de violência é tão grave que muitos professores não querem mais ficar na escola após o término das aulas. Em contrapartida, nos últimos anos tem ocorrido um aumento vertiginoso no número de vigias e mecanismos de segurança adotados pelas escolas.

Dada esta situação, a proposta do projeto é incentivar os alunos a participar mais ativamente da vida escolar e da vida social dos alunos, a fim de que eles deixem de exercer um papel apenas "policia" e passem a atuar também como se fossem professores e conselheiros dos jovens.

Além disso, há uma grande preocupação em conversar com os alunos sobre as várias formas de violência, incluindo temas como armas, drogas, índice de jovens que morrem em episódios envolvendo o uso de armas de fogo etc. O objetivo é que os jovens possam elaborar uma compreensão sobre essas situações, antes que se tornem violentos.

### Resultados Obtidos

- Chegou-se à conclusão de que as formas de combate à violência devem ser reformuladas, incorporando a idéia de que o trabalho com educação não se resume apenas à mente, mas engloba também o corpo do aluno, o ambiente físico da escola e, principalmente, a sociedade em que vivemos;
- Outra conclusão é a de que o governo deve repensar o encaminhamento a ser dado ao estudo de temas ligados à violência nas universidades.

## Programa de Parceria nas Escolas - EUA (2)

Universidade de Nova York

### Objetivos Principais

- Conviver de forma equilibrada com a segurança dentro do espaço escolar

### Descrição da Proposta

O aumento da violência nas escolas fez com que a questão da segurança se transformasse em uma preocupação constante para as pessoas que trabalham com educação. O princípio básico do projeto é tornar as funções de segurança adequadas ao espaço escolar, buscando implantar uma segurança criativa aliada a uma pedagogia criativa.

Dentre as iniciativas, destacam-se o estímulo aos movimentos comunitários, a realização de estudos universitários sobre a questão da violência e a organização de cursos destinados aos guardas de segurança (com o objetivo de treiná-los para que assumam uma posição mais “humanista” no desempenho de suas funções). Procura-se incentivar também a construção de escolas menores (com no máximo 300 alunos).

Uma estratégia que tem alcançado um impacto muito significativo é a formação de grupos de 40 jovens, sendo que 20 deles são escolhidos entre líderes positivos e 20 são escolhidos entre líderes negativos (jovens que têm atitudes violentas, envolvimento com drogas etc.). Esses grupos têm aulas todas as manhãs, de maneira a se configurar um espaço onde os jovens possam trocar experiências entre si.

### Resultados Obtidos

- Reformulação do papel da segurança no espaço escolar, buscando sua “humanização”;
- Resgate do espaço escolar como sede dos processos educativos.

## *Mobilização Social e Comunicação*

- Programa Crer Para Ver - SP 158
- Pacto de Minas pela Educação - MG 159
- Comunicação pela Infância - O Jornalista Amigo da Criança - DF 160
- Futura: o Canal do Conhecimento – Mobilização Comunitária - RJ 161
- Comunicação e Mobilização Social - PR 162
- Acorda Brasil: Está na Hora da Escola! - DF 163
- A Importância do Estudante de Administração na Área Social - SP 164
- Saúde e Alegria - PA 165
- Projeto Inter-Ação - RJ 166
- Fórum Permanente de Secretários e Dirigentes Municipais de Educação do Sul e Sudeste do Pará - PA 167
- Prefeito Criança 168
- Empresa Amiga da Educação: Se Liga, Galera! - DF 169

## Programa Crer Para Ver - SP

### Fundação Abrinq

#### Objetivos Principais

- Apoiar a iniciativa e a criatividade escolar e comunitária, em favor da melhoria da qualidade de aprendizagem das crianças que freqüentam a pré-escola e o ensino fundamental da rede pública;
- Oferecer à sociedade oportunidades de participação em ações que visem a sua transformação, contribuindo para o fortalecimento da cidadania.

#### Descrição da Proposta

O programa oferece apoio a projetos elaborados pela comunidade que tenham como objetivo mobilizar a sociedade em torno das questões da infância, promovendo o engajamento social e, especialmente, empresarial. Uma das preocupações básicas é contribuir para a melhoria da qualidade da pré-escola da rede pública de ensino.

As iniciativas são coordenadas por um comitê diretor formado por representantes da Fundação Abrinq e da empresa Natura, e por um comitê técnico composto por consultores da área de Educação com representatividade nacional. Os recursos são captados através da comercialização de alguns produtos (linha de cartões, de embalagens e de camisetas). Toda a renda é revertida para o Fundo de Projetos em Educação Crer para Ver.

Os projetos apoiados pelo Crer para Ver devem obedecer aos seguintes critérios: incentivar mudanças nas relações de aprendizagem; ter como finalidade o benefício do aluno; ser um projeto de caráter multiplicador; possibilitar inovações junto ao público-alvo; estar de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente; apresentar características de ousadia e comprometimento; garantir sua continuidade.

Além disso, o Crer para Ver apresenta como linhas de atuação: a) o estímulo à gestão democrática da escola através de ações que envolvam a família, a comunidade etc.; b) o aprimoramento das práticas educativas através da mudança no enfoque dos conteúdos, da melhoria no tratamento dos conteúdos, ou da inserção de novos conteúdos.

#### Resultados Obtidos

- Até o momento, já foram apoiados 49 projetos, envolvendo 143.165 alunos em 1.000 escolas de 16 estados brasileiros.

## Pacto de Minas pela Educação - MG

### Fundação Laura Andrade

#### Objetivos Principais

- Proporcionar o ingresso, o regresso, a permanência e o sucesso das crianças e adolescentes de 7 a 14 anos na escola;
- Complementar as atividades escolares, preparando crianças e adolescentes para o século XXI;
- Assegurar assistência pedagógica e psicológica gratuita a todas as crianças e adolescentes.

#### Descrição da Proposta

Iniciado em 1994 e com atuação voltada para crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos, em mais de 300 municípios, a característica central deste programa é o fato de ele ser um movimento pluralista, independente e informal, uma vez que reúne cidadãos de várias profissões, com diferentes graus de escolaridade, sem qualquer orientação religiosa ou político-ideológica. O trabalho é desenvolvido pela ação cidadã de centenas de pessoas que, voluntária e anonimamente, estão provocando uma mudança significativa no panorama da educação no Estado de Minas Gerais.

Trata-se de um trabalho que se realiza no espaço e no tempo que configuram o trajeto do estudante entre a porta de sua casa e o portão da escola. É aí que atuam os chamados “anjos do quarteirão”, isto é, pessoas que ficam atentas para casos de crianças e adolescentes que porventura deixem de ir à escola. Quando isso acontece, a comunidade e suas lideranças agem para identificar os problemas que estão ocorrendo e tentam encontrar soluções para os mesmos.

#### Resultados Obtidos

- Articulação de uma rede informal de cidadania que mobiliza grande número de pessoas;
- O programa tornou-se referência metodológica por suas características pluralistas e universais;
- Redução nos índices de evasão e repetência escolares;
- Melhoria das condições de aprendizagem dos participantes do programa.

## Comunicação pela Infância - O Jornalista Amigo da Criança - DF

ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância)

### Objetivos Principais

- Selecionar, a partir das páginas policiais dos jornais, matérias relacionadas com a infância e a adolescência;
- Difundir boas notícias relacionadas com temas sobre a infância e a adolescência, bem como denunciar os desrespeitos aos Direitos da Criança e do Adolescente;
- Contribuir para uma mudança de cultura no jornalismo sobre a infância e a adolescência, assessorando a imprensa através de análises das conseqüências resultantes das notícias que enfatizem esse tema.

### Descrição da Proposta

A ANDI é uma organização não governamental formada há 7 anos pela jornalista Âmar de Barros, que se dedica à análise da mídia e ao desenvolvimento de estratégias para a formação de jornalistas especializados em temas da infância. É composta por uma equipe de 22 pessoas, entre profissionais e estudantes.

O trabalho desenvolvido pela ANDI parte do princípio de que os jornalistas não são capazes de cobrir um determinado assunto com êxito se não o fizerem diariamente. Por isso, a ANDI realiza uma análise quantitativa do espaço que a mídia dedica à criança e ao adolescente, elaborando gráficos que são enviados a alguns dos principais veículos de informação do País.

A ANDI tem como paradigma um jornalismo que consiga conciliar as funções de denúncia de problemas — o que, por si só, representa uma contribuição para a busca de soluções para os mesmos — e de divulgação de projetos que tenham alcançado resultados positivos.

Como boa parte da atuação da ANDI está voltada para a questão da educação, um de seus desafios é contribuir para a mudança da imagem que os professores têm na mídia, uma vez que são tratados sempre como mártires, vítimas de seus baixos salários e das péssimas condições de trabalho. A ANDI se preocupa em difundir experiências de professores que são capazes de vencer essas adversidades, garantindo a seus alunos um ensino de qualidade.

### Resultados Obtidos

- Segundo análise da ANDI, no ano de 1997, o espaço dedicado à questão da educação na mídia apresentou aumento de 72% em relação ao ano anterior.

## Futura: o Canal do Conhecimento – Mobilização Comunitária - RJ

Fundação Roberto Marinho

### Objetivos Principais

- Transmitir conhecimentos úteis e prestar serviços à população brasileira;
- Capacitar, acompanhar e avaliar o uso da programação transmitida.

### Descrição da Proposta

O Canal Futura iniciou suas transmissões em maio de 1997, tendo como objetivo ser um Canal de TV de Educação, voltado para todos os cidadãos brasileiros e em especial para as instituições públicas de todo o País (creches, escolas, associações comunitárias e assistenciais).

A distribuição dos pontos do Canal Futura é gratuita e a programação fica 24 horas no ar, sem intervalos comerciais. Os intervalos são preenchidos com interprogramas ou com informações de interesse público. Através de seus programas, o Canal Futura tem o compromisso de promover o espírito comunitário, a ética, o espírito empreendedor e o pluralismo cultural e educacional.

Uma vez por mês há o “dia temático”, em que a programação é inteiramente dedicada à divulgação de informações, eventos e projetos relacionados ao tema escolhido. Nesse dia, são disponibilizados mecanismos de comunicação, a fim de que a comunidade possa participar, opinando sobre os programas transmitidos.

Além disso, o Canal Futura preocupa-se em estar em contato com escolas e instituições onde são desenvolvidos trabalhos sérios e inovadores, a fim de divulgar experiências realizadas no Brasil e no resto do mundo.

### Resultados Obtidos

- Disponibilização gratuita da programação para mais de 1.000 instituições públicas em diversos estados brasileiros.



## Comunicação e Mobilização Social - PR

### Secretaria de Estado da Educação do Paraná

#### Objetivos Principais

- Mobilizar a população do Estado do Paraná para a melhoria da qualidade do ensino, incentivando a participação na vida da escola pública;
- Manter a comunidade informada sobre as ações voltadas para a melhoria da qualidade do ensino público realizadas pelo governo do Estado do Paraná.

#### Descrição da Proposta

Este projeto teve início em 1996, quando uma equipe de jornalistas especializados em educação realizou uma pesquisa segundo a qual uma das grandes dificuldades da educação pública relacionava-se à falta de comunicação com a comunidade, pois esta desconhecia o trabalho realizado pelas escolas da rede pública de ensino. Ao mesmo tempo, verificou-se que as escolas mais bem-sucedidas eram aquelas que mantinham um grande envolvimento com a comunidade.

Em função dessas constatações, foram implantados instrumentos de comunicação com o público e deu-se início a uma campanha destinada a atingir toda a população paranaense, a fim de estimular seu envolvimento com a escola pública. A Secretaria Estadual da Educação passou a enviar informações semanalmente aos veículos de comunicação de massa, entrevistas coletivas foram organizadas junto aos Núcleos Regionais de Educação e várias pessoas foram capacitadas como multiplicadoras da imprensa local.

Além disso, a Secretaria da Educação organizou a produção mensal de alguns boletins informativos: *Jornal da Educação* (enviado para as residências dos professores); *Jornal Direção* (relacionado a questões administrativas, é enviado para todas as escolas); *Jornal das APMs*; *Jornal Pessoal da Educação* (voltado para funcionários com funções administrativas). Há ainda o *Jornal da Secretaria*, que circula semanalmente em forma de mural, e as *Teleconferências*, que são programadas e transmitidas através de um canal de satélite.

#### Resultados Obtidos

- Aumento do número de Associações de Pais e Mestres, que passaram de 500 para 1.850;
- Implantação do *Correio da Comunicação*, que é utilizado como instrumento de verificação das necessidades e motivações da comunidade escolar.

## Acorda Brasil: Está na Hora da Escola! - DF

Ministério da Educação e do Desporto – MEC

### Objetivos Principais

- Divulgar ações do governo federal na área da Educação;
- Sensibilizar as lideranças políticas e mobilizar a população no sentido de torná-la agente de mudanças da educação;
- Estimular o senso de responsabilidade do cidadão para com a educação pública.

### Descrição da Proposta

Em 1995, o governo federal lançou a campanha de mobilização “Acorda Brasil: Está na Hora da Escola!”, cujo objetivo é sistematizar um plano de comunicação social para o MEC, esclarecendo os cidadãos a respeito de seus direitos e deveres em relação à educação.

Dentre as iniciativas adotadas no âmbito desta campanha destacam-se o estabelecimento de parcerias com o setor empresarial; a realização de um ciclo de palestras em todo o País (voltadas para disseminação da nova filosofia de trabalho do MEC); a criação do serviço de atendimento telefônico gratuito “Fala Brasil” (destinado ao envio de reclamações, críticas, denúncias, sugestões e esclarecimentos em geral); e a organização do “Banco de Ações Educacionais” (o qual registra ações de parceria bem-sucedidas que são colocadas à disposição da população).

O programa parte de três premissas básicas para a mobilização pró-educação: a) Vontade política clara no sentido de garantir o acesso à escola e de buscar a melhoria da qualidade do ensino fundamental; b) Apoio social resultante de parcerias espontâneas; c) Existência de uma cultura da educação e ambiente alfabetizado (melhoria dos índices educacionais).

### Resultados Obtidos

- Criação de espaço específico nos meios de comunicação e de encontros com formadores de opinião (artistas, escritores, comunicadores e outros) a fim de estimulá-los a incluir a educação como tema de seus trabalhos;
- Revitalização dos grêmios estudantis, com o objetivo de ampliar a participação dos jovens em suas escolas;
- Realização de mutirões destinados a assegurar que nenhuma criança em idade escolar fique fora da escola.

## A Importância do Estudante de Administração na Área Social - SP

Fundação Getúlio Vargas - FGV

### Objetivos Principais

- Desenvolver o conceito de cidadania empresarial nos estudantes dos cursos de Administração;
- Dar oportunidade aos alunos desses cursos de colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

### Descrição da Proposta

O projeto é coordenado pela Federação Nacional dos Estudantes de Administração e teve início em 1996. Buscando uma maior integração entre a comunidade universitária e a área social, o projeto incentiva alunos de administração a elaborar soluções inovadoras que viabilizem a auto-suficiência administrativa e financeira de entidades sociais.

Para participar do projeto, o aluno deve formar uma equipe composta de ao menos um estudante de Administração e de um professor-orientador. As propostas passam por uma seleção e os vencedores recebem um prêmio que deve ser destinado à implementação das soluções elaboradas, além de servir de bolsa-auxílio aos integrantes da equipe.

### Resultados Obtidos

- Até o momento, foram implementados 10 projetos desenvolvidos por estudantes de Administração;
- Dentre as propostas vencedoras que foram elaboradas por alunos da Fundação Getúlio Vargas, encontram-se trabalhos voltados para comunidades indígenas e para a inserção de profissionais tetraplégicos no mercado de trabalho.

## Saúde e Alegria - PA

### Centro de Estudos de Promoção Social e Ambiental

#### Objetivos Principais

- Apoiar processos participativos e integrados de desenvolvimento comunitário global;
- Estabelecer o controle da saúde familiar e da comunidade em geral;
- Contribuir de maneira demonstrativa, por meio de experiências concretas, para a constituição de políticas sociais e ambientais na Amazônia.

#### Descrição da Proposta

O projeto "Saúde e Alegria" atua na Amazônia desde 1987 junto a 17 comunidades e 94 sublocalidades ribeirinhas extrativistas dos rios Amazonas, Tapajós e Amapá. Trata-se de um projeto experimental de desenvolvimento comunitário integrado, com atividades que giram em torno de programas básicos nos setores de organização e gestão comunitária, saúde, produção agroflorestal, educação, comunicação popular e pesquisa participativa. A população-alvo vive em regiões onde, em grande parte dos casos, não existem escolas ou postos de saúde.

Através das apresentações do "Gran Circo Macorongo" — que se desloca constantemente e fica de 2 a 3 dias em cada localidade —, as informações são transmitidas descontraidamente, de maneira que as pessoas aprendem a criar e brincam para aprender.

Profissionais de várias áreas trabalham integrados às comunidades, incluindo médicos, nutricionistas, veterinários, agrônomos, ambientalistas e educadores. Dentre as atividades destacam-se o combate ao uso abusivo de remédios; a realização de consórcios de arroz, milho e feijão para melhoria das hortas familiares; a utilização de ervas medicinais; e o desenvolvimento da educação ambiental.

#### Resultados Obtidos

- Formação da rede de "monitores da saúde", rede intercomunitária de correspondentes rurais jovens, conselho intercomunitário e "monitores mirins";
- Redução da mortalidade infantil e controle de diarreia;
- Aumento da produção de alimentos e comercialização de artesanato;
- A partir de 1997, o projeto foi ampliado para mais 10 comunidades localizadas na Floresta Nacional do Tapajós, abrangendo uma população de aproximadamente 20.000 habitantes.

## Projeto Inter-Ação - RJ

Associação Projeto Roda Viva

### Objetivos Principais

- Promover a articulação entre governo e sociedade civil, através de um sistema integrado, tendo em vista a melhoria de atendimento a crianças e jovens de baixa renda.

### Descrição da Proposta

O projeto parte da convicção de que é indispensável incentivar parcerias, comprometendo a sociedade civil, o governo e, sempre que possível, o setor privado. A área de atuação se divide em quatro grandes regiões da cidade do Rio de Janeiro: Zona Sul (Rocinha), Zona Norte (Borel), Zona Oeste (Campo Grande) e Centro (Caju).

Inicialmente foi realizado um grande seminário, com 2 dias de duração, do qual participaram representantes de diversos setores de atendimento a crianças e adolescentes, tais como saúde, educação, direitos, profissionalização, esportes etc. A partir daí foram delineados alguns planos de ação, dentre os quais se destacam a organização de inúmeros programas de capacitação de pessoal e o lançamento do “Guia de Programas e Serviços de Atendimento à Criança e ao Adolescente” — cujo objetivo é oferecer um mapa das instituições existentes nas áreas de abrangência do programa, a fim de facilitar o estabelecimento de parcerias.

Esse trabalho inicial foi coordenado por três universidades: UFRJ, PUC-RJ e UERJ.

### Resultados Obtidos

- Atualmente, o projeto já conta com guias para as diferentes áreas, elaborados pelos próprios moradores e orientados pelos coordenadores de pesquisa. Conta também com um banco de dados, programas de capacitação de pessoal, desenvolvimento de estudos e pesquisas etc;
- As parcerias estabelecidas até o momento com a União Européia (patrocínio principal), Unicef, Xerox do Brasil, Fleishman Royal e outras parcerias menores demonstram que as articulações previstas inicialmente puderam efetivamente ser realizadas;
- Foram treinados 1.000 educadores, 98 projetos receberam apoio financeiro e 30 mil crianças e/ou adolescentes estão sendo direta ou indiretamente beneficiados.

## Fórum Permanente de Secretários e Dirigentes Municipais de Educação do Sul e Sudeste do Pará - PA Associação dos Municípios do Araguaia e Tocantins - AMAT

### Objetivos Principais

- Troca de experiências, mobilização pelos principais temas da educação, integração entre os secretários e dirigentes municipais de educação das regiões Sul e Sudeste do Pará.

### Descrição da Proposta

O Fórum Permanente foi criado em 1993 e é composto de secretários municipais que se reúnem de 3 em 3 meses. As associações dos municípios se encarregam de fiscalizar o cumprimento das decisões tomadas durante essas reuniões.

No início, apenas os secretários e alguns funcionários das respectivas secretarias participavam desses encontros. Atualmente, os professores também estão participando. Alguns dos temas já debatidos são os seguintes: regulamentação das escolas; evasão e reprovação escolares; constituição da nova LDB; municipalização da educação; planos de cargos e salários; alfabetização e regimes multisseriados; interiorização das universidades; educação infantil; financiamento para a educação; fundo escola; bolsa escola; qualidade da educação.

Dentre as ações implementadas, destacam-se: diagnóstico da situação da educação na região; publicação de um livro-relatório; reestruturação do Projeto Gavião; publicação de um livro com o apoio do Unicef sobre os municípios das regiões Sul e Sudeste do Pará, já que os professores não tinham onde pesquisar e obter informações sobre essas regiões; publicação do "Livro da Criança — Crianças e Adolescentes Criando seus Direitos".

### Resultados Obtidos

- Integração e troca de experiências entre os professores da região;
- Mobilização pela criação do Fundo Municipal de Educação;
- Implementação de pólos universitários;
- Instituição dos Conselhos Municipais de Educação;
- Implementação dos Sistemas Municipais de Educação;
- Incentivo à criação da UNDIME no Estado;
- Prêmio Itaú-Unicef na categoria "Mobilização pela Educação".

## Prefeito Criança

### Fundação Abrinq

#### Objetivos Principais

- Estabelecer metas, tendo a infância como prioridade;
- Comunicação entre prefeitos de diferentes realidades para troca de experiências e informações.

#### Descrição da Proposta

O projeto reúne prefeitos de várias cidades que, por meio de uma carta-compromisso, assumiram a responsabilidade de atingir algumas metas durante suas gestões, tendo a infância como prioridade. A cada um deles foi enviado o “Mapa da Criança”, contendo dados sobre o perfil das crianças de seus respectivos municípios e as metas que eles deveriam atingir em termos de saúde e educação.

Os recursos para o desenvolvimento das ações propostas são mobilizados através de parcerias com empresários dos municípios e, por meio do “Mapa da Criança”, os prefeitos prestam conta a esses parceiros.

Outro aspecto do projeto é a formação de uma rede entre os prefeitos participantes, por meio da qual eles se comunicam, trocam idéias e se ajudam uns aos outros. Está prevista a realização de um encontro que terá como objetivo criar um trabalho planejado e elaborar novos projetos.

#### Resultados Obtidos

- Adesão de empresários para a realização da proposta;
- Formação de uma rede de prefeitos para troca de experiências;
- Cumprimento das metas propostas.

## Empresa Amiga da Educação: Se Liga, Galera! - DF

### Sasse Seguros

#### Objetivos Principais

- Formar lideranças juvenis populares, a fim de que esses jovens assumam o papel de mobilizadores sociais;
- Promover uma educação para a cidadania;
- Oferecer oportunidades diferenciadas aos jovens para que possam viver como cidadãos capazes de transformar sua realidade.

#### Descrição da Proposta

Este programa foi elaborado de forma a garantir a cidadania do adolescente, favorecendo a formação da consciência crítica e buscando a elevação da auto-estima dos participantes, sobretudo através do reconhecimento de seu potencial e de suas habilidades pessoais.

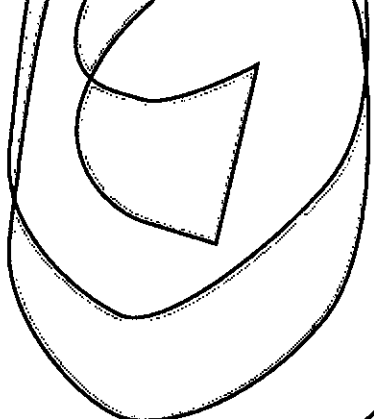
A população-alvo é composta de adolescentes que têm entre 13 e 17 anos, matriculados na rede pública de ensino das cidades-satélites do Distrito Federal. O objetivo é desenvolver atitudes positivas de participação e desenvolvimento pessoal. Através de uma postura de comunicação aberta, são detectados os problemas que afetam a vida dos alunos e procura-se encontrar soluções para os mesmos.

Dentre as atividades do programa, destacam-se a relação do adolescente com instituições representativas, a organização de coordenações pedagógicas, a realização de rodas de discussão (debates de vivências) sobre qualidade de vida, direito à natureza, vocação profissional e Estatuto da Criança e do Adolescente. O programa realiza ainda oficinas criativas de teatro, música, dança e artes plásticas.

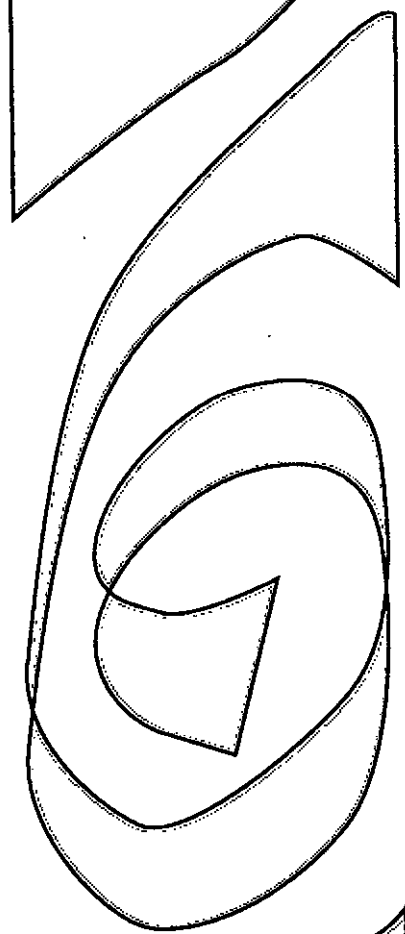
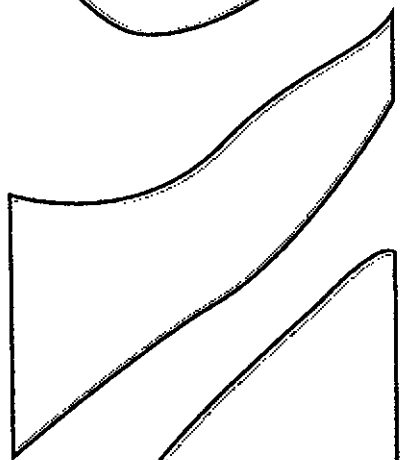
#### Resultados Obtidos

- Participação dos alunos em programas temáticos (sexualidade; drogas; educação holística; cidadania; mobilização social);
- Maior rendimento escolar;
- Melhora no índice de aprovação dos alunos que participam do programa;
- Criação de um ambiente de solidariedade e companheirismo entre os alunos que participam do programa.





BALCÃO DE  
IDÉIAS: Criando  
e Expondo



## *Balcão de Idéias: Criando e Expondo*

- Movimento - O Direito é Aprender -RS 173
- Futura - O Canal do Conhecimento – RJ; 173
- Jornal O Radical e Jornal Contatos do 1º Grau – DF; 173
- TUCUM - Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério – MT; 173
- Casa do Pequeno Jardineiro – MG; 174
- Escola da Natureza – CE; 174
- Linha do Conhecimento com Oficina de Fotografia – PR; 174
- EDISCA - Dança e Movimento para a Vida – CE; 175
- CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Educação Comunitária – SP; 175
- Aprendiz do Futuro – PR. 176

**Experiência :** Movimento - O Direito é Aprender

**Instituição:** FAMURS (Federação da Associação dos Municípios do Rio Grande do Sul) - RS

**Descrição:** O Movimento - O Direito é Aprender é um espaço informal de pessoas e instituições voltado para a mobilização do cidadão e dos diversos segmentos sociais na defesa e promoção da educação enquanto direito. O Movimento tem como objetivo elevar os níveis de consciência de cidadania, comprometendo a sociedade com a garantia de acesso, regresso, permanência e sucesso da criança e do adolescente na escola.

**Experiência :** Futura - O Canal do Conhecimento – RJ

**Instituição:** Fundação Roberto Marinho

**Descrição:** Os objetivos e iniciativas do Canal Futura encontram-se descritos na seção *Relatos de Experiências* deste volume. Durante o seminário, o Canal Futura utilizou-se do Balcão de Idéias para distribuir revistas e apresentar mais detalhadamente os trabalhos realizados por sua equipe.

**Experiência:** Jornal O Radical - Contatos do 1º Grau – DF

**Instituição:** Fundação Athos Bulcão

**Descrição:** Com uma linguagem dinâmica, o jornal O Radical discute temas do universo jovem. Segundo seus leitores, trata-se de um “jornal gostoso de ler, porque tem de tudo um pouco”. Os principais temas abordados são sexualidade, drogas e música. O jornal tem como principais objetivos estimular o interesse dos jovens para ampliar seus conhecimentos e mostrar a eles que a leitura pode ser uma prática prazerosa.

**Experiência:** TUCUM - Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério – MT

**Instituição:** Secretaria Estadual da Educação do Mato Grosso/Coordenadoria de Assuntos Indígenas

**Descrição:** O projeto TUCUM realiza um trabalho sobre a língua, a arte e o artesanato de 27 povos indígenas do Mato Grosso. No Balcão, foram expostos um conjunto de técnicas utilizadas na produção artesanal indígena e materiais didáticos e literários de apoio ao ensino bilíngüe (língua materna e português). Os objetivos e iniciativas deste projeto encontram-se descritos na seção “Relatos de Experiências”.

**Experiência:** Casa do Pequeno Jardineiro – MG

**Instituição:** AMAC – Associação Municipal de apoio Comunitário

**Descrição:** Os objetivos e iniciativas da Casa do Pequeno Jardineiro encontram-se descritos na seção *Relatos de Experiências*. O Balcão de Ideias foi utilizado para exposição de fotos, painéis e folders sobre os trabalhos realizados no âmbito deste programa.

**Experiência:** Escola da Natureza – CE

**Instituição:** Fundação Terra/Fundação do Trabalho Educacional com Recursos Renováveis e Arte

**Descrição:** Este projeto tem como público beneficiário alunos de 1ª a 4ª séries do ensino público fundamental de quatro comunidades rurais localizadas na Área de Proteção Ambiental (APA) do maciço do Baturité, estado do Ceará. O objetivo é complementar o ensino fundamental através de oficinas de arte sobre temáticas ambientais. Dessa forma, o projeto favorece a melhoria da qualidade do ensino, auxilia professores no desenvolvimento de tarefas cotidianas e incentiva o gosto por atividades escolares.

**Experiência:** Linha do Conhecimento - Ônibus da Oficina de Fotografia – PR

**Instituição:** Fundação Cultural de Curitiba

**Descrição:** Este é um dos subprojetos incluídos no programa Linhas do Conhecimento, cujos objetivos e iniciativas encontram-se des-

critos na seção *Relatos de Experiências* deste volume. Trata-se de uma oficina de fotografia destinada às crianças e adolescentes integrantes dos projetos Piás. A oficina baseia-se em um trabalho com máquinas fotográficas construídas de forma artesanal, com caixas de papelão, latas de alumínio e outros materiais, a partir do qual os jovens aprendem técnicas de fotografia e de revelação de filmes.

### **Experiência EDISCA - Dança e Movimento para a Vida – CE**

**Instituição:** Edisca – Escola de Dança e Integração social para Crianças e Adolescentes

**Descrição:** Os objetivos e iniciativas da EDISCA encontram-se descritos na seção *Relatos de Experiências* deste volume. O Balcão de Idéias foi utilizado para apresentar uma amostra dos trabalhos realizados por crianças e adolescentes a partir de técnicas de artes plásticas, embora seja a modalidade cênica a maior projeção desse centro de convivência, que já recebeu o PRÊMIO FUNARTE de melhor coreografia, com a peça *Jungurussu*.

**Experiência:** Produção de materiais diversificados para apoio ao magistério e instituições não governamentais- SP

**Instituição:** CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Educação Comunitária

**Descrição:** O CENPEC é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, comprometida com a melhoria da qualidade da educação pública brasileira. O foco central de suas ações é a escola, uma vez que esta é entendida como o primeiro espaço de educação formal instituído para o desenvolvimento de cidadãos. Neste sentido, a finalidade dos trabalhos realizados pelo CENPEC é contribuir para a formação de cidadãos ativos que, conscientes de seus desejos, deveres e possibilidades, possam construir uma sociedade justa e democrática. As principais áreas de atuação são: Prática Pedagógica; Gestão Escolar; Gestão de Sistemas e Políticas Públicas Educacionais; Educação e Comunidade.

**Experiência:** Aprendiz do Futuro – PR

**Instituição:** Secretaria de Estado da Educação do Paraná

**Descrição:** Criado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, a partir da idéia do jornalista Gilberto Dimenstein, este projeto tem como objetivo aliar a tecnologia de comunicação, através das redes de computadores (Internet), às discussões e propostas de ação sobre temas relacionados à cidadania e educação. Desta maneira, o projeto prevê a capacitação de professores interessados na utilização pedagógica da Internet e a realização de pesquisas por estudantes, na comunidade local, tendo como ponto de partida o livro *Aprendiz do Futuro; cidadania hoje e amanhã*, de autoria do jornalista. A intenção é a de que, mediante consultas à Internet, a visão sobre as problemáticas seja ampliada, possibilitando a troca com outros interessados, em qualquer parte do mundo. O projeto pretende, a partir da divulgação e intercâmbio das produções construídas nas escolas, desenvolver comunidades de permanente aprendizagem no sistema educacional.

# ENDEREÇOS

# *Instituições Responsáveis pelas Experiências Apresentadas*

## **Ação Educativa**

Av. Higienópolis, 901 - Sala 32  
São Paulo - SP  
CEP: 01238-001  
Fone: (011) 825-5544 / 3666-1082

## **AMAC – Associação Municipal de Apoio Comunitário**

Av. Brasil, 1000 - 3ª and. - Costa  
Carvalho  
Juiz de Fora - MG  
CEP: 36070-060  
Fone: (032) 215-3443

## **AMAT – Associação dos Municípios do Araguaia e Tocantins**

Av. Conselheiro Furtado, 1440  
Belém - PA  
CEP: 66035-350  
Fone: (091) 242-1329  
Fax: (091) 242-0005

## **ANCA - Associação Nacional de Cooperativas Agrícolas**

Rua Prof. Cristiano Fischer, 206 -  
Petrópolis  
Porto Alegre - RS  
CEP: 91410-000  
Fone: (051) 338-3768

## **ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância**

SDS - Ed. CONIC, Bloco A - Sala 101  
Brasília - DF  
CEP: 70.391-900  
Fone: (061) 322-6508

## **APROESP - Associação de Professores e Servidores Públicos do Estado de São Paulo**

Rua Sete de Setembro, 313 - Sala 08  
São José dos Campos - SP  
CEP: 12210-260  
Fone: (012) 323-1741  
Fax: (012) 336-2364

## **Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária**

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 38  
São Paulo - SP  
CEP: 01410-000  
Fone: (011) 286-0766/251-0905

## **Associação Roda Viva**

Rua Fonseca Teles, 121 - 8ª andar  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP: 20940-200  
Fone: (021) 580-4345/589-6157

## **Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental**

Travessa Dom Amado, 697  
Santarém - PA  
CEP: 68005-420  
Fone: (091) 523-1083/522-5144

## **CDI – Comitê de Democratização da Informática**

Rua Haddock Lobo, 7478 - Estácio  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP: 20260-132  
Fone: (021) 273-6648  
Fax: (021) 273-6647



**CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento**

Rua Paraisópolis, 80  
Belo Horizonte - MG  
CEP: 31010-330  
Fone: (031) 463-6357/ 463-0012

**CTA – Centro dos Trabalhadores da Amazônia**

Av. Epaminondas Jácome, 1427 –  
Cadeia Velha  
Rio Branco – AC – Caixa Postal 389  
CEP: 69908-420  
Fone: (068) 224-8231/224-6329  
Fax: (068) 223-1849

**Coletivo Refazendo**

Rua Lopes de Carvalho, 320 -  
Madalena  
Recife - PE  
CEP: 50610-170  
Fone: (081) 445-0339  
e-mail: refa@elogica.com.br

**CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes**

Rua Gregório de Mattos, 21 - 1ª e 2ª  
andares - Pelourinho  
Salvador - BA  
CEP: 40025-060  
Fone: (071) 321-3041/322-1334

**EDISCA – Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes**

Rua Dragão do Mar, 326 - Praia de  
Iracema  
Fortaleza - CE  
CEP: 60060-390  
Fone: (085) 231-2693  
Fax: (085) 219-0693

**FAMURS - Federação da Associação dos Municípios do Rio Grande do Sul**

Rua Celeste Gobbato, 202/229  
Porto Alegre - RS  
CEP: 90110-160  
Fone: (051) 224-6455 R.312

**FENEAD – Federação Nacional de Estudantes de Administração**

Av. 9 de Julho, 2029 - 1ª and.  
São Paulo - SP  
CEP: 01313-902  
Fone: (011) 281-7908

**Fundação ABRINQ**

Rua Lisboa, 224 – Jardim América  
São Paulo - SP  
CEP: 05413-000  
Fone: (011) 881-0699

**Fundação Athos Bulcão**

SAM Quadra 1 - Bloco E  
Brasília - DF  
CEP: 70040-200  
Fone: (061) 322-7801

**Fundação Cultural de Curitiba**

Rua Claudino dos Santos, 100  
Curitiba - PR  
CEP: 8010250  
Fone: (041) 322-1525 R. 2354

**Fundação Laura Andrade**

Rua João Carlos, 842 - Sagrada  
Família  
Belo Horizonte - MG  
CEP: 31030-360  
Fone: (031) 481-1188

**Fundação Odebrecht**

Alameda Espatodias, 915 - 4ª andar  
– Caminho das Árvores  
Salvador - BA  
CEP: 41827-900  
Fone: (071) 340-1557/340-1668

**Fundação do Programa Social de Mato Grosso do Sul**

Parque dos Poderes - Bloco 3  
Campo Grande - MS  
CEP: 79031-902  
Fone: (067) 726-3886/726-4033

**Fundação Projeto Pescar**

Av. dos Estados, 111  
Porto Alegre - RS  
CEP: 90200-000  
Fone (051) 337-3333

**Fundação Roberto Marinho**

Av. Paulo de Frontin, 568  
Rio Comprido - RJ  
CEP: 20261-243  
Fone: (021) 502-3233 / 293-1963

**Fundação Terra -  
Fundação do Trabalho  
Educativo com Recursos  
Renováveis e Arte**

Rua Joaquim Alves Nogueira, 588 -  
Sala 7 - Centro Comercial  
Guaramiranga - CE  
CEP: 62766-000  
Fone/Fax: (085) 321-1113

**Instituto Ayrton Senna**

Rua Olavo Egídio, 287 - 10º andar  
São Paulo - SP  
CEP: 02037-000  
Fone: (011) 69500440  
Fax: (011) 6950-8007

**Instituto Candango de  
Solidariedade / Fundação de  
Serviço Social**

SGAN, 916 - Módulo F, Quadra 916,  
Área Especial  
Brasília - DF  
CEP: 70790-160  
Fone: (061) 274-5005/274-5893

**IPAM - Instituto de Pesquisa e  
Ação Modular**

SCN - Quadra 1, Bloco A - 12º andar -  
Ed. Number One  
Brasília - DF  
CEP: 70750-510  
Fone: (061) 329-2787

**Lar Recanto do Carinho**

Av. Jacarandá, 1859 - Balneário  
Daniela  
Florianópolis - SC  
CEP: 88053-005  
Fone (048) 282-4343

**Lar São Domingos**

Av. Gustavo Paiva, 4291 -  
Mangabeira  
Maceió - AL  
CEP: 57032-000  
Fone: (082) 325-1385

**Liceu de Artes e Ofícios da Bahia**

Rua Guedes de Brito, 14 - Centro  
Histórico  
Salvador - BA  
CEP: 40260-120  
Fone: (071) 321-9159/322-1449

**Ministério da Educação e do  
Desporto / Acorda Brasil**

Esplanada dos Ministérios  
Bloco L, 9º and., sala 926 - Brasília -  
DF  
CEP: 70047-900  
Fone: (061) 410-8807

**Ministério da Educação e do  
Desporto/ Secretaria de Educação  
à Distância**

Esplanada dos Ministérios - Bloco L  
Anexo I - 3º andar, sala 327  
Brasília - DF  
CEP: 700478092  
Fone: (061) 410-8092

**MOC Movimento de Organização Comunitária/ Universidade Estadual de Feira de Santana**

Rua Pontal, 61 - Cruzeiro  
Feira de Santana - BA  
CEP: 44017-170  
Fone: (075) 221-1393 / 221-1604

**Pinhais Empreendimentos**

Rua Paranavaí, 1996  
Pinhais - PR  
CEP: 8324-390  
Fone: (041) 368-2168

**Prefeitura Municipal de Icapuí**

Rua Praça Adauto Rofeo, 1229  
Icapuí - CE  
CEP: 62810-000  
Fone: (088)432 - 1200

**Prefeitura Municipal de Pato Branco e SEBRAE-PR**

Av. Tupi, 2159 - 1ª andar  
Pato Branco - PR  
CEP: 85501-000  
Fone: (046) 225-2055

**Secretaria Estadual da Criança e Assuntos da Família**

Rua Mal. Hermes, 751 - Edifício.  
Afonso Camargo - Centro Cívico  
Curitiba - PR  
CEP: 80530-230  
Fone: (041) 253-0348

**Secretaria de Estado da Educação do Amapá**

Av. FAB, 96 - Centro  
Macapá - AP  
CEP: 68906-000  
Fone: (096) 212-5111/212-5274

**Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso e Coordenadoria de Assuntos Indígenas**

Av. Getúlio Vargas, 451 - Centro  
Cuiabá - MT  
CEP: 78005-600  
Fone/ Fax: (065) 624-8105

**Secretaria do Estado da Educação e Cultura do Pará**

Rodovia Augusto Montenegro, Km 10,  
s/nº - Icoaraci  
Belém - PA  
CEP: 66820-000  
Fone: (091) 248-2744/248-2060/248-1998

**Secretaria de Estado da Educação do Paraná**

**Colégio Estadual Duque de Caxias/ Núcleo Regional de Maringá**

Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 925 - Jardim Alvorada  
Maringá - PR  
CEP: 87033-220  
Fone: 044-228-3837

**Secretaria de Estado da Educação de Pernambuco**

Rua Confederação do Equador, 70  
Recife - PE  
CEP: 52.020-220  
Fone: (081) 222-0247/221-3500

**Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul**

Av. Borges de Medeiros, 1501 -  
Plataforma  
Porto Alegre - RS  
CEP: 90119-900  
Fone: (051) 225-0400

**Secretaria de Educação do Estado  
de São Paulo**

**Delegacia de Ensino Barueri**

Rua da Liberdade, 37

Barueri - SP

CEP: 06411-190

Fone: (011) 7298-1118

**Secretaria de Educação do Estado  
de São Paulo**

**Delegacia de Ensino Ruy Veiga**

Av. 9 de Julho, 170

José Bonifácio - SP

CEP: 15200-000

Fone: (017) 245-1424

**Secretaria Municipal de Educação  
de Belo Horizonte**

Rua Carangola, 288 - Sala 821 -

Santo Antônio

Belo Horizonte - MG

CEP: 30330-240

Fone: (031) 277-8606/277-8592

**Secretaria Municipal de Educação  
de Curitiba**

Rua Mal. Deodoro, 933 - 14ª andar

Curitiba - PR

CEP: 80060-010

Fone: (041) 322-0408

**Sorri Brasil**

Rua Benito Juarez, 70 - Vila Mariana

São Paulo - SP

CEP: 04618-060

Fone: (011) 570-6591/570-8447

**UNDIME - Pernambuco /  
Universidade Federal de  
Pernambuco**

Rua Sport Club s/n - Ilha do Leite

Recife - PE

CEP: 50720-270

Fone (081) 271-8768

*Instituições  
Promotoras do Evento*

**ANDI - Agência de Notícias dos  
Direitos da Infância**

SDS - Ed. CONIC, Bloco A - Sala 101

Brasília - DF

CEP: 70.391-900

Fone: (061) 322-6508 - Fax: 322-4973

E-mail: andi@persocom.com.br

**Banco Itaú**

Rua Boa Vista, 176 - 2º andar

CEP: 01092-900 - São Paulo - SP

Fone: (011) 237-2916/3856-2922

Fax: 237-2109

E-mail: luizmachado@itaú.com.br

**CENPEC**

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 2.045

CEP: 01.441-001 - São Paulo - SP

Fone: (011) 3068-9871

Fax: 3068-9874

E-mail: info@cenpec.org.br

**CONSED - Conselho Nacional de  
Secretários Estaduais de  
Educação**

SCS Qd 08, Ed. Venâncio - Bloco B  
50 sala 210/212

CEP: 70312-971 - Brasília-DF

Fone: (061) 225-9388 / 322-8759

E-mail: consed@zaz.com.br

**Embaixada dos Estados Unidos da  
América**

SES - Avenida das Nações, Lote 3

CEP: 70403-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 321-7272 - Fax: 225-9136

E-mail: marília@usia.gov

**Programa de Parceria nas Escolas - EUA**

Contatos no Brasil:  
 Carlos Steven Bakota  
 Fone (011) 853-8360 - SP  
 Eva Tamara Reichman  
 Fone (011) 852-1395 - SP

**Fundação Victor Civita**

Avenida Nações Unidas, 7221 -  
 Pinheiros  
 CEP: 05477-000  
 São Paulo - SP  
 Fone: (011) 3037-4355  
 Fax: 3037-4357  
 E-mail:  
 guiomar.de.mello@email.abril.com.br

**Futura: o Canal do Conhecimento / Fundação Roberto Marinho**

Av. Paulo de Frontin, 568  
 Rio Comprido - RJ  
 Caixa Postal: 2006  
 Fone: (021) 534-4321/273-3377 R. 290  
 Fax: 293-0898  
 E-mail: canal@futura.org.br

**GIFE - Grupo de Institutos e Fundações do Terceiro Setor**

Alameda Ribeiro Preto, 130 - 1º andar  
 conj. 12 - Bela Vista  
 São Paulo-SP - CEP: 01331-000  
 Fone: (011) 287-2349 / 287-8719  
 E-mail: info@gife.org.br

**Ministério da Educação e do Desporto**

Esplanada dos Ministérios  
 Brasília - DF  
 CEP: 70.047-900  
 Fone: (061) 410-8807  
 Fax: 226-3319  
 E-mail: josecler@acs.mec.gov.br

**SEBRAE- PR - Serviço de Apoio**

Rua Caeté, 124, Prado Velho  
 Curitiba - PR  
 CEP: 80220-300  
 Fone: (041) 332-1006  
 Fax: 330-5768  
 E-mail: diretoria@sebraepr.com.br

**SEED - Secretaria de Estado da Educação do Paraná**

Av. Água Verde, 2140  
 Curitiba - PR  
 CEP: 80.240-900  
 Fone: (041) 340-1526 / 340-1525  
 Fax: 340-1719  
 E-mail: sedearp@pr.gov.br

**UNESCO -**

SAS - Quadra 5, Bloco H, Lote 6 -  
 Ed. CNPQ, 9º andar  
 Brasília - DF  
 CEP: 70070-914  
 Fone: (061) 223-8684 / 223-1923  
 Fax: 322-4261  
 E-mail: uhbrz@unesco.org

**UNICEF - Fundo das Nações Unidas**

W3 Norte, Quadra 510, Bloco A, 1º  
 andar, Ed. Sede do INAN  
 Brasília - DF  
 CEP: 70750-530  
 Fone: (061) 348-1900  
 Fax: 349-0606  
 E-mail: brasilia@unicef.org.br

**UNDIME - União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação**

SAS - Quadra S - Bloco P - Ed. ABM  
 Brasília - DF  
 CEP: 70.070-000  
 Fone: (061) 226-3238  
 Fax: 224-9908

Unicef - São Paulo - 62-9683  
263-9722

Impressão e acabamento

**Cromosete**

GRÁFICA E EDITORA LTDA

Rua Uhland, 307 - Vila Ema

Cep. 03283-000 - São Paulo - SP

Tel/Fax: 011 6104-1176

# EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

AÇÕES CONJUNTAS DA  
ESCOLA E COMUNIDADE

Seminário realizado pela Secretária de Estado da Educação do Paraná, no período de 31 de maio a 3 de junho de 1998, no Centro de Capacitação de Faxinal do Céu, em comemoração aos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O evento mobilizou dirigentes do poder público e da sociedade civil para apresentação de experiências de ações compartilhadas entre escola e comunidade desenvolvidas no Brasil e em outros países. Os trabalhos discutidos revelaram a riqueza criativa das iniciativas e constituem referências fundamentais na construção de uma educação cidadã e democrática.

Promoção:



**MEC**  
Ministério da Educação e do Desporto

